

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Arquitetura

Danielle Barroso Caldeira

O patrimônio cultural na produção do espaço social:
questões sobre memória e identidade no caso do Parque Municipal Fazenda Lagoa
do Nado, em Belo Horizonte (MG)

Belo Horizonte
2019

Danielle Barroso Caldeira

O patrimônio cultural na produção do espaço social:
questões sobre memória e identidade no caso do Parque Municipal Fazenda Lagoa
do Nado, em Belo Horizonte (MG)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável

Linha de Pesquisa: Memória e Patrimônio Cultural

Orientador: Prof. Dr. Leandro Benedini Brusadin

Belo Horizonte
Escola de Arquitetura da UFMG
2019

FICHA CATALOGRÁFICA

C146p

Caldeira, Danielle Barroso.

O patrimônio cultural na produção do espaço social [manuscrito] : questões sobre memória e identidade no caso do Parque Municipal Fazenda Lagoa do Nado, em Belo Horizonte (MG) / Danielle Barroso Caldeira. - 2019.

116 f. : il.

Orientador: Leandro Benedini Brusadin.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura.

1. Patrimônio cultural - Teses. 2. Participação popular - Teses. 3. Reprodução do espaço - Teses. 4. Parques - Teses. 5. Parque Municipal Fazenda Lagoa do Nado (Belo Horizonte, MG) - Teses. I. Brusadin, Leandro Benedini. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Arquitetura. III. Título.

CDD 351.8098151


Ficha catalográfica: Biblioteca Raffaello Berti, Escola de Arquitetura/UFMG

Danielle Barroso Caldeira

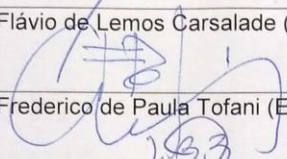
"O patrimônio cultural na produção do espaço social: questões sobre memória e identidade no caso do Parque Municipal Fazenda Lagoa do Nado, em Belo Horizonte (MG)"

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais


Comissão Examinadora:



Prof. Dr. Flávio de Lemos Carsalade (EA/UFMG)



Prof. Dr. Frederico de Paula Tofani (EA/UFMG)



Prof. Dr. Leandro Benedini Brusadin (PACPS/UFMG - orientador)

Belo Horizonte, 08 de julho de 2019.

*A Deus, que sempre guiou meus caminhos,
aos meus pais, por todo cuidado e
aconselhamento;
a família e aos amigos, que me acompanharam
e cada passo dessa caminhada*

AGRADECIMENTOS

Durante a vida, conhecemos várias pessoas que nos marcam, pelos mais diversos motivos, e não poderíamos chegar aqui sem elas, sem seus ensinamentos e suas palavras de carinho e conforto, assim como não poderíamos esquecer de agradecê-las pela ajuda e pelo amparo nesta caminhada.

Primeiramente, agradeço meus pais, Cláudio e Marília, e ao meu irmão, Vinícius, por me fazerem quem eu sou hoje. Obrigada por todo carinho, dedicação e por terem me ensinado valores que levarei comigo para o resto da minha vida.

Agradeço à minha família, primos, tios e avós, e aos meus amigos, que são minha família do coração. A vocês que sempre me acompanharam e celebraram cada momento da minha vida comigo, sou eternamente grata por tê-los em minha vida. E aqui está mais uma vitória para celebrarmos!

À Arlete, que sempre me incentivou a buscar cada vez mais conhecimento e sempre crescer como pessoa e como profissional.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Leandro Benedini Brusadin, que sempre confiou no meu potencial e me guiou nessa estrada para obtenção do meu título de mestre.

Aos professores, funcionários e colegas do Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável, por todo companheirismo nesta caminhada.

E, por fim, agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG), pelo apoio e auxílio concedido, dos quais não poderia realizar esse trabalho sem.

Com vocês, divido a alegria desta experiência.

“A gente quer se informar melhor sobre tudo, aprender outras coisas. O importante é a pessoa ser curiosa. Não é um interesse intelectual, é um interesse de um sujeito normal que sente a vida, que é solidário, que acha que o mundo pode ser melhor, que um dia o homem possa ter o prazer em ajudar o outro, é isso que é a generosidade num certo sentido.”

Oscar Niemeyer

RESUMO

O estudo do patrimônio cultural é um campo dinâmico que deve entrelaçar as mais diversas disciplinas diante do seu caráter espacial e temporal. Os seus elementos culturais e naturais são inseparáveis e refletem a produção e reprodução do espaço social. O Parque Municipal Lagoa do Nado, objeto de estudo da presente dissertação, é um dos remanescentes verdes de Belo Horizonte (MG). Inicialmente, a propriedade pertencia à família do ex-prefeito Américo Renné Gianetti e, posteriormente, foi declarado um espaço de interesse público pela municipalidade. Na década de 1970, se encontrava abandonado pela família e pelo poder público e, frente ao potencial da área e seu vínculo sociocultural com a população do entorno, um grupo local se mobilizou para que àquela área verde fosse transformada em um parque municipal. Dessa forma, este estudo analisa como a participação da população local influenciou para criação e permanência do Parque Municipal Lagoa do Nado, levando em consideração as memórias coletivas e das identidades na produção do espaço social. A metodologia se baseia em pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e pesquisa qualitativa em modalidade de observação participante e entrevistas semiestruturadas com os atores envolvidos. Conclui-se que o exercício cidadão dos atores locais foram os responsáveis pela criação e a permanência do Parque Lagoa do Nado o qual desenvolveu a produção deste espaço social a partir da resistência coletiva da Associação Cultural Ecológica Lagoa do Nado. Diante destas ações, o Parque Lagoa do Nado pode ser entendido como um patrimônio cultural cujo símbolo instrumentaliza a integração social pelo vínculo com os valores da vida coletiva.

Palavras-Chave: Patrimônio Cultural. Participação Popular. Reprodução do Espaço. Parque Municipal Lagoa do Nado.

ABSTRACT

The study of cultural heritage is a dynamic field that interweaves the most diverse disciplines in view of its spatial and temporal character among the inseparable aspects of culture and nature, as well as its relationship with the production and reproduction of social and cultural space. The Lagoa do Nado Municipal Park, object of study of the present work, is one of the green remnants that remain in Belo Horizonte (MG). Initially, it was owned by the family of former mayor Américo Renné Gianetti and, subsequently, it was declared a space of public interest by the municipality. In the 1970s, it was abandoned by the family and public authorities and, faced with the potential of the area and its socio-cultural link with the surrounding population, a local group mobilized to transform that green area into a municipal park. This study address the problem of the construction of collective memories and identities in the production of the social space by analyzing how the participation of the local population influenced the creation and permanence of the Lagoa do Nado Municipal Park as a local symbol. The methodology is based on bibliographic review, documentary research and qualitative research in participant observation modality and semi-structured interviews with content analysis with the actors involved in the object of study. It is concluded that the local exercise of the local actors was responsible for the creation and permanence of the Lagoa do Nado Park, which affected the production of the space, based on the collective resistance of the Associação Cultural Ecologica Lagoa do Nado. From these actions, Lagoa do Nado can be understood as a cultural heritage whose symbol instrumentalizes social integration through the bond with the values of collective life.

Keywords: Cultural Heritage. Popular Participation. Social Imaginary. Lagoa do Nado Municipal Park.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Reportagem do Jornal Estado de Minas, de 05 de out. de 1988. _____	19
Figura 2: Vista aérea do Parque Municipal Lagoa do Nado, 1986. _____	20
Figura 3: Casa-sede da Fazenda Córrego do Nado, 1986. _____	26
Figura 4: Manchetes do Jornal Estado de Minas de 1988 _____	29
Figura 5: Mapa das áreas de influência da Pesquisa Parque Lagoa do Nado. _____	33
Figura 6: Casarão e anexo em obras para implantação do parque. _____	34
Figura 7: Patrus, secretário de Meio Ambiente e representantes da MBR assinam convênio para obras do parque. _____	36
Figura 8: Reportagem do Diário da Tarde, 03 de set. de 1993. _____	36
Figura 9: Reportagem do jornal Hoje em Dia, 03 de maio de 1993. _____	42
Figura 10: Patrus Ananias inaugura Parque Municipal Lagoa do Nado. _____	44
Figura 11: Crianças carregando faixa incentivando a participar da implantação do Lagoa do Nado. _____	49
Figura 12: Crianças brincando na lagoa. _____	49
Figura 13: Folder nós estamos fazendo a história da Lagoa do Nado. _____	52
Figura 14: Campanha contra a violência contra a pessoa idosa, 2006. _____	53
Figura 15: Convite para a 4ª Festa da Lagoa do Nado. _____	65
Figura 16: Parte do Jornal Verde Integral, publicado em 1993. _____	66
Figura 17: Mapa das Regionais de Belo Horizonte. _____	75
Figura 18: Mapa de Localização do Parque Municipal Lagoa do Nado. _____	76
Figura 19: Mapa dos principais equipamentos de lazer da região. _____	77
Figura 20: Mapa dos principais equipamentos culturais da região. _____	77
Figura 21: Principais acessos viários. _____	78
Figura 22: Mapa dos bairros de Belo Horizonte. _____	79
Figura 23: Início da verticalização que vem ocorrendo no bairro, vista de dentro do parque. _____	79
Figura 24: Diagrama com as principais tipologias arquitetônicas encontradas na região. _____	80
Figura 25: Foto do antigo Casarão e do galpão-garagem. _____	82
Figura 26: Foto do Centro Cultural e da biblioteca e lanchonete. _____	83
Figura 27: Foto do sobrado dos funcionários, atual sede da administração. _____	83
Figura 28: Mapa dos equipamentos culturais e de lazer do Parque Lagoa do Nado. _____	84
Figura 29: Vista da quadra de peteca e da pista de skate. _____	84
Figura 30: Vista do espaço com brinquedos infantis e academia da cidade. _____	85
Figura 31: Vista do Teatro-arena. _____	85
Figura 32: Mapa esquemático dos trajetos possíveis dentro do Parque Lagoa do Nado. _____	86
Figura 33: Biblioteca do Centro de Referência da Cultura Popular e Tradicional Lagoa do Nado. _____	89
Figura 34: Usuários jogando peteca num sábado de manhã. _____	92
Figura 35: Pais trazendo seus filhos para visitarem o Parque Municipal Fazenda Lagoa do Nado durante o final de semana. _____	92
Figura 36: Pais fazendo piquinique com seus filhos durante a festa da escola. _____	93
Figura 37: Totem com a história do parque, colocado na entrada principal. _____	93

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACELN – Associação Cultural Ecológica Lagoa do Nado

AMDA – Associação Mineira de Defesa do Meio Ambiente

CCILN – Centro Cultural Inter-Regional Lagoa do Nado

GVI – Grupo Verde Integral dos Jovens do Planalto

ICOMOS Austrália – Comitê Nacional da Austrália do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios

Lagoa do Nado – Parque Municipal Fazenda Lagoa do Nado

PBH – Prefeitura de Belo Horizonte

SMC – Secretaria Municipal de Cultura de Belo Horizonte

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO _____	11
2. O PARQUE MUNICIPAL LAGOA DO NADO: QUESTÕES SOBRE MEMÓRIA E IDENTIDADE _____	17
2.1. Belo Horizonte e as suas fragilidades no contexto urbano contemporâneo _____	20
2.2. Da Fazenda Córrego do Nado ao Parque Municipal Fazenda Lagoa do Nado _____	24
2.3. A criação e permanência do Parque Municipal Fazenda Lagoa do Nado _____	31
2.4. Centro Cultural Inter-Regional Lagoa do Nado: cultura, natureza e patrimônio _____	38
3. A PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO DO ESPAÇO CULTURAL NO PARQUE LAGO DO NADO _____	45
3.1. A participação popular no espaço: uma ação associativa na produção do lugar _____	47
3.2. Espaço, lugar e a produção de significados _____	57
3.3. Centro Cultural Inter-Regional Lagoa do Nado: um espaço de ações culturais _____	62
4. A PRESENÇA DOS SUJEITOS NO PARQUE MUNICIPAL FAZENDA LAGOA DO NADO: ENTRE A APROPRIAÇÃO E O SÍMBOLO LOCAL _____	69
4.1. Memória, identidade e a produção do espaço: a significância do símbolo local _____	69
4.2. Os elementos da paisagem local: análise urbanística do Parque Municipal Fazenda Lagoa do Nado e entorno _____	73
4.3. A permanência e continuidade do Parque Municipal Fazenda Lagoa do Nado _____	87
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS _____	95
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS _____	99
7. APÊNDICE A _____	104
8. ANEXO I _____	105

1. INTRODUÇÃO

O espaço concebido é produto de diversos fatores econômicos, sociais, culturais e naturais. Ele é constantemente alterado pelas relações sociais, como tais relações se dão e pelos significados que lhe são atribuídos. Para entender o espaço é necessário refletir as ações dos indivíduos e da coletividade nos tempos passado e presente. A cidade, portanto, é o palco da vida cotidiana moderna e regida pelas ações humanas, ao mesmo tempo em que a própria sociedade é moldada pelo espaço urbano e seu tempo.

Ao olhar para o passado, principalmente pela via da memória, os sujeitos podem estabelecer relações sociais e afetivas entre si e com o espaço. Ter um passado em comum é uma das variáveis que permite ao indivíduo identificar e ser identificado no seu grupo social. A memória, por sua vez, é tida como um processo de reconstrução de um passado eleito e a sociedade é reflexo de tudo aquilo que ela lembra. Já o espaço social, produzido e reproduzido pelas relações sociais e pela memória, guia nossos percursos e permanências. É um fenômeno social que nos constitui enquanto seres sociais, permitindo-nos compreender quem fomos, o que podemos nos tornar enquanto sociedade e como nos identificamos na coletividade. Desse modo, o espaço, suas formas e significados são parte integrante do modo como o ser humano se identifica e se relaciona na cidade.

A construção dessas identidades encontra matéria-prima nos símbolos e no que eles representam para a sociedade. Os símbolos são responsáveis por estabelecer coesão social, integrando, e também desintegrando, os grupos sociais, pois eles podem representar os interesses coletivos de alguns grupos que o elegem e o forjam como tal, bem como uma forma de diferenciação de outros grupos. Os símbolos, assim como patrimônio cultural, a memória e a identidade, são entidades que estão sempre sujeitos a mudanças de acordo com o seu tempo em dado espaço social.

Diante disso, esta dissertação aborda a problemática da construção das memórias coletivas e das identidades na produção do espaço social. Dessa forma, pretende-se compreender a construção da produção e reprodução do espaço e como suas formas e seu passado se vinculam constituindo identidades e memórias coletivas

que direcionam suas ações. Para tal, utilizamos do estudo de caso do Parque Municipal Fazenda Lagoa do Nado.

O Parque Lagoa do Nado, localizado na região norte de Belo Horizonte/MG, foi inaugurado oficialmente em 1994, mas suas origens remontam da década de 1970. Antes de se tornar parque, o Lagoa do Nado era uma fazenda de propriedade dos Gianetti, família de Américo Renê – que também foi ex-prefeito de Belo Horizonte. Os Gianetti utilizavam a fazenda como um local de descanso, principalmente aos finais de semana, mas, após a morte de Américo, acabaram abandonando a área.

Após a família deixar a fazenda, um grupo de jovens começou a utilizar a área como um espaço de lazer, até a década de 1980, quando o governo do estado tentou desapropriar a área para a construção de um conjunto habitacional. Após a notícia da desapropriação, o grupo se organizou para tentar conseguir a construção de um parque ao invés do empreendimento imobiliário.

O grupo de jovens, logo no início da mobilização, viu a necessidade de se firmarem enquanto entidade, de modo que o movimento ganhasse uma conotação oficial e, também, dando a esse grupo um meio de comunicação com o poder público. Desse modo, a Associação Cultural Ecológica Lagoa do Nado (ACELN) foi fundada em 1983. A ACELN, portanto, se tornou a responsável pela mobilização da população para a criação do parque, organizando festas, caminhadas e abraços simbólicos, com uma programação que atendesse a diversas as idades e grupos sociais existentes no local.

Sendo assim, o Lagoa do Nado tem uma origem singular no cenário belo-horizontino. Ele surgiu a partir do envolvimento de um grupo de jovens com a área verde expressiva, cerca de 300.000 metros quadrados, que se encontrava ameaçada pelo descaso do poder público e pelo avanço do mercado imobiliário.

A partir deste estudo, foi possível compreender que a mobilização – ainda que realizada em um contexto urbano, social e político específico – para a transformação da fazenda em parque público e os eventos que permeiam a fundação do Lagoa do Nado ressignificou o espaço e suas formas, trazendo à tona um lugar repleto de significados. Dito isso, pressupõe-se que a carga de significados aplicadas ao espaço seja responsável por sua permanência ao longo dos anos. Consideramos que, quando

a população local se põe mais ativa na produção do espaço, esse torna-se um símbolo integrante do imaginário social local compondo suas esferas de memória e identidade.

Inicialmente, a propriedade pertencia à família de Américo René Gianetti, ex-prefeito de Belo Horizonte, e, diante do abandono e do potencial da área, um grupo local se mobilizou para que aquela área verde expressiva fosse transformada em um parque municipal perante os vínculos afetivos que tal grupo tinha com o local. Diante disso, este estudo pretende analisar como a criação e a permanência do Parque Lagoa do Nado afeta a produção do espaço social por meio da análise da participação dos grupos locais que o elegem como um símbolo local, podendo até se encaixar na categoria de patrimônio cultural belo-horizontino.

Nesta dissertação, entendemos o patrimônio cultural como algo que vai além das cartilhas oficiais de proteção. Assim como a Carta de Burra – escrita e recomendada pelo Comitê Nacional da Austrália do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios – considera o patrimônio cultural como um bem dotado de máxima significância, também entendemos que o reconhecimento do patrimônio cultural vai além do reconhecimento dos órgãos oficiais, se pautando, principalmente, nas relações entre o bem cultural e a sociedade.

A análise dos acontecimentos em torno do Parque Municipal Fazenda Lagoa do Nado, sob a luz das teorias da memória, identidade e produção do espaço, permitiu-nos estudar como a participação dos grupos locais interferiram na criação e permanência deste lugar, enquanto elemento representativo do espaço social e do patrimônio cultural de Belo Horizonte, em uma perspectiva simbólica, essencialmente para os seus usuários e a população do entorno.

Também são objetivos desta dissertação refletir sobre as questões simbólicas do patrimônio cultural e suas interferências no processo de constituição do imaginário social local através das questões de memória, identidade e pertencimento da comunidade; discutir a participação popular na criação de memórias coletivas, identidades e também na produção e reprodução do espaço social; identificar, historicamente, as ações que permitiram ao Lagoa do Nado permanecer durante os anos, bem como as ações de preservação de memória coletiva daquele grupo; e identificar os usos contemporâneos do parque Lagoa do Nado, buscando o entendimento das relações entre os usuários e o parque enquanto processo identitário.

Para atingir os objetivos propostos, utilizaremos das metodologias de pesquisa bibliográfica para revisão dos conceitos aplicados ao tema. Dessa maneira, priorizamos a construção de um referencial teórico-conceitual dividido em duas vertentes, sendo que a primeira tratará das questões do patrimônio cultural, que aprofunda a discussão com base nos conceitos de memória coletiva, identidade e imaginário social, principalmente; e a segunda se utilizará dos conceitos de produção e reprodução do espaço social e cultural, associando-os à questão dos sujeitos no lugar, apropriação e significância.

Desse modo, será realizado uma discussão teórica e conceitual que dará suporte para a análise do objeto de estudo. Para tal, será utilizado autores que abordam os temas de interesse, como Pierre Bourdieu, Bronislaw Baczko, Stuart Hall, Jacques Le Goff, Maurice Halbwachs, Gilbert Duran, Manuel Castells, Leonardo Castriota, Nestor García Canclini, Ulpiano Bezerra de Meneses, José Newton Coelho de Meneses, Leandro Benedini Brusadin, Cristina Freire, Ana Fani Carlos, Frederico Tofani, Milton Santos e outros autores afins à temática proposta.

Também faz parte da metodologia de pesquisa a realização de uma pesquisa documental. Para tanto, foram realizadas visitas aos principais arquivos de Belo Horizonte, dentre eles o Arquivo Público Mineiro, o Museu Histórico Abílio Barreto, Centro de Referência Audiovisual de Belo Horizonte, a Hemeroteca Histórica do estado de Minas Gerais e ao Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte. Durante a pesquisa, levantou-se documentos relativos à história do Lagoa do Nado, projetos de trabalhos, recortes de jornais e revistas, folders, etc. Sendo que a visita ao Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte foi uma das mais frutíferas. Nos últimos anos, a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte recolheu e centralizou todos documentos mais antigos de todas as secretarias no Arquivo Público, facilitando o acesso e resultando em mais de 150 entradas sobre o Parque Municipal Lagoa do Nado. Além da pesquisa primária, foram levantadas dissertações e teses sobre o assunto como fontes secundárias de pesquisa. Os documentos foram analisados e sistematizados de acordo com o debate teórico proposto.

Associado à revisão teórica e à pesquisa documental também foi realizado uma pesquisa de campo qualitativa, baseada, principalmente, na objetivação participante proposta por Bourdieu (2005).

“Objetivar a pretensão à posição realenga que, como há pouco disse, leva a fazer da sociologia uma arma nas lutas no interior do campo em vez de fazer dela um instrumento de conhecimento destas lutas, portanto do próprio sujeito cognoscente o qual, faça o que fizer, não deixa de estar nelas envolvido, é conferir a si mesmo os meios de reintroduzir na análise a consciência dos pressupostos e dos preconceitos, associados ao ponto de vista local e localizado daquele que constrói o espaço dos pontos de vista.” (BOURDIEU, 2005 p. 52).

A objetivação participante, então, visa ter uma “visão global que se tem de um jogo passível de ser apreendido como tal porque se saiu dele”. (BOURDIEU, 2005 p. 58). Ela coloca em xeque uma visão simplista e redutora que se tem ao analisar o “jogo” de dentro dele ou pelo ponto de vista de um dos “jogadores”. Tal processo metodológico situa o trabalho em um postulado híbrido do objetivismo de uma pesquisa e a subjetividade necessária para entender o processo social e antropológico.

A objetivação participante foi realizada através de conversas com os gestores, usuários – novos e antigos – e frequentadores do parque (vide autorização para uso do conteúdo das entrevistas no apêndice A). Dessa maneira, as conversas e entrevistas semiestruturadas visaram a observação do cotidiano e com registros através de fotografias e áudios em dias diferentes ao longo do tempo da dissertação.

A partir dessa proposta teórico-metodológica, a dissertação se divide em três capítulos. O primeiro deles aborda o parque sob as perspectivas da memória, identidade e do patrimônio cultural. Nesse capítulo parte-se do pressuposto que a participação da população e a mobilização de um grupo de jovens para a criação do parque tornou esse espaço num aporte físico e imaterial da memória, um local onde o passado pode ser reconstruído e representado.

Para tal, o primeiro capítulo trata da história do Parque Municipal Fazenda Lagoa do Nado e sua trajetória desde a fazenda até sua inauguração em 1994. Somado à história do parque, abordamos debate teórico-conceitual sobre a construção das memórias coletivas e das identidades enquanto estabelecemos uma ponte entre os conceitos e o histórico dos acontecimentos que permeiam o Lagoa do Nado.

O segundo capítulo irá trabalhar com a questão da produção e reprodução do espaço cultural no Lagoa do Nado. Neste capítulo abordaremos como as formas de

apropriação influem na produção do espaço e no que ele significa para a coletividade. Pressupõe-se que a participação popular e a afetividade que é construída em torno do parque determinam as formas de produção e reprodução do espaço onde se destacam ações culturais.

As afetividades existentes no espaço importam não só para a construção das identidades e da memória coletiva, mas também para a construção deste mesmo espaço. Diante disso, as análises da ocupação do espaço ao longo dos anos nos permite levantar a hipótese de que o grupo social escolheu ocupar aquele espaço como uma forma de ressignificá-lo para que ele possa significar algo importante para a sociedade, marcando o espaço e resultando no Lagoa do Nado como ele se apresenta hoje.

Já o terceiro capítulo trata sobre a presença dos sujeitos no lugar. Ele pretende demonstrar como se deu a apropriação atual do espaço, a partir de uma análise arquitetônica, urbanística e social do uso dos espaços existentes no Lagoa do Nado e no seu entorno. Nesse capítulo, refletimos como o movimento trouxe reflexos na ocupação atual do parque, abordando o espaço como uma entidade viva e sujeita a mudanças constantes. Ele apresenta o Lagoa do Nado como um espaço onde o passado e presente moldam as relações sociais, ao mesmo tempo em que é moldado por elas. O movimento alterou a paisagem urbana e ressignificou o espaço, aplicando a ele novos valores sociais e novas formas de produção do espaço. Nesse capítulo, realizamos uma análise mais urbanística do contexto atual do parque.

Contanto, esta dissertação se organiza de modo que possamos ter um panorama do Parque Municipal Fazenda Lagoa do Nado desde sua origem até o presente momento. Optamos por estabelecer essa organização para mantermos em mente que a permanência do parque nos dias atuais reflete os acontecimentos do passado. Estudamos, portanto, o espaço com suas diversas camadas de história e relações para entender os motivos que o levou a ser como é atualmente, a partir de uma visão interdisciplinar.

2. O PARQUE MUNICIPAL LAGOA DO NADO: QUESTÕES SOBRE MEMÓRIA E IDENTIDADE

*Senhoras e senhores
se preparem para ler
uma história tão real
que vocês vão conhecer
de como a Lagoa do Nado
conseguiu sobreviver*
Rogério Salgado; Lagoa do Nado –
Uma luta pela natureza
Literatura de Cordel, 1984

Ter um passado em comum é uma das variáveis que possibilita a identificação dos diferentes grupos sociais e como os sujeitos se identificam no grupo. Ao olhar para o passado, principalmente pela via da memória, os sujeitos podem estabelecer relações sociais e afetivas entre si e com o espaço. É nesse passado comum que apresentamos o Parque Municipal Fazenda Lagoa do Nado, localizado em Belo Horizonte (MG), neste capítulo. Partimos do pressuposto que a participação da população e a mobilização de um grupo de jovens para a criação do parque tornou esse espaço num aporte físico da memória, um local onde o passado pode ser reconstruído e representado. Em meio a isso, foi necessário situar o debate teórico que se entrelaça ao objeto de estudo.

Compreender o passado de uma localidade é uma das formas de pensar como se sucedeu acontecimentos relevantes de uma determinada sociedade, em que a “consciência confere identidade, permanência e estabilidade em relação ao passado”. (BRUSADIN, 2015 p. 59). É através da memória que os homens se permitem identificar com sua concepção do passado. Por meio da rememoração, o passado vivido cria questionamentos sobre as relações e sensibilidades do presente com vistas a construção de um futuro melhor do que a situação atual. (BENJAMIN, 1994).

A memória, então, é um processo de reconstrução seletiva do passado que objetiva possibilitar a elaboração de uma representação acerca das nossas origens, percursos e permanências. (TOFANI, 2008). Segundo Izquierdo (2002), a sociedade é reflexo daquilo que ela lembra, do que passou, do que se aprendeu com esse passado, das memórias e também dos esquecimentos.

Já para Halbwachs (2003), a memória é um fenômeno social, no qual o sujeito é imerso em uma memória coletiva, que por sua vez é produzido e reproduzido pelo

seu grupo social, seja ele família, comunidade, nação, etc. A memória, então, nos constitui enquanto seres sociais. Ao refletir os acontecimentos do passado que são produzidos e reproduzidos na coletividade, a memória nos permite compreender quem fomos e o que podemos nos tornar enquanto sociedade, como nos identificar e também como construir essa identidade. (TOFANI, 2008).

A construção das identidades encontra matéria-prima, principalmente, nos símbolos e suas formas de poder. Isso se dá, especialmente, porque os símbolos são elementos de coesão social e conferem sentido, identificação e significado ao indivíduo. (BOURDIEU, 2005). Os símbolos são, dessa forma, elementos de integração, mas também de desintegração social, assim como nas identidades aos quais os símbolos remetem: eis a necessidade de problematizar as questões do patrimônio para além das cartilhas que, por vezes, são postas em uma narrativa simplista e não problematizadora.

É necessário, portanto, entender o patrimônio cultural como uma entidade viva e capaz de sofrer mudanças. Eis a problemática de uma narrativa do passado que não está associada a ideia coletiva enquanto sujeitos de sua própria história ou, no sentido inverso, quando o grupo social se vincula a sua história diante de um dado espaço. Tais interpretações são fundamentais para entender a construção do espaço situado nessa pesquisa.

O Parque Municipal Fazenda Lagoa do Nado foi inaugurado, oficialmente, em 1994, entretanto, suas origens remontam a década de 1970. Com uma origem muito singular, o Lagoa do Nado surge a partir do envolvimento de um grupo de jovens com a área verde expressiva, que se encontrava ameaçada pelo descaso do poder público e pelo avanço mercado imobiliário na região. Foram organizadas festas e desfiles, todos amplamente divulgados pelos principais veículos de comunicação belo-horizontino (figura 1).

Figura 1: Reportagem do Jornal Estado de Minas, de 05 de out. de 1988.



Fonte: Hemeroteca do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte.

O parque, também conhecido localmente por Parque Lagoa do Nado, e, até mesmo, Lagoa do Nado, é um dos remanescentes verdes belo-horizontinos, com cerca de 311 mil metros quadrados. Esta área fazia parte de uma propriedade que pertencera à família de Américo Renê Gianetti, ex-prefeito de Belo Horizonte. (TEIXEIRA, 2004).

Para entender a importância e a influência do Parque Municipal Lagoa do Nado (figura 2), não só na região norte, como em toda a Belo Horizonte, é necessário resgatar a singularidade dos eventos que cercam sua implantação, especialmente a mobilização social que foi feita para que o parque seja fundado. Tais eventos que permeiam a fundação do Lagoa do Nado traz à tona as experiências vividas pelos diferentes atores sociais e que o torna um lugar repleto de significados. (LIMA, 2000).

Figura 2: Vista aérea do Parque Municipal Lagoa do Nado, 1986.



Fonte: Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte

No entanto, tratar do momento da fundação do Parque Lagoa do Nado exige uma contextualização da relação entre a cidade, o parque, o contexto social e os eventos que culminaram na transformação da propriedade dos Gianetti no Parque Municipal Fazenda Lagoa do Nado, como veremos nos itens subsequentes deste capítulo.

2.1. Belo Horizonte e as suas fragilidades no contexto urbano contemporâneo

A cultura, a memória coletiva e a identidade não podem ser vistas como produtos cristalizados e alheios às mudanças, uma vez que São elas que norteiam o convívio social, permitindo ao ser humano se adaptar ao ambiente e adaptá-lo, alterando a natureza e construindo comunidades, cidades e nações. Na medida em que os centros urbanos abrangem diversos grupos sociais, seus elementos também abarcam diferentes significações e apropriações.

“A cidade passa, assim, a ser vista como construção histórico-cultural, como patrimônio de seus moradores, como espaço de memória. A cidade, enfim, é monumento e é documento”. (MENESES, 2004 p. 86). É na cidade onde o patrimônio cultural se coloca como instrumento, demonstrando no espaço presente algo que a sociedade escolheu lembrar, independentemente do motivo dessa escolha. Sendo assim, os elementos da cidade e suas diversas significações para os grupos sociais compõem o tecido urbano das cidades e seu desenvolvimento ao longo dos anos. Durante o desenvolvimento urbano da região que abarca o Lagoa do Nado, acontecimentos marcaram o tecido urbano e culminaram na forma que se deu o desenvolvimento do local.

Belo Horizonte, inaugurada em 1897¹, foi construída com o objetivo de se tornar a nova capital mineira, título este que anteriormente pertencia à cidade de Ouro Preto. A nova sede administrativa do Estado de Minas Gerais representaria o ideal de modernidade das elites mineiras e procurava estabelecer um plano de ordenamento dos espaços urbanos, pensadas a partir das funções administrativas, comerciais e produtivas. Sendo assim, Aarão Reis, responsável pelo projeto da nova capital, estabeleceu uma cidade dividida em três áreas, sendo elas uma área central, uma área suburbana e uma área rural.

É interessante observar que o projeto inicial já previa a instalação de parques e praças. Colocados, principalmente, na região central, denominada no projeto como área urbana, estas áreas podem ser exemplificadas pelo Parque Municipal Américo Renê Gianetti, vulgo Parque Municipal, e pelas numerosas praças que ainda existem no hipercentro de Belo Horizonte – região localizada dentro do perímetro da Av. do Contorno. (LIMA, 2000).

A Belo Horizonte projetada e construída por trabalhadores previa abrigo para 200 mil habitantes, porém, com o desenvolvimento através dos anos, essa previsão

¹ ARQUIVO PÚBLICO DA CIDADE DE BELO HORIZONTE. Histórias de bairros [de] Belo Horizonte: Regional Centro-Sul. Belo Horizonte: APCBH; ACAP-BH, 2008a. Localizado na Biblioteca do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte e registrado sob o Número de chamada: 981.511 H673cs 2008 Este documento será citado ao longo do texto e notas de rodapé como ARQUIVO PÚBLICO DA CIDADE DE BELO HORIZONTE, 2008a

se mostrou falha e logo no primeiro século de existência sua população aumentou consideravelmente².

A partir das décadas de 1940 e 1950³, Belo Horizonte teve seu crescimento impulsionado pela expansão da indústria, que resultou na verticalização e adensamento da área central, expulsão das classes menos favorecidas para as periferias, transformando a dinâmica dos bairros mais distantes do centro belo-horizontino. Destacamos, aqui, o acontecido com a região Norte de Belo Horizonte, que costumava ser uma área conformada principalmente por chácaras e fazendas. Classificada com a área rural, a falta de pavimentação das vias e a ausência do bonde dificultavam o acesso à região.

Com a expansão da indústria, a Região Norte da cidade se tornou atrativa ao desenvolvimento urbano, chamando a atenção dos gestores municipais para a realização de investimentos na área. Na década de 1930, foram realizadas obras de infraestrutura na região, de modo a torna-la mais atrativa aos moradores potenciais. Em 1933, foi inaugurado a base aérea do Aeroporto da Pampulha, que representou as possibilidades de progresso para a região. A necessidade de moradias para os militares e de infraestrutura para os mesmos impulsionou o desenvolvimento urbano da região⁴.

Nessa época, iniciou-se o processo de desapropriação e parcelamento das chácaras e fazendas que antes existiam ali. Na década de 1940⁵, a Região Norte, especialmente a área do entorno da Pampulha, se apresenta como uma possibilidade de moradia para as famílias com maior poder aquisitivo que queriam sair de um centro populoso em busca de um novo modo de viver. A criação de um complexo de turismo

² ARQUIVO PÚBLICO DA CIDADE DE BELO HORIZONTE. Histórias de bairros [de] Belo Horizonte: Regional Pampulha. Belo Horizonte: Arquivo Público da Cidade, 2011.

Localizado na Biblioteca do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte e registrado sob o Número de chamada: 981.511 H673p 2011

Este documento será citado ao longo do texto e notas de rodapé como ARQUIVO PÚBLICO DA CIDADE DE BELO HORIZONTE, 2011.

³ ARQUIVO PÚBLICO DA CIDADE DE BELO HORIZONTE, 2011.

⁴ ARQUIVO PÚBLICO DA CIDADE DE BELO HORIZONTE. Histórias de bairros [de] Belo Horizonte: Regional Venda Nova. Belo Horizonte: APCBH; ACAP-BH, 2008b. Localizado na Biblioteca do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte e registrado sob o Número de chamada: 981.511 H673vn 2008 Este documento será citado ao longo do texto e notas de rodapé como ARQUIVO PÚBLICO DA CIDADE DE BELO HORIZONTE, 2008b

⁵ ARQUIVO PÚBLICO DA CIDADE DE BELO HORIZONTE, 2011

e lazer em torno da barragem da Lagoa da Pampulha oferecia a essa classe social o estímulo necessário para tornar a regional Pampulha seu novo local de moradia.

Tendo as cidades como o aporte físico para que as relações sociais possam acontecer. Enquanto o trabalho afasta as pessoas do grupo familiar ou da vizinhança, os equipamentos de lazer permitem que eles se encontrem em torno de interesses comuns. A apropriação dos espaços públicos cria laços afetivos com os usuários e seu significado é singular a cada um deles. Durante a conformação destes espaços é possível notar uma tentativa de ordenar o espaço conforme interesses específicos de determinados grupos (LIMA, 2000).

Toda cidade é uma construção cultural na qual a cultura se manifesta nas suas mais diversas formas, “onde natureza, construção material, símbolos, significados e representações se constroem em diversidade e harmonia”. (MENESES, 2004 p. 87). Ulpiano Bezerra de Meneses (1996), descreve um conceito de cultura em que ela é condição de produção e reprodução do ser humano, ou seja, a cultura engloba aspectos materiais e imateriais e se encarna no cotidiano da sociedade. “Sem o papel constitutivo da cultura, o homem pode ser considerado um animal incompleto, já que sem homens não há cultura, mas igualmente e isto é mais significativo, sem cultura não existem homens”. (BRUSADIN, 2015, p. 51 – 52).

É através da cultura que o homem altera o ambiente em que ele se encontra, de acordo com suas necessidades. Com o aumento populacional no centro da capital mineira e com o surgimento de novos bairros ao longo do eixo norte, a inauguração da Lagoa da Pampulha em 1943⁶ e a presença do Aeroporto da Pampulha foram determinantes para o desenvolvimento da região, incluindo a área onde o Parque Lagoa do Nado se insere. Os antigos donos das chácaras e fazendas venderam seus terrenos para serem parceladas ou parcelaram por conta própria e o desenvolvimento urbano foi chegando aos poucos nas áreas recém parceladas e nos novos bairros.

Uma das únicas áreas que não foram parceladas durante o desenvolvimento da Região Norte de Belo Horizonte foi a Fazenda Córrego do Nado, de propriedade da família Gianetti. A fazenda era constituída por um sobrado com piscina, garagem, curral e duas casas, mais afastadas da sede, para os trabalhadores, e possuía uma

⁶ ARQUIVO PÚBLICO DA CIDADE DE BELO HORIZONTE, 2011

densa vegetação, com exemplares frutíferos, ornamentais e do cerrado. (MUNHOZ, 1996).

Durante o desenvolvimento urbano da região, os donos da propriedade optaram pelo não parcelamento da área. A área verde expressiva marcava a paisagem local e o cotidiano dos novos residentes dos bairros recém-criados. O tamanho da área e, principalmente, por ser propriedade de uma das famílias mais importantes de Belo Horizonte coloca a fazenda em um ponto de destaque na cidade e no imaginário social local. Desse modo, a sua preservação ainda que esteja ligada a mobilização dos grupos sociais, também está vinculada ao poder dessa elite. O fato de pertencer e ser utilizada pela família Gianetti fez com que a área ficasse intocada ao longo do desenvolvimento urbano da região, se tornando alvo do mercado imobiliário somente após o abandono da mesma pela família.

De acordo com Baczko (1985), as cidades são projeções dos imaginários sociais no espaço. Pensadas, inicialmente, como um órgão funcional, ela transborda e se multiplica em imaginários individuais e coletivos, que por sua vez interferem na cidadania cultural. Esta cidadania se organiza a partir da participação não só nas estruturas políticas e culturais, mas também na formação de uma cultura pelos atos e interações do cotidiano. (CANCLINI, 1997). O que liga os homens entre si são as representações afetivas vividas no cotidiano que “império das imagens constitui”. (DURAND, 1993 p. 104).

São os imaginários que nutrem a história das cidades. Portanto, devemos pensar a cidade para além do local de morar, como um lugar para ser imaginado. (CANCLINI, 1997). Entender as ações dos diversos grupos sociais que vivem e se articulam na cidade é tarefa complicada, assim como entender os múltiplos imaginários que estes mesmos grupos geram. Sendo assim, para entender as motivações que resultaram na mobilização dos moradores e a dimensão dos laços afetivos impostos, seguiremos contando a história do Lagoa do Nado e como isso afeta a memória e identidade local.

2.2. Da Fazenda Córrego do Nado ao Parque Municipal Fazenda Lagoa do Nado

Todo grupo social é dotado de uma identidade que permite situá-lo no conjunto social, ainda que tal identificação seja sujeita a ação de outros grupos que dificultem

a sua ideia de presença e permanência em dado espaço. Segundo Cuche (1999), ao identificar o grupo no tecido social existente, a identidade inclui o homem em um grupo e o exclui dos demais. Ela permite o sentimento de pertencimento, definindo o sujeito de forma relativamente estável e objetiva. A singularidade do movimento pelo Lagoa do Nado expõe como as relações sociais e afetivas possibilitam ao homem adaptar o seu meio, estabelecendo conexões e identificações que se fixa na memória de uma coletividade, manipulando o imaginário social e resultando numa identidade cultural única.

Entender como e porque os diferentes tipos de identidade são construídos e suas consequências no cotidiano dos grupos sociais não é tarefa fácil e não deve ser abordada por linhas gerais e abstratas. As identidades estão estritamente relacionadas ao contexto social em que são criadas. Quem constrói e porque constrói as identidades coletivas determinam o conteúdo simbólico da mesma e quem se relaciona, se identifica ou se excluem dela. (CASTELLS, 1999). Já no jogo identitário, as representações são continuamente formadas e transformadas pelos sistemas culturais que nos rodeiam e, à medida em que estes sistemas mudam e se multiplicam, o homem é confrontado com uma multiplicidade de identidades possíveis, resultando em identidades híbridas. (HALL, 2006).

Partindo desse contexto, entender o movimento do Lagoa do Nado a partir da contextualização das relações afetivas permite visualizar como a memória e o jogo das identidades são continuamente transformados ao longo do tempo no cotidiano. O movimento começa como uma forma de resistência a ação do mercado imobiliário e em favor da criação de um equipamento público necessário para a região, como consequência, cria uma identidade entre os sujeitos daquele grupo social.

Américo René Gianetti (ex-prefeito de Belo Horizonte e empresário) adquiriu várias fazendas na região rural de Belo Horizonte, em 1934, próximas a Venda Nova. Dentre os terrenos adquiridos estava a Fazenda Córrego do Nado, fazenda esta que foi escolhida para ser o espaço de lazer da família. As demais fazendas foram doadas para a compor a área de inundação da Lagoa da Pampulha ou foram parceladas, se tornando bairros como Jardim Atlântico, Santa Amélia, Santa Mônica, Planalto, Itapoã e Santa Branca. (GARCIA; GONZAGA, 2009).

Durante o desenvolvimento urbano da região, a área que corresponde ao atual parque permaneceu intocada. A Fazenda Córrego do Nado era um local de lazer da

família, que a utilizavam durante os finais de semana, e por isso não foi parcelada junto com as outras propriedades de Gianetti. A população local dos bairros recém-criados, Planalto e Itapoã, passou a conviver diariamente com a presença daquela área verde expressiva, no qual as visitas eram autorizadas de tempos em tempos, mas que na maioria das vezes eram realizadas às escondidas. (LIMA, 2000).

Um casarão (figura 3) foi construído na década de 1930, com um sobrado ladeado por alpendre com inspiração italiana. A edificação possuía dois andares, sendo que no primeiro andar ficava as áreas sociais, cozinha e sala, e no segundo andar ficava as áreas privadas, os quartos. Ela ainda é ladeada por um alpendre que fornece uma visão geral da área. Além do sobrado, também compunham a fazenda dos Gianetti duas edificações localizadas na porção mais a noroeste da área, que pertenciam aos trabalhadores e caseiros da fazenda, e um anexo, construído nos fundos do sobrado, que funcionava como garagem e salão para recepção de convidados. (GARCIA; GONZAGA, 2009).

Figura 3: Casa-sede da Fazenda Córrego do Nado, 1986.



Fonte: Estevam Musso. Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte

Após a morte de Américo Renê, a família foi deixando de visitar a propriedade. No início da década de 1970 a propriedade acabou ficando em estado de completo abandono, que fez com que a área ficasse sujeita a incêndios, acúmulo de lixo e se

tornasse uma área vulnerável naquela região. O abandono também causou a degradação do casarão da antiga fazenda, tendo suas portas, janelas e até peças sanitárias retirados. (MUNHOZ, 1996).

Aos fins da década de 1970, a população começou a usar, de fato, a área, de modo informal, como área de lazer para crianças e jovens da região. Em 05 de setembro de 1973, o Prefeito Oswaldo Pieruccetti assinou o Decreto 2.408, que declara o terreno dos Gianetti, que na época era propriedade da Imobiliária Mineira S/A, como área para fins de utilidade pública, onde o terreno “destina-se à construção de um parque ou qualquer outra obra de interesse público”. (BELO HORIZONTE, 1973 s/p).

Em 1976, o governo do Estado de Minas Gerais reconhece a relevância da área e o inclui no Programa de Parques Urbanos, programa este que listava áreas da Região Metropolitana de Belo Horizonte que eram passíveis de se transformarem em parque urbano. (LUTTERBACH, 1993).

Também ao final da década de 1970, um grupo de jovens locais, com idades entre 13 e 20 anos, inicia o Grupo Verde Integral dos Jovens do Planalto (GVI), que tinha como objetivo a elaboração e participação em atividades voltadas para as festas comunitárias, principalmente para ajudar a custear a construção da Igreja do Bairro Planalto. O grupo tinha uma preocupação com questões culturais e comunitárias, mas o movimento ainda era embrionário. (LUTTERBACH, 1993; LIMA, 2000).

O GVI surge num contexto propício para os movimentos populares. A ditadura militar ainda vigorava no Brasil e, nesse momento, a sociedade começava a ocupar novamente as ruas, ainda que timidamente.

Os aspectos negativos do “milagre econômico” – concentração de renda, redução de salários e aumento da dívida externa do país – que, pela primeira vez, foram expostos ao povo através do discurso oposicionista do MDB para as eleições de 1974, ecoou principalmente nas grandes cidades revelando o desejo generalizado de retorno à democracia. (TEIXEIRA, 2004 p. 44 – 45).

A questão ambiental não ocupava posição de destaque nas discussões políticas da época. A ideia que permeava os grupos políticos da época, incluindo da oposição, era a de desenvolvimento econômico acelerado, dando pouca importância às pautas ambientais. Desse modo, movimentos de caráter ambientalistas não figuravam ameaças ao regime ditatorial. (TEIXEIRA, 2004). A apropriação do espaço,

com agendas de preservação ambiental e utilizando da festa como forma de reivindicação foram importantes para evitar represálias da ditadura. Ela reforça a importância do papel da participação popular e apresenta novas formas de mobilização que se destacaram no cenário belo-horizontino.

A ação do grupo dentro da comunidade foi se tornando mais ativa e a preocupação com o destino da Fazenda dos Gianetti ficou cada vez mais evidente. A inclusão do Lagoa do Nado no “Programa de Parques Urbanos” em 1976 chamou a atenção para a importância dessa grande massa verde para a região. (LUTTERBACH, 1993). Entretanto, o Lagoa do Nado se manteve em estado de abandono, mesmo com o decreto 2.408 assinado em 1973 e com a inclusão na lista do Programa de Parques Urbanos estadual. Não houve investimentos e nem a inauguração do parque nos anos subsequentes.

Em dezembro de 1981, apesar de a área já ser considerada um importante espaço de preservação ambiental com potencial para se tornar um equipamento de lazer que atenderia a população do entorno, o Lagoa do Nado foi desapropriado pelo governo estadual e passou a ser de propriedade da Caixa Econômica do Estado de Minas Gerais, a Minascaixa, que previa a construção de um conjunto habitacional de no local. (LUTTERBACH, 1993; LIMA, 2000).

A notícia da desapropriação chegou aos ouvidos do Grupo Verde Integral, que imediatamente procurou auxílio da Associação Mineira de Defesa do Meio Ambiente (AMDA), que indicou a necessidade da realização de uma mobilização popular. (LIMA, 2000). Com isso, o GVI organizou a primeira manifestação no início de 1982, elaborando atividades como missa campal e show beneficente para atrair pessoas de todas as faixas etárias, dando maior credibilidade ao movimento e assumindo com mais clareza uma posição ambientalista do grupo para lutar pela criação do Parque Lagoa do Nado. (MUNHOZ, 1996).

Durante as ações realizadas pelo GVI, a ação da imprensa foi vital para que o movimento ganhasse influência e poder de barganhar com a Prefeitura de Belo Horizonte (PBH) e com o governo estadual (figura 4). Orientados a sempre convocar a imprensa, a visibilidade proporcionada pelos veículos de comunicação foi fundamental para pressionar o governo e reivindicar a construção de um parque municipal no lugar de um conjunto habitacional. (LIMA, 2000).

Figura 4: Manchetes do Jornal Estado de Minas de 1988



Fonte: Jornal Estado de Minas. 05 de junho de 1988. Disponível na Hemeroteca da Biblioteca Estadual Luiz de Bessa.

Apesar das manifestações terem bastante participação da população, faltavam pessoas para trabalhar a questão das documentações e negociações com as diversas esferas envolvidas, sendo necessário repensar o movimento, sua atuação e novas formas de organização e mobilização. Isso resultou na fundação da Associação Cultural Ecológica Lagoa do Nado (ACELN), em 1983. O grupo começou a realmente ocupar e a cuidar do Lagoa do Nado e, com isso, outras pessoas aderiram ao movimento. A ACELN surge como uma entidade civil sem fins lucrativos, comprometida com a vida, a cultura, na boa relação do homem com o meio ambiente, deixando claro a preocupação ambientalista e cultural. (LUTTERBACH, 1993).

Dentre as ações realizadas pelo grupo, uma das que mais se destacam é a realização da "Festa da Lagoa do Nado", com a primeira edição sendo realizada em 1983, ano da fundação da ACELN. (LUTTERBACH, 1993). A festa é colocada, então, como uma forma de protesto pacífico e de viés ecológico a fim de sensibilizar os gestores estaduais e municipais da importância da implantação definitiva do Parque

Lagoa do Nado. Diante disso, é importante situar a festa surge como uma manifestação social deste grupo que, em sintonia com o espaço, expressam sua identidade.

As festas eram organizadas pela ACELN e contavam com o auxílio de voluntários. Eles prezavam por realizar um evento que fosse atrativo a todas as idades e com programação diversificada com atividades infantis, missa ecológica, shows, palestras e exposições. Todas as festas eram acompanhadas pela mídia, que mapeava o movimento e relatavam o desenvolvimento das promessas do poder público.

Foi somente em 1984 que o terreno foi adquirido pela Prefeitura de Belo Horizonte para a construção do Parque Municipal Fazenda Lagoa do Nado Entretanto, a falta de interesse e de investimentos do governo municipal fez com que a administração da área recaísse novamente nas mãos da ACELN, que a aceitou a despeito de todas as dificuldades. (LIMA, 2000). A ACELN não parou de se organizar para continuar lutando para que o parque fosse inaugurado e acessado por todos, mesmo com o terreno sendo de propriedade municipal.

O Lagoa do Nado é apropriado pelos moradores como uma forma de manifestação, como uma forma de mantê-lo no cotidiano da comunidade. “Uma rua é um universo de múltiplos eventos e relações. A expressão ‘alma de rua’ significa um conjunto de veículos, transeuntes, encontros, trabalhos, jogos, festas e devoções”. (SANTOS, 1985 p. 24). Sua história cria uma dimensão simbólica que extrapola sua dimensão física e, segundo Lynch (1997 p. 1), “cada cidadão tem vastas associações com alguma parte da cidade, e a imagem de cada um está impregnada de lembranças e significados”.

De acordo com Izquierdo (2002, p. 09), o ser humano não sabe viver em isolamento, eles formam grupos com base em laços culturais e afetivos de acordo com as memórias em comum. As memórias se constituem a partir das experiências vividas pelos homens, seja na individualidade, seja na coletividade. Nesse contexto, memória e esquecimento andam lado a lado. Ainda segundo o autor, “nosso cérebro ‘lembra’ quais são as memórias que não queremos ‘lembrar’, e esforça-se muitas vezes inconscientemente para fazê-lo”. A maior parte do que se aprende ao longo da vida é esquecido, e o cérebro humano possui milhares de memórias e fragmentos de memória, sendo necessário artifícios de evocação das mesmas para se manterem

vivas na memória coletiva. “A memória se faz do jogo do esquecimento e do ressurgimento, através das variadas faces da temporalidade”. (JEUDY, 1990 p. 142).

O esquecimento e o medo da perda dos símbolos e das referências culturais fazem com que os grupos sociais busquem artifícios de rememoração. Os jogos da memória e a dinâmica do lembrar e esquecer se unem na invocação, no qual as imagens e os significados evocados se entrelaçam no discurso de retorno do passado e os objetos permanecem como uma presença anacrônica do tempo. (JEUDY, 1990). A memória coletiva só se mantém enquanto houver um grupo social que lhe dá suporte. Quando este suporte social é perdido ou se torna frágil, outros artifícios se fazem necessários para preservar estas lembranças. (HALBWACHS, 2003).

Nesse sentido, a apropriação do espaço do Lagoa do Nado como uma forma de manifestação foi um meio de evitar a desconstrução de uma memória importante. O medo da perda de um símbolo local faz com que o grupo social afetado pelo bem utilize a festa e do uso do espaço como um artifício de rememoração. As festas proporcionam um vínculo entre os indivíduos do grupo social, fornecendo um suporte para a memória coletiva.

É a cultura que permite ao homem adaptar-se ao seu meio e também adaptá-lo a sua necessidade e vontade. A identidade cultural de uma coletividade só pode ser compreendida se houver um entendimento das relações sociais existentes entre os diferentes grupos sociais e seus reflexos no tecido urbano. (CUCHE, 1999). Desse modo, ficam a cargo dos significados aplicados nos lugares, patrimônios e símbolos a possibilidade de não só nos fazer lembrar, mas também de nos fazer identificar e relacionar com o bem cultural, sendo assim elemento essencial para a construção das identidades, onde o indivíduo reconhece os seus semelhantes por meio de um processo de identificação com base nas memórias e laços afetivos comuns, como veremos nos próximos itens.

2.3. A criação e permanência do Parque Municipal Fazenda Lagoa do Nado

Cultura, memória, produção do espaço, a reprodução social e o patrimônio cultural são conceitos indissociáveis que permite nos instituir não só como seres humanos, mas também, como seres históricos e sociais. (TOFANI, 2008). A existência humana, o modo de agir, pensar e se relacionar depende da produção e reprodução da cultura, que por sua vez está relacionado ao modo em que os legados do passado

interferem nas ações do presente que objetivam a construção de um futuro. “O conceito de memória, produzido no presente, é uma maneira de pensar o passado em função do futuro que se almeja”. (GONDAR, 2005 p. 17).

Para Le Goff (2003), a oposição entre o passado e o presente é essencial para a aquisição da consciência temporal. Porém, a evocação da memória coletiva pode se perder na repetição obsessiva das cenas e linguagens perdidas ao se prender numa cilada nostálgica. A sedução da memória jaz num retorno imprevisto do que se encontrava aparentemente oculto. A memória se divide, então, entre uma amnesia parcial e a reiteração interminável dos traços mnésicos. Estamos constantemente evocando a memória por medo de perder nossas referências culturais. (JEUDY, 1990).

A memória e a identidade permitem aos sujeitos estabelecerem relações socio-afetivas. Estes conceitos são frutos dessas relações que são construídas a partir das semelhanças e diferenças dos sujeitos no meio coletivo. Isso é observado no Lagoa do Nado, onde o jogo identitário permitiu aos moradores locais se relacionarem com o movimento, resultando em eventos que marcaram a memória coletiva local. Temos em mente que isso facilitou a mobilização, principalmente em torno das Festas da Lagoa do Nado, por meio do lado lúdico.

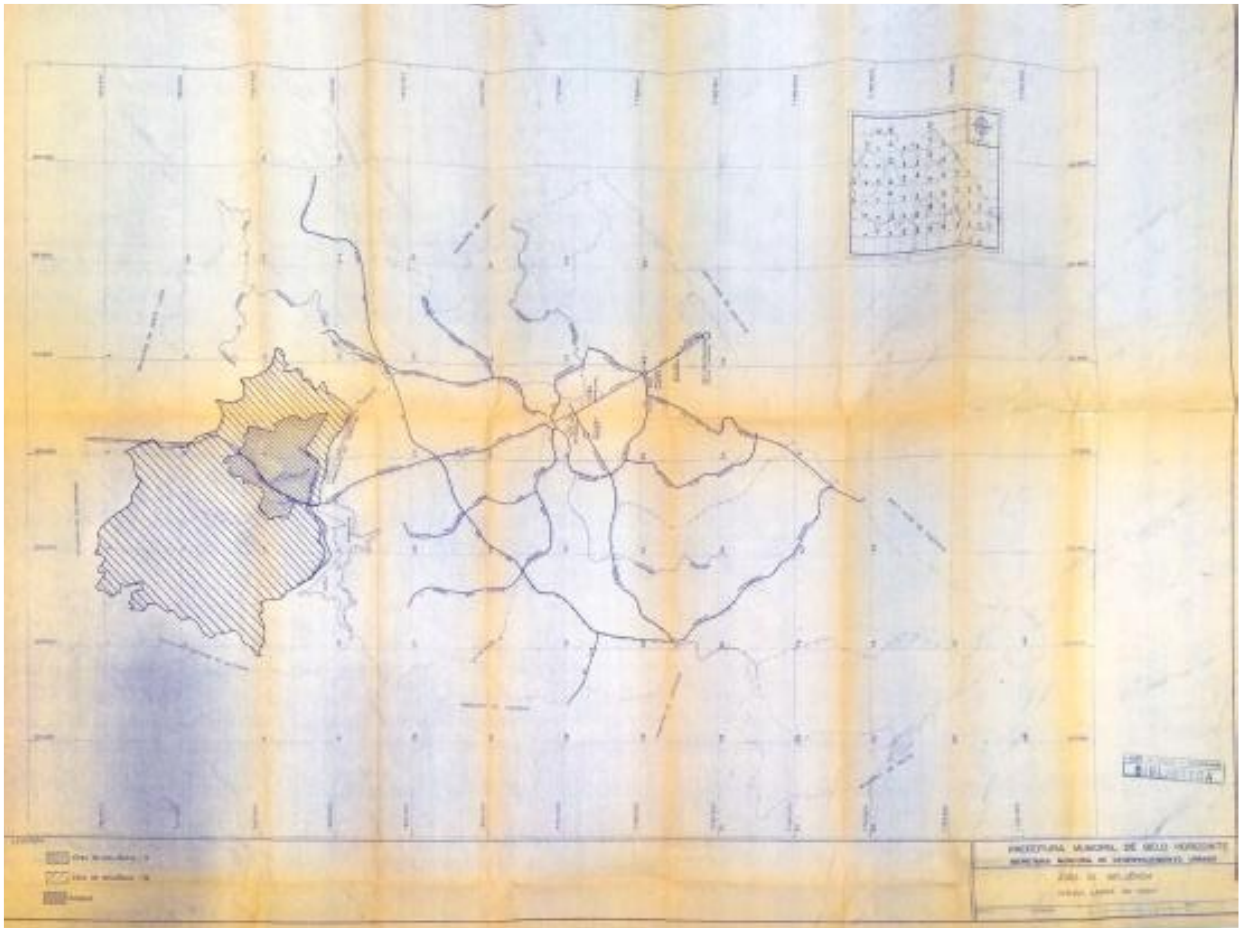
Na 2ª Festa da Lagoa do Nado, o tema principal era a celebração da compra do terreno pela Prefeitura de Belo Horizonte e a continuidade da luta pela inauguração do parque. Ainda era necessário a realização de obras de adaptação e faltavam investimentos da prefeitura para que o parque fosse inaugurado. Ainda em 1984, a ACELN realizou uma pesquisa⁷ junto à comunidade objetivando identificar demandas para a elaboração do programa de necessidade para a criação do Parque Fazenda Lagoa do Nado, que compôs o Projeto de Implantação do Parque que seria enviado à prefeitura. (ASSOCIAÇÃO CULTURAL ECOLÓGICA LAGOA DO NADO, 1984). O relatório trazia informações que demonstrava o tipo de parque que a comunidade precisava e serviu de pauta para a principal reivindicação da associação pelos

⁷ Pesquisa realizada pela Associação Cultural Ecológica Lagoa do Nado em 1984. Documento consultado no Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, registrado na Guia de Recolhimento 372 – Controle de Arranjo: AH. 06.00.00 Papel – Título: Pesquisa Parque Lagoa do Nado – Data: 1984 – Depósito: TX Móvel: AD.01/MO.10/EST nº 02 Posição: P2 Caixa: 47

próximos anos. O parque não era somente desejo de um pequeno grupo, mas necessidade de diversos bairros.

A pesquisa foi dividida em dois setores (figura 5), sendo que o primeiro correspondia aos grupos que acessariam o parque a pé, e o segundo correspondia aos grupos que acessariam o parque utilizando outros modais de transporte, como bicicletas, automóveis, transporte público, etc. e sua taxa de resposta corroborou o que a ACELN sempre pregou: era necessário a construção de um parque tanto para a preservação ambiental da área quanto para proporcionar um importante equipamento de lazer para a Regional Pampulha e Venda Nova. (ASSOCIAÇÃO CULTURAL ECOLÓGICA LAGOA DO NADO, 1984).

Figura 5: Mapa das áreas de influência da Pesquisa Parque Lagoa do Nado.



Fonte: ASSOCIAÇÃO CULTURAL ECOLÓGICA LAGOA DO NADO, 1984.

Nos anos seguintes, a associação continuou realizando as festas em resposta ao desenrolar dos acontecimentos, das promessas feitas e não cumpridas. Além de manter a imprensa sempre bem informada tanto das promessas não cumpridas

quanto das manifestações organizadas. (GARCIA; GONZAGA, 2009). Em 1986, quando a verba destinada à construção do parque não chegou ao seu destino, a ACELN organizou protestos, manifestações e distribuiu notas na imprensa relatando o descaso e a morosidade do processo de implantação do parque. (LIMA, 2000).

A ACELN prezava por manter sua autonomia e independência com relação à politicagem, mas ainda assim a utilizavam. O contato com alguns políticos que se comprometiam com a causa ambiental e cultural era utilizado como forma de pressionar a gestão municipal para a realização das obras do Parque Fazenda Lagoa do Nado. As festas realizadas de 1989 a 1991 tiveram como mote principal o atraso das obras para a implantação do parque (figura 6). (LIMA, 2000).

Figura 6: Casarão e anexo em obras para implantação do parque.



Fonte: Breno Pataro. Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte.

As festas organizadas pela ACELN contavam com o auxílio de todos e representavam um momento de celebração, no qual eles podiam ver tudo o que já conseguiram alcançar e tudo o que faltava para que o parque fosse finalmente inaugurado.

Durante as festas, as relações eram construídas e laços estreitados, permitindo ao sujeito uma sensação de pertencimento no grupo social e no território. Segundo Maurice Halbwachs (2003), a memória coletiva é construída das relações, da imersão do sujeito no grupo social no qual ele se identifica. Portanto, mesmo a memória

individual e até pensamentos e sentimentos são construídos dentro da experiência grupal e são pontos de vistas sobre determinado acontecimento.

A memória coletiva instaura um fio condutor que dá alguma coerência e sensação de continuidade a uma sociedade e que possibilita aos seus membros o desenvolvimento dos essenciais sentidos de identidade e territorialidade ou, correspondentemente, alteridade e pertencimento. (TOFANI, 2008 p. 27).

Ao adquirir consciência temporal e reconhecendo os símbolos do passado, o indivíduo cria uma rede simbólica de representações que dão diretrizes para o comportamento em sociedade. Para tanto, o indivíduo utiliza-se do artifício da memória coletiva para se manter vinculado a essa rede, ao imaginário social, sendo difícil para o mesmo perder qualquer tipo de referência. Assim, evoca-se o passado, muitas vezes pela repetição e pela nostalgia, como uma forma de contrapor o presente e reforçando esse sistema simbólico de representações que guiam a vida em sociedade.

Com isso, a apropriação do espaço do Lagoa do Nado e a forma como a população local se dispôs para transformar aquele espaço em um lugar do qual todos poderiam usufruir nos permite considera-lo como um símbolo local. Ele integra a rede simbólica local e deu as diretrizes que levou a comunidade a se organizar e exigir do poder público a criação de um parque, com todas as reformas e adaptações necessárias para a sua implantação.

Entretanto, ao longo dos anos, ficaria evidente que a aquisição do terreno pela prefeitura não era garantia de que o parque seria implantado. Faltava investimento e comprometimento com as obras, que foram realizadas em parcelas ao longo dos 10 anos entre a aquisição do terreno e a inauguração. (GARCIA; GONZAGA, 2009). Apropriado pela população desde a década de 1980, a prefeitura não via aquele espaço como um espaço de lazer e cultura que deveria ser priorizado no orçamento.

Foi somente em 1991 que o parque entra em obras para ser concluído, com recursos obtidos por meio de um convênio entre a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte e a mineradora MBR (figura 7 e 8). Em 1994, as obras são finalizadas e o Parque Municipal Fazenda Lagoa do Nado é finalmente inaugurado pelo então prefeito Patrus Ananias. (GARCIA; GONZAGA, 2009).

Figura 7: Patrus, o secretário de Meio Ambiente e representantes da MBR assinam convênio para obras do parque.



Fonte: Breno Pataro. Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte.

Figura 8: Reportagem do Diário da Tarde, 03 de set. de 1993.



Fonte: Hemeroteca do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte.

O projeto de descentralização administrativa e de participação popular, iniciados em 1989 e continuados na gestão de Patrus Ananias, no período de 1993 a 1996, favoreceu a realização do convenio com a MBR e o andamento das obras para a implantação do Lagoa do Nado. O advento da pauta cultural e a discussão de experiências culturais como condição de cidadania coloca em discussão a necessidade de acesso aos equipamentos culturais pela população. A ideia de se criar um centro cultural inter-regional no Lagoa do Nado vinha desde as primeiras manifestações organizadas pelo GVI e depois pela ACELN, projeto que foi viabilizado na década de 1990 pela Secretária Municipal de Cultura.

Dito isso, temos que a memória não é apenas uma reconstituição do passado. Ela se faz por uma reconstrução do passado com base nas questões que fazemos a ele. Questões essas que dizem mais sobre o sujeito no presente do que sobre os acontecimentos passados. A memória é um processo no qual o que “encontramos são os jogos de força e o calor das lutas: diferenças potenciais lutando para se afirmar, desejos e interesses agindo e reagindo diante de outros desejos e interesses, em tensão permanente”. (GONDAR, 2005 p. 20-21). Do mesmo modo que os grupos sociais estão sujeitos a mudanças constantes, assim a memória também está. Reduzi-la a um conjunto de representações seria negar sua condição de reprodução. (GONDAR, 2005).

A identificação é construída a partir do reconhecimento das semelhanças, de uma origem comum, de uma memória que compartilham, tanto de indivíduos entre si quanto entre símbolo e indivíduos. Ela é um processo onde são partilhadas características, experiências, memórias e até mesmo ideologias em um grupo social. (HALL, 2000). O indivíduo faz parte de uma coletividade porque ele se identifica com ela, do mesmo modo ele se identifica com um símbolo porque reconhece nele a representação e a reconstrução das experiências, semelhanças e afetividades da sociedade no qual ela faz parte.

As identidades são construídas ao longo dos anos com base nas experiências que foram vividas tanto pelo indivíduo quanto por seus antepassados. Dessa forma, elas utilizam de todo um material simbólico aprendido que é processado, principalmente, por intermédio do imaginário social, reorganizando os significados de acordo com as necessidades do indivíduo ou do grupo social.

Os sistemas de significações e representações existentes nos força a confrontar uma multiplicidade de identidades cambiantes aos quais podemos nos identificar mesmo que temporariamente. (HALL, 2006). A verdade é que as identidades, apesar de parecerem residir em um passado histórico,

Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo que nos tornamos. Têm a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “como temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios. (HALL, 2000 p. 109)

As identidades, portanto, são construídas no interior de um discurso e não fora dele. Por isso, se faz necessário entendê-las como sendo produzidas nos signos e nos símbolos, por estratégias e iniciativas específicas.

É no cerne das relações sociais que as memórias e as identidades são concebidas, fornecendo ao sujeito uma rede simbólica responsável por direcionar a vida em sociedade. Sendo assim, o Lagoa do Nado oferece aos moradores e usuários um ponto de semelhança com o qual eles podem se identificar, se configurando enquanto grupo social e fixando o parque como um símbolo local.

2.4. Centro Cultural Inter-Regional Lagoa do Nado: cultura, natureza e patrimônio

Os símbolos e os lugares de memória recordam uma maneira de agir e pensar comuns ao grupo social. É através desta aura simbólica que se pode compreendê-los e ao fazer isso, nos identificamos e relacionamos com o símbolo. (HALBWACHS, 2002). O relacionamento entre a coletividade e o Lagoa do Nado estabelece parâmetros para a criação das memórias e das identidades que permeiam este espaço.

Assim como as relações construídas se alteram ao longo do tempo, também acontece com as identidades, uma vez que com uma característica não estática, as identidades estão sempre mudando e se transformando. A modernidade e a globalização acabam por tornar as identidades mais plurais, com novas possibilidades e novas interpretações do imaginário social. (HALL, 2006). Nesse sentido, o Lagoa do Nado permite múltiplas formas de identificação com o espaço.

A pluralidade de identidades existentes e projetadas naquele espaço possibilita ao indivíduo um certo número de processos de identificação e interpretação do imaginário social existente no Lagoa do Nado. A questão cultural permeava ao lado da bandeira ambiental. Nesse contexto, o centro cultural seria um dos responsáveis por reforçar essas identidades, oferecendo aos usuários um espaço onde sua versatilidade permitirá a construção de novos relacionamentos e novas formas de identificação.

O imaginário social é o lugar onde se expressam as expectativas, desejos, aspirações, lutas e conflitos dos grupos populares. Ele faz parte de um campo de representações que oferecem uma definição da realidade. (BRUSADIN, 2015). Grande parte do que se passa na cidade, no espaço social construído, é imaginário, pois surge de uma interação real e toda interação que ocorre, toda troca com o espaço, tem sua cota de imaginário, de simbólico. (CANCLINI, 1997).

Os bens patrimoniais, simbólicos, são os bens que a sociedade construiu em um contexto social e cultural, e que são eleitos como símbolos por determinado grupo social devido à carga simbólica e de significações que ali são aplicados ao longo dos anos (BACZKO, 1985). Segundo Durand (1993), o símbolo é uma recondução do sensível, uma aparição do significado através dele próprio, uma representação que faz aparecer um sentido secreto e que, por causa disso, penetram no imaginário dos grupos sociais. Neste sistema simbólico de representações, – denominado imaginário social, com base no conceito delimitado por Baczko (1985) – o patrimônio cultural se torna ponto chave na regulação da vida coletiva para sua expressão social. É nele que a memória constrói um significado especial nestes espaços culturais, fazendo com que os grupos sociais se identifiquem.

No processo de redemocratização brasileira, a cultura ganha destaque na recém elaborada Constituição Federal e, a partir disso, o surgimento de políticas públicas culturais. Seguindo este mesmo caminho, a Prefeitura de Belo Horizonte cria a Secretaria Municipal de Cultura (SMC), em 1989, e promulgou da Lei Orgânica do Município de Belo Horizonte, em 1990. Estas ações inauguram uma nova era na gestão municipal, onde as questões culturais têm o seu espaço reconhecido localmente (GARCIA; GONZAGA, 2009). A Lei Orgânica municipal, em um dos seus capítulos estabeleceu que o poder público, em conjunto com a população, implantaria novos centro culturais em Belo Horizonte. (BELO HORIZONTE, 1990).

Os centros culturais, definidos como equipamentos multifuncionais que facilitam a produção e circulação de manifestações culturais, são considerados instrumentos democráticos de difusão e produção cultural. (GARCIA; GONZAGA, 2009). A criação de centros culturais se torna propício e viável ao poder público numa época em que a redemocratização abria as portas para a população dialogar sobre o futuro do país e em que a cultura acabara de ganhar um capítulo específico na constituição com políticas públicas que a priorizavam.

Apesar de ser um movimento que teve como mote principal a preservação ambiental, os percursores do movimento sempre viram o potencial da área para um centro de referência em cultura. Fizeram questão não só de trazer isso para o movimento, como também de demonstrar que a integração entre cultura e meio ambiente era importante para o Lagoa do Nado, através das formas apropriação praticada por eles e pelos frequentadores do parque.

A construção da identidade em torno do Lagoa do Nado pelo viés ambientalista e cultural por meio da apropriação do lugar determinou um conteúdo simbólico que extrapola o grupo inicial, afetando a população local e simpatizantes com a causa. Ela acontece como um processo constante de construção de significado baseado em algum atributo cultural e social, pois constitui uma fonte de significados construídos pelo homem e para os homens em diferentes tempos e espaços. (CASTELLS, 1999). As identidades, portanto, são mutáveis, instáveis, são construídas a partir de um grande número de fatores e, principalmente, não são unificadas. (HALL, 2000).

A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espaço. Avento aqui a hipótese de que, em linhas gerais, quem constrói a identidade coletiva, e para quem essa identidade é construída são em grande medida os determinantes do conteúdo simbólico dessa identidade, bem como de seu significado para aqueles que com elas se identificaram ou dela se excluem. (CASTELLS, 1999 p. 23 – 24).

Após a reorganização administrativa e a criação da SMC, especialmente no início da década de 1990, a prefeitura municipal começou a dar os primeiros passos para a implementação de um centro cultural no Lagoa do Nado (GARCIA; GONZAGA,

2009). Pautados pela nova legislação e com o apoio da ACELN, a Prefeitura de Belo Horizonte, por intermédio de uma comissão composta por técnicos, especialistas e até membros da ACELN, elabora, então, o Projeto de Implantação do Centro Cultural Inter-Regional Lagoa do Nado (CCILN)⁸ em 1991 (BELO HORIZONTE, 1991).

O Projeto de Implantação do Centro Cultural Inter-Regional foi aprovado e o CCILN foi criado pela Lei 6.292 de dezembro de 1992 (BELO HORIZONTE, 1992). Desde o início, o CCILN foi tratado como um “projeto de grande alcance cultural, educacional e social [...] constituindo-se ainda em Centro de documentação e pesquisa de produção cultural dirigida a crianças e jovens”. (OFÍCIO... 09 de mar. de 1992). O apoio da ACELN e da população local para a implantação de um centro cultural no Lagoa do Nado favoreceu para que o CCILN fosse um dos primeiros centros culturais a ser criado em Belo Horizonte.

A escolha do Parque Fazenda Lagoa do Nado para a implantação de um dos primeiros centros culturais foi considerada estratégica. A sua localização privilegiada, que oferecia fácil acesso para os moradores das regionais Pampulha, Venda Nova e Norte – regiões que necessitavam de um equipamento de lazer de grande porte – e o fato de já ser um local apropriado pela população para abrigar uma série de atividades comunitárias, como as festas anuais e as Plenárias do Encontro Popular de Cultura, tornou o Lagoa do Nado a escolha mais lógica e com maior chance de sucesso para a implantação do centro cultural. (GARCIA; GONZAGA, 2009).

O CCILN foi inaugurado oficialmente em 1993 e seu projeto previa o atendimento de cerca de 500 mil pessoas (figura 9). Com isso, o projeto procurou abarcar as demandas da comunidade, de acordo com o baixo recurso disponível no período. Segundo relatam Garcia e Gonzaga (2009, p. 30),

Seu projeto incorporava fortemente as possibilidades que o próprio espaço do parque oferecia, o que era entendido a partir de três dimensões: local, promovendo a interação com a comunidade circunvizinha e incorporando iniciativas já presentes no lugar; inter-regional, atuando como lugar de articulação, permitindo a reunião de agentes culturais e funcionando como pólo irradiador de atividades e iniciativas voltadas prioritariamente para as populações residentes nas

⁸ Documento consultado no Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, registrado na Guia de Recolhimento 1538 – Controle de Arranjo: AP 05.00.00 Papel – Título: Projeto de Implantação do Centro Cultural Inter-Regional Lagoa do Nado (CCILN) – Data: 1991 – Depósito: TX Móvel: AD.01/MO.11/EP nº 78 Posição: PR.03 Caixa: 109

administrações próximas; municipal, como centro de referência para experiências preservacionistas na cidade.

O CCILN surge, então, não só com as características de um centro cultural tradicional, mas também para ser um polo regional que terá uma ação coordenada com outros centros culturais. Um “equipamento polivalente e multifuncional que possibilite a democratização cultural, o intercâmbio entre produtores e artistas das regiões próximas, e abrigue apresentações artísticas, oficinas e cursos, entre outras atividades” (BELO HORIZONTE, 1991 s/p).

Figura 9: Reportagem do jornal Hoje em Dia, 03 de maio de 1993.

Lagoa do Nado ganha centro cultural com cinco oficinas

As atividades do Centro Cultural Inter-Regional Lagoa do Nado começaram ontem, com a proposta de promover a integração da Região Norte de Beagá, que possui 600 mil habitantes. Foram abertas cinco oficinas de arte — capoeira, instrumentos de sopro, papel artesanal, Tai Chi Chuan e teatro — no Parque Fazenda Lagoa do Nado.

O Centro é uma das unidades externas da Secretaria Municipal de Cultura e foi instalado dentro de uma política de descentralização dos equipamentos culturais da prefeitura. “A própria Lei Orgânica prevê a instalação de centros culturais nas nove regionais”, informou o diretor do Centro Inter-Regional, Gilson Melo. Além das oficinas, o local mantém em funcionamento, inclusive aos domingos e feriados, uma biblioteca com mais de dois mil volumes.

A direção do Centro Cultural Inter-Regional Lagoa do Nado está discutindo com a UFMG a assinatura de convênio com as escolas de Belas Artes, Música e com o Teatro Universitário para abertura de novas oficinas, fazendo uma escola pública e gratuita para a população. Ontem, durante todo o dia houve apresentação no Parque Fazenda Lagoa do Nado. Na parte da manhã a Corporação Musical Cosme Ramos, do bairro Campo Alegre, e que é responsável pela Oficina de Sopro, fez apresentação, seguida do Coral Ars Nova, da UFMG.

O grupo de teatro infantil do Grupo Artístico Juvenil Elementais encenou a peça “A Bruxinha que era boa”. Também o grupo de capoeira do Mestre Trovão, do bairro Jardim Felicidade, fez apresentação. À tarde, houve show do Boi-de-Manta, da Ordem Templária da Cruz de Santo Antônio, do bairro Jaraguá, acompanhado da Guarda de Moçambique.

Dentro das comemorações da abertura do Centro Cultural, a seleção feminina do Minas Tênis — Fiat-Minas — jogou com a Seleção Mineira Juvenil, marcando a participação da Secretaria Municipal de Esportes no evento. Também a Escola de Belas Artes, da UFMG, esteve presente com a exposição de esculturas sobre Aids, coordenada pelo professor Fabricio Fernandino.



O grupo de capoeira do Mestre Trovão fez apresentação ontem no parque

Fonte: Hemeroteca do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte.

Um dos produtos do Projeto de Implantação do CCILN é um Relatório Técnico de Avaliação e Apropriação Espacial e Arquitetônica da Lagoa do Nado⁹, que objetiva contextualizar a instalação do centro cultural no parque e estabelecer diretrizes para a realização das adaptações necessárias. O centro cultural é colocado como uma das formas de dinamizar a utilização do parque, principalmente a partir de iniciativas inclusivas que contribuam para a “construção de um campo simbólico dotado de centralidade”. (LEMOS; PENIDO, 1991).

O Parque Municipal Lagoa do Nado passou por um longo percurso para se estabelecer como um parque em Belo Horizonte. Desde sua apropriação pela população local na década de 1970, até sua inauguração em 1994 (figura 10). Entretanto, mesmo com todas as adversidades, a comunidade lutou pela área e conseguiu que o parque fosse fundado e que fosse instalado um centro cultural.

Por se tratar de uma área grande, a vegetação expressiva e a imponência dos antigos donos, a fazenda sempre esteve presente no imaginário social local, fazendo parte do cotidiano e integrando a identidade local. Ao utilizar do jogo identitário e suas ferramentas lúdicas para relacionar a importância da preservação com a necessidade de um equipamento de lazer, o grupo deixa mais fácil para a população local se identificar com a causa, transformando aquele espaço público em um lugar onde a memória pode ser sempre produzida e reproduzida.

⁹ Documento consultado no Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, registrado na Guia de Recolhimento 435 – Controle de Arranjo: AP.05.00.00 Papel – Título: Relatório Técnico de Avaliação e Apropriação Espacial e Arquitetônica da Lagoa do Nado – Data: s/d – Depósito: TX Móvel: AD.01/MO.02/ES nº 05 Posição: P.01 Caixa: 15

Figura 10: Patrus Ananias inaugura Parque Municipal Lagoa do Nado.



Fonte: Thel. Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte.

Segundo Meneses (2004 p. 49), “pensar o patrimônio cultural de uma sociedade é pensar a própria sociedade e problematizar sua existência e sua forma de participação na vida”. Dessa maneira, entender as relações sociais que existem no entorno do bem cultural se faz necessário para uma política efetiva de proteção, visto que a utilização do jogo das identidades, das semelhanças, cria vínculos afetivos na sociedade e manipula o imaginário social.

A expressão da memória e das identidades são importantes neste processo de inserção social no patrimônio. Jeudy (1990 p. 144) dirá que “só a memória permite o Grande Jogo entre o imaginário e o simbólico”. Sendo assim, o Lagoa do Nado se tornou um símbolo presente na memória coletiva e na identidade local, guiando o convívio social e permitindo o surgimento de novas relações sociais e afetivas. Com isso, no próximo capítulo iremos explorar a construção do espaço cultural, sua produção e reprodução e como isso afeta os diversos usos públicos do parque Lagoa do Nado na contemporaneidade da vida cidadina.

3. A PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO DO ESPAÇO CULTURAL NO PARQUE LAGO DO NADO

*Só que havia um decreto
dizendo ser de utilidade pública
assinado pelo prefeito
tinha lá sua rubrica
pra qualquer cristão ver
sim senhor, utilidade pública.*
Rogério Salgado; Lagoa do Nado –
Uma luta pela natureza
Literatura de Cordel, 1984

De origem singular no contexto brasileiro, conforme apresentada no capítulo anterior desta dissertação, entendemos que o Parque Municipal Lagoa do Nado se tornou um espaço de significados simbólicos que propõe aos seus usuários experiências de lazer e pertencimento, fato que pode estabelecer relações sociais e laços afetivos capazes de ressignificar este mesmo espaço. As formas de apropriação do espaço influem diretamente na sua produção e reprodução e no que ele representa para a coletividade. Sob essa visão, seguimos abordando como a participação popular e a afetividade presente no Lagoa do Nado determinaram as formas de produção e reprodução do espaço onde destacam-se as ações culturais.

A cidade e seus diversos lugares são o palco da vida cotidiana para o ser humano urbano. Esse espaço é produzido e reproduzido constantemente pelas relações sociais. A forma como um espaço permite ou inibe as formas de relações define como este será utilizado. Assim, uma praça com muitas árvores e adequado para crianças nos convida a sentar e conversar com um conhecido ou, até mesmo, aproveitar a sombra fresca, enquanto uma grande avenida nos incentivaria a ultrapassá-la o mais rápido possível. Os espaços que permitem ao ser humano estabelecer relações são aqueles que ocupam um lugar no meio afetivo daquele indivíduo. São dotados de significados, afeições e personalizações que o classifica como um lugar especial. Em um mundo em que os laços sociais se liquidificam, tais espaços passaram a ser pontos essenciais para a convivência social.

As afetividades existentes no espaço importam não só para as identidades e a memória coletiva, mas também para as suas respectivas construções. O estabelecimento da consciência temporal por meio da contraposição entre o passado

eleito e o presente nos guia ao longo da vivencia humana. Estes espaços nos dizem como devemos nos portar e relacionar, ou mesmo, nos contrapor e reivindicar por mudanças.

Estes espaços com significados especiais são valorizados principalmente por meio da cultura e do patrimônio cultural. Entretanto, os usos da cultura não podem ser caracterizados como uma visão objetiva e reificada do objeto. A cultura é externa aos sujeitos sociais e está totalmente incorporada na vida social. Assim como a vida, o objeto também sofre mudanças ao longo do tempo. (MENESES, 1996). É mister visualizar o bem cultural de forma fluida, sem sacralizá-lo, entendendo como as relações o fizeram e ainda fazem ser o que é. Segundo Meneses (1996), a cultura é o universo da escolha, onde a seleção cria inúmeras possibilidades que, por sua vez, criam mais opções de escolha.

Desse modo, são as escolhas que fazem o objeto ser o que é e ter a importância que tem. Nesse objeto de estudo, um grupo de jovens e crianças escolheram ocupar uma propriedade privada para o lazer. Escolheram protegê-la da ação do mercado imobiliário e utilizaram a participação ativa da população como meio de proteção. Escolheram dar para a população a opção de experimentar todas as experiências que o parque oferece. Ao que tudo nos indica, as escolhas que foram feitas marcaram o espaço e resultaram no Parque Municipal Lagoa do Nado como se apresenta hoje.

Nesse entendimento, é importante salientar que o Lagoa do Nado não representa só uma área verde em Belo Horizonte, pois não é só um parque urbano. Ele passou a representar cada pessoa que se dispôs a apoiar a causa da sua criação, cada usuário que usufrui de suas dependências. Ele representa no campo simbólico as condições da participação popular, da mobilização e da luta, fatores complexos no contexto político e social do Brasil. Eis o debate que se apresenta neste capítulo.

Diante disso, temos que um espaço propício à formação de novas relações sociais entre os seres humanos também pode viabilizar uma participação popular ativa, fato que gera maior consciência de cidadania e de produção do espaço. A cidade não é estática e não deve ser considerada como tal. Para entender a fluidez do espaço e suas relações no contexto do Parque Municipal Lagoa do Nado, o primeiro item deste capítulo trata a ação da participação popular no espaço por meio

da Associação Cultural Ecológica Lagoa do Nado (ACELN), além dos seus desdobramentos na produção do espaço cultural.

3.1. A participação popular no espaço: uma ação associativa na produção do lugar

Toda e qualquer forma de produção do espaço está diretamente ligada ao que denominamos e / ou que nos foi introduzida como herança cultural. As cidades são construções culturais que afetam os indivíduos e são afetados por ela de modo que o mesmo acontece com o patrimônio cultural. O bem cultural, eleito por grupos sociais, incorpora memória coletiva num sistema simbólico de representações. Trata-se de um sistema global que se infiltra e influencia a vida pública e o cotidiano dos cidadãos e, ao mesmo tempo, um modo de reconhecer-se e afirmar-se em suas ações.

Na separação entre a imagem e o sentido em que o símbolo se constitui, encontra-se a cultura e todo o seu sistema de produção e reprodução do homem. (DURAND, 1993).

[...] a cultura engloba tanto aspectos materiais como não-materiais e se encarna na realidade empírica da existência cotidiana: tais sentidos, [...], são parte essencial das representações com as quais alimentamos e orientamos nossa prática (e vice-versa) e, lançando mão de suportes materiais e não materiais, procuramos produzir inteligibilidade e reelaboramos simbolicamente as estruturas materiais de organização social, legitimando-as, reforçando-as ou contestando e transformando [...] (MENESES, 1996 p. 89)

Os valores culturais são produzidos no jogo das relações, assim, eles são decorrem da ação social e necessitam experiências sociais, precisam se encarnar numa materialidade e para se manifestarem. (MENESES, 1996). A cultura é, então, tudo o que se constrói na vivência coletiva e no cotidiano dos grupos sociais. (MENESES, 2004).

A fundação do Parque Municipal Lagoa do Nado tem atores sociais muito bem definidos. A história do parque é entrelaçada com a história da Associação Cultural Ecológica Lagoa do Nado que surge como uma forma do grupo social se impor na cidade. Conforme dito anteriormente, a fazenda dos Gianetti era ocupada e apropriada pela população desde o início da década de 1970, mas somente em 1981 é que se tornou necessário a oficialização de uma entidade que pudesse argumentar e debater com o poder público sobre a área, além de possuir autonomia para auxiliar a definir os cursos do lugar. (TEIXEIRA, 2004). A ação em prol do Lagoa do Nado começou

com a ação do Grupo Verde Integral, mas tomou forma após a oficialização da ACELN em 1983. O Verde Integral tinha o hábito de se reunir para a realização de atividades voltadas para o lazer, como jogar futebol e andar de skate, e para ajudar a comunidade local, como a colocação de barraquinhas para angariar fundos para a construção da Igreja do Bairro Planalto. (LIMA, 2000).

A preocupação com o Lagoa do Nado começou de forma espontânea e descomprometida, principalmente a partir da preocupação do grupo com a poluição lançada no Córrego do Nado. Uma das primeiras manifestações que demonstraram o caráter político e ambiental do grupo foi a exposição de imagens da poluição lançada pela Central Beton na festa junina do bairro em 1981, na barraca que eles montavam para angariar fundos para a comunidade. (LUTTERBACH, 1993; LIMA, 2000).

A ação da associação tinha como objetivo principal sensibilizar a comunidade incentivando-a a participar das mobilizações principalmente através da apropriação do lugar (figura 11 e 12). Este modelo de ação permitiu que a população local experimentasse o lugar, criando significados individuais e únicos para cada indivíduo.

Figura 11: Crianças carregando faixa incentivando a participar da implantação do Lago do Nado.



Fonte: Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte.

Figura 12: Crianças brincando na lagoa.



Fonte: Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte.

A experimentação, a ocupação do lugar que resultaram em significados que motivaram a população local a participarem das mobilizações. E é, também, a impressão de significados no espaço que nos permite considera-lo uma forma de patrimônio cultural belo-horizontino. O patrimônio cultural se fixa no imaginário social pelo aspecto relevante das formas de representação de cada cultura e de cada grupo social. (BRUSADIN, 2015). Este patrimônio – constituído de histórias, mitos, lendas, imagens, pinturas, etc. –, constroem múltiplos imaginários que são compartilhados entre indivíduos localizados na cidade. Ele estabiliza as experiências urbanas que se encontram em constante transição. Por isso, o mesmo bem de uma cidade pode ter diversas interpretações para os vários habitantes e representam algumas disputas simbólicas existentes entre grupos sociais que compõem a cidade. (CANCLINI, 1997).

Desse modo, não podemos falar de patrimônio cultural sem envolver o indivíduo. Os atores sociais são importantes não só para a proteção, mas também para a caracterização do bem como cultural. A participação ativa do indivíduo na vida em comunidade e a defesa dos ideais comuns à coletividade são necessários para a instituição de um sentimento de pertença e para a construção das identidades.

Dessa maneira, todo o dispositivo simbólico envolvido no patrimônio é pautado na experiência vivida ou transmitida por estes atores. Ao participar da vida em comunidade, principalmente na mobilização, a população reivindica direitos se tornando cidadãos mais ativos e conscientes dos processos de formação da sociedade e de construção dos seus espaços culturais. Por se tratar de um grupo que estava diretamente envolvido com o cotidiano da comunidade, o GVI tem uma posição ativa no processo de formação do Lagoa do Nado. Para defender os seus interesses representados na preservação da Lagoa do Nado, esta associação precisou se agrupar conforme os anseios de sua comunidade e ocupar uma frente junto ao município.

Porém, mesmo com o GVI realizando ações que tinham uma aceitação e uma participação da população local significativas, faltava a criação de uma entidade que pudesse pressionar o governo de forma mais incisiva e que tivesse poder de negociação com eles. Assim, o grupo funda a Associação Cultural Ecológica Lagoa do Nado, pouco tempo depois da realização da 1ª Festa da Lagoa do Nado, em 1983.

Com a fundação da ACELN, o grupo pode explicitar bem os valores e pressupostos defendidos, principalmente o viés ambientalista e cultural que o Lagoa

do Nado proporcionava. Durante a 1ª Festa da Lagoa do Nado, o grupo trabalhou estas questões com o público alvo, de modo que a ACELN refletisse realmente os desejos e aspirações da comunidade no geral e não apenas de um grupo específico dentro da coletividade. (LUTTERBACH, 1993). Uma das formas de divulgação da ação da ACELN era através de folders e cartilhas¹⁰ distribuídas para a população, como na figura 13.

¹⁰ Documento consultado no Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, registrado na Guia de Recolhimento 1595 – Controle de Arranjo: AK.12.00.00 Folheto – Título: Nós estamos fazendo a história da Lagoa do Nado – Data: s/d – Depósito: TX Móvel: AD.01/MO.13/EP nº 99 Posição: PR.07 Caixa: 42

Figura 13: Folder “Nós estamos fazendo a história da Lagoa do Nado”.



Fonte: Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte.

Após sua fundação, a ACELN buscou na Prefeitura de Belo Horizonte a oficialização da utilização do parque para a sede da associação, que até então era utilizada informalmente. Para eles, a colocação da sede dentro do parque reduziria a vulnerabilidade da área, contribuindo com a vigilância da área e facilitando os esforços de mobilização. (LUTTERBACH, 1993).

Tendo que o reconhecimento de um bem como patrimônio vai muito além das políticas de proteção, como o tombamento, entendemos que ele parte da coletividade, e ela deve ser parte importante no trabalho de proteção e salvaguarda. Segundo Castells (1999), o agrupamento social tende a formar um sentimento de pertença, uma identidade cultural. Ainda segundo este autor,

Faz-se necessário um processo de mobilização social, isto é, as pessoas precisam participar de movimentos urbanos (não exatamente revolucionários), pelos quais são revelados e defendidos interesses em comum, e a vida é, de algum modo, compartilhada, e um novo significado pode ser produzido. (CASTELLS, 1999 p. 79).

Desse modo, o autor defende que ter uma participação ativa na vida em comunidade, defendendo interesses em comum é de vital importância para a instituição de um sentimento de pertencimento e significado, de identificação e identidade (figura 14).

Figura 14: Campanha Pela violência contra a pessoa idosa, 2006.



Fonte: ASCOM / Breno Pataro. Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte.

A participação popular, amplamente discutida no âmbito do planejamento urbano, é importante em qualquer área da gestão das cidades. Um dos argumentos a favor da participação ativa da população é a minimização das fontes de distorção nas leituras que se faz da cidade e também do patrimônio. Outro ponto levantado pelos que defendem a participação popular é que, ao participar ativamente, o indivíduo se sente mais responsável pelo resultado, ou pelo bem, o que resulta em ações mais efetivas de proteção. (SOUZA, 2010).

Isso não é relevante apenas sob o ângulo do amadurecimento político da população; isso é importante também na medida em que, ao sentir-se mais responsável, a população irá cuidar mais e fiscalizar mais (por exemplo, evitando que o patrimônio público seja depredado). (SOUZA, 2010 p. 334).

O direito à participação é um direito inalienável, entretanto, muitas vezes se abre mão deste direito e o cidadão se coloca em uma posição de tutela. (SOUZA, 2010). Com isso, a participação acaba sendo utilizada para manipular as massas por meio de um simulacro de participação, com a utilização de metodologias inadequadas e a falta de entendimento do que realmente é a participação popular nos dias atuais. (GANDIN, 2001).

No caso do Lagoa do Nado, a participação ativa da população acontece como uma forma de legitimar o movimento e a ACELN frente ao governo. A mobilização inicia-se como uma forma de chamar a atenção da mídia e do poder público para a área verde que poderia ser perdida em breve. Ela também é uma forma de chamar a atenção da população para um bem ambiental e cultural com potencial para se tornar um equipamento de lazer e cultura para os moradores da região.

Quando a população é convidada a participar das festas e a utilizar o espaço para um momento de lazer, ela deixa sua posição de tutela e passa a ter uma postura mais ativa na construção da cidadania. O grupo social se torna mais consciente da perda que sofreriam com a construção do conjunto habitacional ao experienciar o espaço. Com isso, eles passam a participar mais ativamente das ações de defesa organizadas pela associação. Em alguns casos, o próprio patrimônio é o responsável por ações de mobilização. O medo pela perda das referências culturais e da memória coletiva faz com que os atores sociais mais envolvidos realizem ações de mobilização, incentivando a população a participar de forma mais ativa e incisiva na proteção do

bem cultural. A participação nas mobilizações faz parte do processo de construção das identidades e criam marcas no território.

O medo da perda de um lugar especial, das referências culturais que o Lagoa do Nado proporciona, fez com que o grupo social que tinha uma afetividade com a área se movimentasse para sua manutenção. As ações de defesa que a associação organizou se pautavam na participação da população por meio das festas, oficinas e caminhadas ecológicas, que tiveram uma grande aceitação por parte do grupo social afetado.

Os eventos eram construídos de forma simples, sempre trabalhando o tema de forma lúdica e apropriada para as diversas faixas etárias que constituem os usuários de um parque urbano. A forma como se deu o movimento, a participação da imprensa e de outras formas de divulgação utilizadas, como uma poesia de cordel sobre o Lagoa do Nado (anexo I), deixaram o grupo social mais consciente do que poderia acontecer se eles não se mobilizassem para salvar o Lagoa do Nado e, conseqüentemente, mais ativos no processo de preservação e de construção da identidade local.

A ideia de participação popular no Brasil, que tem seu início aproximadamente nas décadas de 1930 e 1940, surge em contraposição a uma ideia de comunidade onde quem tem mais recurso, tanto intelectual quanto financeiro, indicariam o caminho das classes populares. Ela compreende múltiplas ações onde diferentes forças sociais influenciam a formulação, execução, fiscalização e avaliação das políticas públicas e/ou serviços básicos na área social. (VALLA, 1998).

Porém, o tom vago e difuso em que a participação popular aparece nos textos oficiais a tornam frágeis, de difícil aplicação e centradas nas mãos dos que possuem conhecimento técnicos. Entretanto, a participação ainda é o caminho para proporcionar melhores chances de um exercício pleno da cidadania, com maior integração da sociedade (SOUZA, 2010).

Os primeiros movimentos sociais urbanos surgem na década de 1970, como uma forma de resistência à ditadura. Suas primeiras formas surgem de reivindicações dos moradores, como por exemplo a luta por creches e centros de saúde, que desenvolvem diversas formas de articulação (OLIVEIRA, 1999). Já na década de 1980, a organização dos movimentos sociais se projetam no cenário público, refletindo diretamente na Constituição Federal, de 1988, que estabeleceu um novo parâmetro

de proteção ao patrimônio cultural, com maior amplitude de ação (OLIVEIRA Jr; CUNHA FILHO, 2014).

Na área ambiental, os movimentos ambientalistas enquanto ação social ganham força nas décadas de 1970 e 1980, principalmente nas áreas urbanas. Com o objetivo principal de denunciar e levar ao conhecimento público as causas e consequências da degradação ambiental, os movimentos ecológicos começaram a trabalhar as especificidades de cada localidade (LUTTERBACH, 1993). A concepção dos movimentos ambientalistas influenciou diretamente no surgimento de novos movimentos sociais e novas entidades que assumiriam uma postura mais politizada. O movimento pelo Lagoa do Nado, além da sua vertente ambientalista tinha um cunho social e cultural para a preservação da área verde. O auxílio da Associação Mineira de Defesa do Meio Ambiente indicou estratégias para que a associação conseguisse mobilizar as pessoas e reverter a desapropriação do terreno para a Minascaixa. (TEIXEIRA, 2004).

De toda a forma, vê-se que os movimentos de causa ambiental também estão atrelados às causas sociais, diante da apropriação da população do que é seu direito: a cultura e a preservação do meio ambiente. Eis o que se analisa nesse trabalho por meio do estudo do Parque Lagoa do Nado em um caso que parece se diferenciar de muitos outros no contexto brasileiro.

Sendo assim, os movimentos sociais estão voltados para três conjuntos de metas principais sendo elas: “necessidades urbanas de condições de vida e consumo coletivo; afirmação da identidade cultural local; e conquista da autonomia política local e participação na qualidade de cidadãos” (CASTELLS, 1999 p. 79). Ao participarem ativamente, a população não apenas determina os próximos passos dos grupos sociais, mas também se sente mais dentro do processo, sendo diretamente responsável pelo resultado deste processo (GANDIN, 2001).

As mobilizações sociais produzem significados para os grupos sociais independente de suas conquistas. A integração e as relações que são cunhadas no processo são elementos essenciais da construção das cidades e da composição da memória coletiva e da identidade (CASTELLS, 1999). Fato é que no caso do Lagoa do Nado, a mobilização teve a criação de uma entidade associativa como um dos resultados. A entidade faz o papel de mediação entre os grupos sociais e a máquina governamental. Ela é uma entidade sem fins lucrativos, dotada de personalidade

jurídica, caracterizado por um agrupamento de pessoas com objetivos e ideais comuns (CONCEIÇÃO; ALVES, 2010).

A ação de uma entidade associativa pode deixar a participação popular mais viável. Por se tratar de um agrupamento de pessoas com os mesmos ideais e objetivos, a associação cria um vínculo maior com a sociedade, trabalhando diretamente com um público-alvo específico e facilitando o diálogo entre população e governo.

As mobilizações, portanto, criam marcas na memória coletiva, especialmente quando o movimento alcança seu objetivo inicial. Tudo isso reflete no imaginário social que, por sua vez, influi diretamente em como a população participa deste patrimônio. Durante muitos anos, o Lagoa do Nado ficou abandonado à sua própria sorte, dependendo da população para se manter de pé. A participação da comunidade e a pressão que ela exerceu para que a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte oficializasse o parque tornou a coletividade mais consciente dos processos de produção do espaço, além do senso de responsabilidade para com o lugar, mais vinculada à ideia de pertencimento social do que uma obrigação moral.

As relações sociais, tanto entre sujeitos quanto entre sujeito e objeto, são imprescindíveis para entender todos os fenômenos passados e presentes no Lagoa do Nado. São eles que ofereceram um entendimento de como se deu a formação da memória coletiva e da identidade local em meio a produção deste espaço, tal como discutido a seguir.

3.2. Espaço, lugar e a produção de significados

Viver na cidade é muito mais do que morar, trabalhar e se divertir. Também é a possibilidade de estabelecer laços sociais que permitem ao sujeito se identificar no outro. Tendo a cidade como uma construção cultural, é este espaço que dá o contexto para as relações se fundarem e se estabelecerem e onde a vida humana se desenrola em todas suas dimensões.

A identidade social do sujeito é caracterizada pelo conjunto de suas vinculações dentro do sistema social que permite ao mesmo se localizar e ser localizado no sistema social (CUCHE, 1999). A construção das identidades encontra matéria-prima, principalmente, nos símbolos e suas formas de poder, visto que os mesmos são

elementos de coesão social e conferem sentido, identificação e significado ao indivíduo (BOURDIEU, 2005). Os símbolos estão presentes em várias partes da cidade. Sua criação depende de vários fatores, sendo crucial a aceitação e reconhecimento do mesmo pelo grupo social no contexto no qual se insere (BOURDIEU, 2005).

A forma com que os sujeitos aceitam e se relacionam com os símbolos definem o modo de apropriação do espaço. É na utilização do espaço, na sua ocupação, que são revelados as diferentes imagens e significados construídos pela sociedade. Ao utilizar uma fazenda particular para interesses comunitários, os ativistas engajados com o projeto do Lagoa do Nado redefiniram e ressignificaram o modo como os moradores locais viam aquele espaço. Para algumas pessoas o Lagoa do Nado pode ser só mais uma área verde na Zona Norte de Belo Horizonte, mas para os seres sociais diretamente envolvidos, – seja por participarem ativamente, seja por entender tudo o que se passou por ali ou até por vivenciarem a experiência que ele proporciona –, ele é muito mais do que isso. Para essas pessoas, o Lagoa do Nado representa amizade, familiaridade, conforto e, principalmente, resistência.

A relações existentes moldaram o espaço tornando-o um símbolo local. A forma de apropriação do espaço pelas crianças e adolescentes que cresceram na antiga Fazenda definiram o curso da preservação do lugar. As visitas, passeios, encontros e reuniões que muitas vezes aconteciam de forma clandestinas, resultaram em experiências únicas proporcionando um sentimento de pertencimento e identificação. Segundo Milton Santos (1985), o espaço é uma instância da sociedade, ou seja, a essência do espaço é social. Ele é formado por todo o aporte físico da natureza (alterada pelo homem ou não) somada à sociedade. Sendo assim, cada parcela do espaço contém uma parcela da sociedade e, assim como as sociedades, ele não é estático e está sempre sujeito a constantes mudanças e ressignificações.

A experiência do espaço é individual e única, apesar de representar sentidos e significados comuns a um grupo social. Para as pessoas que não estavam diretamente envolvidas a expressividade da área verde pode representar uma vulnerabilidade, relacionando-o unicamente com deficiência na segurança, existente na área. Para quem cresceu nos arredores, utilizando e se apropriando da área, aquele espaço representava uma potencialidade, um equipamento de lazer e cultura

capaz de atingir a um número de pessoas que não teriam acesso a esse tipo de equipamento normalmente.

Sendo assim, a compreensão da cidade deve vir de uma análise urbana que reflete profundamente sobre os dados postos ao longo da vida cotidiana. O homem é criador e produto do mundo, produzindo o espaço ao mesmo tempo em que é produzido por ele. A cidade é palco dos mais diferentes sujeitos sociais, possibilitando inúmeras experiências no cotidiano vivido (CARLOS, 1994). A ação do grupo de jovens, em um primeiro momento pelo Grupo Verde Integral e depois pela ACELN, representa bem o que Carlos (1994) declara sobre a relação entre o homem e o espaço. As ações de preservação realizadas pelo grupo ressignificaram um espaço privado para um espaço de lazer ao mesmo tempo que este mesmo espaço os induz a tomar tais decisões influenciando-os na apropriação do mesmo e conseqüentemente na mobilização para a criação do parque.

A concepção de uma natureza pura e sem a influência humana vem dar lugar à concepção de um espaço que é construído constantemente pelo indivíduo e pelas formas pré-existentes principalmente pelo viés da cultura, visto que ele é a morada do homem, onde sua vida cotidiana acontece (SANTOS, 1986). Quando o espaço é dotado de personalidade, ele é transformado em lugar (TUAN, 1983). Segundo Carlos (1994, p. 15), o lugar “abre perspectiva para se pensar o viver e o habitar, o uso e o consumo, os processos de apropriação do espaço”. Ele influi relações sociais e é influenciado por elas, traduzindo sentimentos e significações e estabelecendo uma relação íntima entre sociedade e o ambiente no qual ela está inserida.

No Lagoa do Nado a apropriação do espaço está relacionada com a relação afetiva que os usuários tinham com o lugar. Ao iniciarem as primeiras mobilizações, o grupo sabia que o sucesso dependia da aceitação dos moradores dos bairros próximos a fazenda e do engajamento deles no movimento. Os precursores do movimento utilizaram da apropriação para tentar minimizar a resistência dos moradores que viam aquele lugar como uma vulnerabilidade. (TEIXEIRA, 2004¹¹). A “Festa da Lagoa do Nado” propunha atividades lúdicas para trabalhar as questões de

¹¹ Livro elaborado pela ACELN em edital de patrocínio da Secretaria Municipal de Cultura, através de recursos do Fundo de Projetos Culturais. O livro foi publicado, mas não houve tiragem e pode ser consultado no acervo do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte por meio da Guia de Recolhimento 1527 – Código de Arranjo AP 06.00.00 Depósito: TX - Móvel: AD.01/MO.11/EP nº 82 posição PR.06 na caixa 67.

preservação ambiental e cultural do lugar, sem cair em intermináveis reuniões formais onde os moradores não teriam nenhum tipo de motivação para participarem.

Temos que o espaço é transformado em lugar na medida em que o homem se apropria, cria e modifica-o, produzindo sentidos e construindo experiências. O lugar é, então, uma porção da terra dotada de um nome, com significações que permitem aos seres sociais se localizarem e se identificarem no espaço social em que se encontram. Segundo Castells (1983, p. 146),

O espaço é um produto material em relação com outros elementos materiais – entre outros, os homens que entram também em relações sociais determinadas, que dão ao espaço (bem como aos outros elementos da combinação) uma forma, uma função, uma significação social. Portanto, ele não é uma pura ocasião de desdobramentos da estrutura social, mas a expressão concreta de cada conjunto histórico, no qual uma sociedade se especifica.

Os lugares não são elementos estáticos, terminados e fixados no tempo. Eles representam interesses, cooperação, partilhas e também conflitos, diferenças e divergências. O lugar, além de representar um significado comum para a coletividade, ele também representa significados singulares para cada membro da coletividade (LIMA, 2000).

Entender o espaço e suas formas de produção e reprodução, assim como para entender como se formam os sistemas simbólicos de memória e identidade exigem um estudo das relações sociais existentes. São essas relações que permitem atribuir significados ao lugar, estabelecendo-o como um lugar onde determinado grupo social pode se reconhecer e reconhecer seus semelhantes. É o lugar que normatiza como iremos nos portar ao mesmo tempo em que é ressignificado pela apropriação. A apropriação do espaço foi vital para que o Lagoa do Nado fosse consagrado parque urbano. Ao dar novos usos a uma fazenda particular, a população local deu novo significado ao lugar e o estabeleceu como um símbolo local.

Santos (1986, p. 161), diz que “a realidade de uma cidade, de um campo cultivado, de uma rua, é a mesma para todos os indivíduos. É a realidade de cada indivíduo que o autoriza e o leva a ver as coisas sob um ângulo particular”. Este autor ainda afirma que o espaço é um testemunho de um dos momentos do mundo:

Um conjunto de relações realizadas através de funções e de formas que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente. Isto é, o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado

e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que estão acontecendo diante dos nossos olhos e que se manifestam através de processos e funções. (SANTOS, 1986 p. 153).

O espaço social, portanto, é, também, o passado no presente. Sob a perspectiva dos teóricos que trabalham a memória, especialmente Le Goff (2003), a oposição entre passado e presente no tempo presente que permite a aquisição de consciência temporal, possibilita a formação da memória de cunho coletivo e, por conseguinte, da identidade com senso de pertencimento social.

Para produzir a condição de lugar é necessário que haja sentimentos e significados aplicados ao espaço (MARTINS, 2006). Nesse sentido, podemos usar essa definição para definir o patrimônio cultural. Elegar um patrimônio cultural em uma sociedade depende tanto da materialidade quanto da carga simbólica aplicada a ele. Eles tornam possíveis a construção de referências espaciais na cidade tanto pela percepção quanto pela via da memória e são marcadas social e historicamente. Neles são aplicados valores e significados que remetem ao imaginário social (FREIRE, 1997).

“O valor cultural não está nas coisas, mas é produzido no jogo concreto das relações sociais” (MENESES, 1996 p. 93), ele deve manifestar-se para que tenham experiência social, para que se transformem em tradições e para que induzam pensamentos. Eles não podem se confinar no universo mental e devem ser encarnados na materialidade da vida, no cotidiano. Os símbolos não são construídos aleatoriamente em meios aos interesses ligados ao patrimônio cultural. Eles permanecem no contexto social enquanto ainda representarem uma história que, de algum modo, se manteve viva na memória daquela coletividade pelo fato de ter penetrado no imaginário social.

Segundo Baczko (1985), os símbolos têm a função de introduzir novos valores, modelando os comportamentos individuais e coletivos, utilizando o imaginário social como um dispositivo simbólico. Dito isso, pode-se entender o imaginário “como um sistema de ideias e imagens de representação coletiva, esta passa a ser também um dos atributos que se fazem necessários para o entendimento do patrimônio cultural” (BRUSADIN, 2015 p. 24). Para identificar e entender o patrimônio cultural, portanto, deve-se compreender os circuitos de produção e consumo de sentido e valor e ter em mente que o eixo de compreensão está nas relações entre a sociedade e objeto e, até

mesmo, nas relações e não no objeto físico (MENESES, 1996). A partir disso, pode-se entender como se deu sua instituição como símbolo no imaginário social local e como ele se integra na memória coletiva das sociedades.

Entendendo que a definição de um patrimônio cultural ultrapassa oficialização pelos órgãos oficiais, temos o Lagoa do Nado como um exemplar do patrimônio cultural local. Ele é um lugar que foi produzido no passado e que se encontra submetido às leis do presente representando sentidos, significados e valores de cada ser que o experiencia.

A caracterização do espaço enquanto lugar espacial depende da carga simbólica que é aplicado a ele. Esse simbolismo vai surgir das mais variadas fontes, dentre elas as relações sociais, da memória encarnada no local, dos significados que ali são imprimidos e das mobilizações que aconteceram. O caminho para se manter como parque foi árduo e longo, mas que no final serviram para tornar o Lagoa do Nado referência pra a construção de um Centro Cultural Inter-Regional. No próximo item iremos trabalhar como foi a formação do Centro Cultural Inter-Regional Lagoa do Nado e sua implantação como primeiro centro cultural de Belo Horizonte, sob a perspectiva da produção e reprodução do espaço cultural associado à efetiva participação popular.

3.3. Centro Cultural Inter-Regional Lagoa do Nado: um espaço de ações culturais

A cultura representa uma forma de interpretação dos símbolos e das ações simbólicas exercidas pela sociedade, no qual o homem está inserido em tramas de significações criadas por ele mesmo. Os valores culturais surgem a partir de uma ação social que, através de escolhas feitas por indivíduos que se transformaram em padrões a partir dos mecanismos de identificação, enculturação e aceitação (MENESES, 1996; BRUSADIN, 2015). Eis que a ação social é fundamental para a preservação dos bens culturais de modo que apropriar-se é uma das maneiras da memória dar sentido ao lugar.

O que define o sentido de lugar são os significados, os símbolos que são projetados pelos grupos. São os conjuntos de valores representado pelos significados e símbolos que por sua vez “projeta-se no espaço geográfico e, ao mesmo tempo em que dele vai apropriando-se, imprime marcas como que dizendo isto sou eu e, em

comunhão com o grupo social, isto somos nós” (MARTINS, 2006, p. 39). O movimento pelo parque Lagoa do Nado sempre levantou a bandeira da importância da cultura como forma de preservação do parque. Apesar da preservação ambiental ser o foco oficial do movimento, as ações culturais sempre estiveram presentes. Ele representava a oportunidade de transformar um espaço privado em um espaço cuja cultura pode ser acessada por todos.

Segundo o levantamento preliminar¹² da vegetação existente na área, realizada pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente em 1979, o Parque Municipal Lagoa do Nado beneficiaria cerca de 150 bairros, vilas e favelas da Regional Venda Nova (SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE, 1979). A instalação do parque proporcionou acesso a equipamentos de lazer e cultura a vários de belo-horizontinos, melhorando a qualidade de vida dessas pessoas.

Na década de 90, a expectativa era que o parque atingisse cerca de 400.000 habitantes, com possibilidade de atingir uma abrangência mais ampla com a implantação do Centro Cultural Inter-Regional, conforme descrito no Relatório Técnico de Avaliação e Apropriação Espacial e Arquitetônica da Lagoa do Nado¹³. Antes da Prefeitura de Belo Horizonte assumir a gestão do parque, essa ficava a cargo da ACELN. Logo, a associação garantia que o uso e apropriação do Lagoa do Nado se desse de forma dinâmica, inclusiva e integrada à população ao mesmo tempo em que ela se articulava com o poder público para garantir a realização das obras e inauguração do mesmo (LE MOS; PENIDO, 1991).

O modo de agir da associação, principalmente através das mobilizações, levava em conta a expressividade da área verde diante da ausência de espaços livres devido à crescente urbanização de Belo Horizonte para demonstrar a necessidade de preservar a partir da apropriação. O uso da apropriação como forma de mobilização e preservação do parque estabeleceu que a relação com o lugar determinou o viés da difusão de diferentes práticas culturais, proposto pela ACELN. As festas da Lagoa do

¹² Documento consultado no Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, registrado na Guia de Recolhimento 1454 – Controle de Arranjo: AK.12.00.00 Papel – Título: Histórico Parque Municipal Lagoa do Nado – Data: 1979 – Depósito: TX Móvel: AD.01/MO.10/EP nº 73 Posição: PR.04 Caixa: 22

¹³ Documento consultado no Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, registrado na Guia de Recolhimento 435 – Controle de Arranjo: AP.05.00.00 Papel – Título: Relatório Técnico de Avaliação e Apropriação Espacial e Arquitetônica da Lagoa do Nado – Data: s/d – Depósito: TX Móvel: AD.01/MO.02/ES nº 05 Posição: P.01 Caixa: 15

Nado contavam com programação¹⁴ (figura 15) que envolvia feiras de arte e artesanato, atividades específicas para crianças, mostra de filmes, apresentações artísticas, entre outros, num esforço de relacionar as atividades culturais com a agenda de preservação ambiental (ASSOCIAÇÃO CULTURAL ECOLÓGICA LAGOA DO NADO, 1989¹⁵).

¹⁴ Programação consultada no Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, registrado na Guia de Recolhimento 107 – Controle de Arranjo: AP.05.00.00 Cartaz – Título: Festa da Lagoa do Nado – Data: s/d – Depósito: IC Móvel: AD nº 01 Posição: PR. 12 PT.04 Folder: 05

¹⁵ Documento consultado no Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, registrado na Guia de Recolhimento 401 – Controle de Arranjo: AP.03.00.00 Papel – Título: 7ª Festa Lagoa do Nado – Data: 1989 – Depósito: TX Móvel: Estante nº 14 Posição: P2 Caixa: 33

Figura 15: Convite para a 4ª Festa da Lagoa do Nado.

3

UM CONVITE NATURAL

A ASSOCIAÇÃO CULTURAL E ECOLÓGICA LAGOA DO NADO tem o prazer de convidá-lo a participar de sua 4ª Festa que acontecerá nos dias 3, 4 e 5 de outubro, onde a Ecologia e a Cultura serão nossos instrumentos de trabalho, num agradável ambiente natural. Convidamos todos a encontrar conosco os caminhos a serem percorridos para implantação do Parque Já, considerando que o projeto novo está pronto e que a situação atual é crítica. Cada qual com o que pode dar é capaz de provocar mudanças. Vontade, alegria, união e divulgação, espadas de luta por melhores condições de vida.

PROGRAMAÇÃO

4ª FESTA DA LAGOA DO NADO

03/10 – Sexta:
19:00 hs - Abertura
20:00 hs - Shows Musicais

04/10 – Sábado:
08:00 hs - Passeata Ecológica com participação das Escolas da Região e da Assoc. Mineira de Teatro de Bonecos.
10:00 hs - Exposição Laboratório UFMG e Atividades Ecológicas.
13:00 hs - Palestras, filmes e debates: Parque do Nado.
18:00 hs - Shows Musicais, Jazz, Yoga e Teatro.

05/10 – Domingo:
08:00 hs - Alvorada – Banda de Música.
09:00 hs - Missa Ecológica – Revoada de Pombos.
10:00 hs - Atividades Infantis/Part. Assoc. Bras. Teatro Bonecos/MG e Grupo de Escoteiros. Boi da Lagoa.
15:00 hs - Shows Musicais, Jazz e Teatro.
24:00 hs - Encerramento.

OBS.: Haverá a participação da Banda Suja (04/10) saindo às 15 horas do Campo Alegre em direção ao Parque do Nado.

APOIO



COTEC
Cooperativa Editora de Cultura Técnica Ltda
Av. Contorno 842 sala 207
Fones: 2267479; 2265845 62 1281

Fonte: Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte.

A cultura, portanto, funcionou como forma de atingir a população e engajá-la na luta pela criação do parque. Ela foi utilizada como meio de divulgação do movimento e incentivo à participação nas festas e eventos planejados pela ACELN. Durante as festividades, entre uma atividade e outra, os membros da associação utilizavam do espaço para informar a população sobre o andamento do movimento. Além do momento das festas, os informes eram feitos através do Jornal Verde Integral¹⁶ (figura 16), produzido por eles como uma forma de divulgação de tudo o que estava acontecendo na ACELN e no Lagoa do Nado (TEIXEIRA, 2004).

¹⁶ Jornal Verde Integral consultada na Hemeroteca do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte.

Figura 16: Parte do Jornal Verde Integral, publicado em 1993.

Verde integral

O que falta para concluir o Parque?



Há uma grande possibilidade - a esperança é a última que morre! - de, finalmente, o projeto do **Parque Fazenda Lagoa do Nado** sair do papel. No quadro ao lado, relacionamos as obras que a comunidade, através da ACELN, conquistou ao longo de 10 anos de luta, bem como o que ainda precisa ser feito. Repare que quase tudo em termos de infra-estrutura está por fazer, única e exclusivamente devido à falta de vontade política dos governos anteriores. A atual administração garante que desta vez o Projeto será priorizado e que as obras serão realmente concluídas.

Alertamos, no entanto, que a infra-estrutura não é tudo. É preciso que a comunidade fique atenta para dois outros fatores fundamentais ao bom funcionamento do Parque: sua recuperação ambiental, através do incremento do **Projeto Nascentes** (ver matéria nesta página) e a forma como ele será utilizado. Neste, nós da ACELN, somos categóricos: achamos que é a comunidade - e somente ela - que deverá decidir sobre a utilização deste espaço que ela própria conquistou.

Plano Diretor

O secretário municipal de Meio Ambiente, João Bosco Senra, afirmou ao **VERDE INTEGRAL** que, além das obras, a PBH irá priorizar a preservação do acervo natural do Parque, desenvolvendo inclusive um trabalho integrado ao **Projeto Nascentes** da ACELN. Disse que já estão planejadas algumas ações como: o plantio de árvores ao redor do parque e das nascentes, o monitoramento da qualidade da água da lagoa, a compostagem (transformação em adubo) de resíduos e, sobretudo, a "encantada" desapropriação de vários lotes localizados na área das nascentes.

Quanto à administração do Parque, João Bosco informa que está sendo elaborado um **Plano Diretor de Uso e Manejo** que definirá, entre outras coisas, as atribuições dos demais órgãos e secretarias que atuam na área. Segundo ele, a ideia é promover uma "gestão colegiada", fortalecendo ao máximo a **Comissão Consultiva** - que tem representantes da ACELN, de Associações Comunitárias, da Escola Lídia Angélica e dos times de futebol do Parque. Na avaliação da ACELN, este poderá significar um grande avanço, inclusive para evitar episódios como o escolhido do Diretor do Centro Cultural Lagoa do Nado, cujo processo foi conduzido pelo **Secretaria Municipal de Cultura** de forma no mínimo autoritária.

Obras já executadas:

- ✓ Três portões
- ✓ Reforma do Casarão (casa sede da antiga Fazenda)
- ✓ Lançamento e saneitos
- ✓ Tábua de Arara
- ✓ Portão para uso interno (lado de arara)
- ✓ Quatro quadras de tênis,
- ✓ Duas quadras poliesportivas
- ✓ Vestiário das quadras
- ✓ Reforma do campo de futebol
- ✓ Visibilidade do campo de futebol
- ✓ Cercamento do parque

Obras a serem conquistadas

- Casa portões (passagem para a Frente Municipal Lídia Angélica)
- Um portão (passagem para o campo de futebol)
- Pista e pavimentação da passagem para a Escola Municipal Lídia Angélica
- Pista e pavimentação da passagem do campo de tênis
- Estação Ecológica (antiga estação elevatória de esgoto da Diáspora)
- Hortas e áreas experimentais (primários e estação ecológica)
- Fracionamento externo
- Pista de esqui interno
- Pavimentação das vias de acesso ao parque
- Temporização e dreno das águas pluviais na trilha de passeio.
- Construção de "Praça do Sol"
- Reforma do Muro Branco
- Reforma da casa de entrada (antiga casa do casarão)
- Reforma do Galpão
- Cercas acústicas, providência a pedras
- Cercado para o teatro de sombra
- Assentado para o campo de terra
- construção de uma lancheote (quiosque) próximo às quadras
- Construção do prédio da administração do parque, com espaço para recepção, vestiário para as Nascentes, oficina para manutenção do parque e armazenamento.
- Área para picnic
- Adequação das obras e equipamentos para deficientes físicos
- Projeto paisagístico
- Recuperação ambiental do Parque, principalmente das nascentes
- Reparo nas obras que já foram executadas
- Construção de banheiros (sanitários)
- Instalação de terra de proteção ("guard rail") no trecho externo da Av. Pedro I
- Instalação de rede subterrânea para distribuição de energia elétrica no parque
- Instalação do sistema de iluminação do parque
- Instalação do sistema de acústica para o teatro de sombra
- Instalação de equipamentos para, como: esplanada de esplanada, mobiliário, brinquedos, mesas, cadeiras, máquinas, computadores, telefones, aparelhagem de som, vídeo etc.
- Complementação do corpo de funcionários

Fonte: Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte.

O movimento pelo Lagoa do Nado se organizou de modo a utilizar da identificação e afetividade para forçar uma reação popular contra o descaso do poder público com a área. A ocupação da área por aquelas pessoas permitiu a ressignificação do espaço, imprimindo significados que o torna um lugar especial além de estabelecer pontos de referência no sistema simbólico da memória coletiva.

Segundo Halbwachs (2003), a memória coletiva se apoia na história vivida. Ela representa uma corrente de pensamentos e experiências onde a objetividade acerca dos acontecimentos nos faz buscar conjuntos de memórias para sua rememoração. Ela é uma corrente de pensamento contínuo, no qual as imagens habituais do mundo exterior são inseparáveis do indivíduo. São os objetos, os símbolos, quem oferecem a perspectiva de estabilidade, de permanência e identificação dos grupos. É essa perspectiva de familiaridade que permite ao grupo decifrar seu sentido e compreendê-lo: "o lugar ocupado por um grupo não é como um quadro negro no qual se escreve e depois se apaga" (HALBWACHS, 2003 p. 159)

Para evocar o passado, a memória individual se utiliza de pontos de referência externos à individualidade, dos símbolos e dos signos que foram estabelecidos na sociedade e reproduzidos através dos tempos. Já os quadros da memória coletiva representam correntes de pensamento em que uma história viva se perpetua e se renova ao longo do tempo, onde é possível reencontrar o passado justamente porque ele foi atravessado por tudo isso (HALBWACHS, 2003).

Quando Santos (1986) diz que o espaço é o passado no presente se submetendo às leis do presente, entendemos como as formas urbanas definem o cotidiano e a vida em sociedade. O Lagoa do Nado foi de uma fazenda privada, pertencente a uma das famílias mais influentes de Belo Horizonte, a um parque urbano referência em ações culturais devido a ação da população que o ressignifica, dando novos significados e usos a ele. Essa carga de novos significados atribuídos ao lugar o torna um símbolo de resistência, cultura e preservação ambiental.

Os símbolos são as referências espaciais e culturais da construção cultural das cidades, sendo um dos suportes da memória coletiva que viabilizam o compartilhamento da memória pela coletividade (FREIRE, 1997). Eles se ligam em uma rede de valores e atributos simbólicos que extrapolam a presença física e se instalam em uma dimensão imaginária. Essa dimensão, o imaginário social, é o campo onde esses símbolos se estabelecem e influem diretamente sobre as expectativas de futuro, a nostalgia do passado e às lutas do presente de uma sociedade.

Desse modo, ficam a cargo dos lugares, dos patrimônios, a possibilidade de não só nos fazer lembrar, mas também de nos fazer identificar e relacionar com o bem cultural, sendo este um elemento essencial para a construção das identidades, onde o indivíduo reconhece os seus semelhantes por meio de um processo de identificação com base nas memórias e laços afetivos comuns. A história do Lagoa do Nado permitiu a criação de uma identidade da população daquele local com o bem cultural.

O Relatório Técnico de Avaliação e Apropriação Espacial e Arquitetônica da Lagoa do Nado realizado pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte demonstra uma preocupação em manter o caráter identitário do local. Mantê-lo como um lugar onde a população tem participação ativa e a cultura é tão importante quanto a preservação ambiental. Para isso, o relatório indica que a implementação de novas atividades deve levar em conta a centralização do espaço na região. Torná-lo atrativo para todas os diferentes públicos existentes que são atingidos pela influência do parque, ressaltando

a necessidade da redefinição do sistema viário para viabilizar o uso por essas pessoas (LEMOS; PENIDO, 1991).

A preocupação com a participação tanto da população quanto da associação também apareceu quando a PBH assumiu a gestão do parque. Em 1992, um decreto municipal criou a Comissão Consultiva do Parque Fazenda Lagoa do Nado¹⁷, que deveria emitir pareceres e elaborar propostas para os programas de trabalho do parque, além de dispor sobre as diretrizes de uso e medidas de proteção. Ao tomar conhecimento da história do parque, a prefeitura também implantou um “fórum de intercâmbio e debate sobre suas prioridades e necessidades” (PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE, 19-?)

Diante disso, nota-se que o movimento pelo Lagoa do Nado afetou muito mais do que somente a coletividade que estava diretamente envolvida com o lugar. A singularidade do seu início e sua repercussão interferiram até mesmo no processo de gestão de áreas verdes da Secretaria Municipal de Meio Ambiente. Com isso, no último capítulo referente a este estudo situa-se o Parque Municipal Lagoa do Nado na sua atualidade, abordando o contexto urbano-social no qual ele se insere mediante os usos sociais desse espaço cultural e natural.

¹⁷ Dados encontrados no documento Parque Lagoa do Nado: gestão de área verde urbana consultado no Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, registrado na Guia de Recolhimento 356 – Controle de Arranjo: AC.01.00.00 Papel – Título: Parque Lagoa do Nado: gestão de área verde urbana – Data: s/d – Depósito: TX Móvel: AD.01/MO.03/ES nº 15 Posição: PR.04 Caixa: 54

4. A PRESENÇA DOS SUJEITOS NO PARQUE MUNICIPAL FAZENDA LAGOA DO NADO: ENTRE A APROPRIAÇÃO E O SÍMBOLO LOCAL

*Há de ter de tudo um pouco
como os moradores querem
balanço, gangorra, campo de vôlei
futebol para todos jogarem
barzinho para a cervejinha
pros moradores ali tomarem...*
Rogério Salgado; Lagoa do Nado –
Uma luta pela natureza
Literatura de Cordel, 1984

O contexto social e as relações também são as responsáveis pela produção e reprodução do espaço. As formas urbanas definem o cotidiano ao mesmo tempo em que as relações sociais as definem. O jogo dialógico entre a produção do espaço e os processos sociais alteram constantemente a paisagem existente, transformando objetos, formas e funções. Nesse contexto, as formas do passado são constantemente ressignificadas pelos novos valores atribuídos pela sociedade e suas formas de poder. Os movimentos sociais podem alterar as estruturas desses objetos, chamando-os a ocupar sua função social no espaço físico. Esse foi um dos resultados que este trabalho constatou na Lagoa do Nado.

O movimento social em prol da criação do Parque Municipal Fazenda Lagoa do Nado opera a transformação de uma fazenda em um parque. Esse movimento alterou a paisagem urbana e ressignificou o espaço, aplicando a ele novos valores sociais e novas formas de produção do espaço. Desse modo, o capítulo final da dissertação debate os reflexos da história do Lagoa do Nado em seus usos contemporâneos, especificamente, a sua significância na produção deste espaço, em sentido teórico e prático. Ademais, também foram inseridas as questões relativas ao entorno do Parque no que se refere à sua proposta urbanística.

4.1. Memória, identidade e a produção do espaço: a significância do símbolo local

A cidade mistura os ritmos, as referências socio-afetivas e nos permite estabelecer relações nos mais diferentes níveis. O tecido urbano é composto pelas mais diversas construções que são incorporadas ao cotidiano por incentivarem afetividades e momentos significativos dos cidadãos (FREIRE, 1997). Sendo assim, o

tecido urbano e o espaço social estão sendo sempre produzidos e reproduzidos pelos processos sociais (CASTELLS, 1983).

Para pensar as cidades é necessário um entendimento da complexidade das relações e dos processos sociais que ocupam aquele espaço.

A oposição entre determinações natural e cultural do espaço deve ser ultrapassada a partir de uma análise da estrutura social considerada como processo dialético de correlacionamento dos dois tipos de elementos por meio das práticas sociais determinadas por suas características históricas; a diferenciação de um espaço, a distinção entre as funções e processos correlacionando as diversas unidades não têm significação, se elas não se referem a elementos teoricamente significativos, que situam o conteúdo do espaço no conjunto da estrutura social (CASTELLS, 1983 p. 157 – 158).

Os processos sociais que permeiam o Lagoa do Nado são pautados na apropriação do espaço. Este espaço social permitiu a construção de uma relação de afetividade entre a coletividade e sua materialidade. Sua apropriação é reflexo da possibilidade de estar em contato com a natureza em meio ao concreto cinza da cidade e permite ao usuário criar momentos com lembranças significativas, como podemos notar no relato um dos gestores do parque durante a pesquisa:

A frequência hoje não pode falar que é só aqui do bairro. Desce gente de Vespasiano, Pedro Leopoldo, Santa Lúcia, estrangeiros. Antes era um parque que era bem... e hoje eu vejo que mudou bastante... Você vê que teve o boom, foi criado o parque e passou e como são as culturas. O modo de vida da classe média condicionado a vida do trabalho, trabalho. O skate mesmo foi feito por meio do orçamento participativo. Eles foram lá na câmara e conseguiram o orçamento participativo para fazer a pista do skate (ENTREVISTADO 4, 2019).

A cidade também é terreno de fantasia, onde os imaginários, projeções inconscientes e lembranças se projetam e se refletem nos símbolos eleitos (FREIRE, 1997). Os símbolos, assim como os imaginários, são instrumentos de coesão social e de regulação da vida cotidiana, é nele que se projetam esperanças, angústias, expectativas, conflitos, lutas e, também, a memória coletiva. Abreu (2014) diz que o que faz com que surja memória coletiva em um determinado lugar são as relações sociais que lhes são impostas, em diversas escalas.

O grupo social se estabelece no meio urbano também por meio da memória. A construção da memória no tecido urbano acontece por meio da escolha não aleatória de símbolos que se tornam representativos para determinados grupos sociais. Ao andar por onde nossos antepassados teriam caminhando, temos a sensação de que

estamos no lugar que sempre pertencemos. A materialidade faz a mediação entre sentidos, valores e significados enquanto oferece uma constante ao ser social, um elemento que permite se relacionar e se identificar no tecido urbano. Após mais de uma década de lutas e mobilizações da comunidade e da ACELN, o parque se consolidou no tecido urbano belo-horizontino e hoje proporciona aos cidadãos experimentar este espaço de contato com a natureza e a cultura enquanto elementos do seu próprio patrimônio.

A implantação do primeiro Centro Cultural de Belo Horizonte no Lagoa do Nado também foi oportuna para a consolidação do parque no imaginário social atual. As consequências da mobilização que se formou em torno do parque reverberam até o presente e é notado nas mais diversas ações que são promovidas no Lagoa do Nado. O parque e suas particularidades proporcionaram uma reflexão sobre como atender as demandas da comunidade, que resultou na configuração do Centro Cultural que prioriza a ação coletiva e de caráter global para estimular e manter a apropriação do espaço (LEMOS; PENIDO, 1991).

A vida cotidiana é pautada nas relações que são construídas ao longo do tempo e do espaço. Desse modo, a forma como se dá a apropriação deste espaço é que dará os contornos da sua necessidade de produção (CARLOS, 1994). As combinações e transformações dos sistemas, elementos estruturais e até mesmo dos símbolos que regem a sociedade se fazem por intermédio das práticas sociais. Portanto, não há teoria do espaço que não leve em consideração uma teoria social geral, mesmo que de forma implícita (CASTELLS, 1983).

Assim, o espaço é um fato social, uma realidade objetiva. Como um resultado histórico, ele se impõe aos indivíduos. Estes podem ter dele diferentes percepções e isso é próprio das relações entre sujeito e objeto. Mas, uma coisa é a percepção individual do espaço, outra é a sua objetividade. O espaço não é nem a soma nem a síntese das percepções individuais. Sendo um produto, isto é, um resultado da produção, o espaço é um objeto social como qualquer outro (SANTOS, 1986 p. 161).

Os espaços condicionam o comportamento humano e comandam sua prática social, ainda que de forma passiva (SANTOS, 1986). Durante o processo de desenvolvimento urbano da região, nas décadas de 1940 e 1950, a fazenda dos Gianetti foi uma das únicas áreas que não foram parceladas¹⁸. O fato de a propriedade

¹⁸ ARQUIVO PÚBLICO DA CIDADE DE BELO HORIZONTE, 2011

pertencer a uma das famílias mais influentes de Belo Horizonte garantiu que a mesma não fosse desmembrada e parcelada a época, independentemente dos motivos que levaram ao seu não parcelamento. Com a consolidação da urbanização e a chegada dos novos moradores, a fazenda se tornou uma constante no bairro. A presença da casa de final de semana dos Gianetti trazia notoriedade social para a região e marcaram o imaginário local.

As visitas guiadas e os encontros clandestinos que aconteciam na fazenda permitiu que os moradores do entorno estabelecessem laços afetivos com o lugar (TEIXEIRA, 2004). Neste sentido, a reação do grupo social diante da possibilidade de perda da área que tem importância ambiental e cultural para a região ressignificou o espaço. Ele é produtor do processo social que resultou na mobilização e é produto dela numa dinâmica que estabelece uma carga simbólica na materialidade do espaço. Segundo Santos (1986), as formas espaciais são dotadas de uma autonomia de existência, independente se ela foi criada ou herdada por uma geração. O espaço existe, mas são os valores sociais aplicados a ele pela coletividade que definem sua função e uso.

Dito isso, os valores sociais que são aplicados no Lagoa do Nado transformam o espaço de uma fazenda – privada e com acesso limitado – em um parque municipal – público e com acesso livre às diferentes classes sociais e diferentes faixas de idade. São esses valores sociais que marcaram a memória coletiva daquele grupo e criaram uma identidade em torno do parque, fato que permitiu aos cidadãos se apropriarem dele como um símbolo local. Tais valores sociais são produzidos no jogo das relações sociais, onde as escolhas dos indivíduos ou grupos sociais são socializadas e transformadas em padrões a partir da identificação da coletividade com aquela escolha (MENESES, 1996). Portanto, os bens culturais podem adquirir uma identidade própria a partir de uma ideia aplicada a eles, seja atribuída pelos próprios grupos sociais seja imposta por quem os manipula ou detém o poder daquele espaço.

Também são os valores sociais e culturais que nos permite trabalhar os símbolos, ou bens culturais, a partir de sua maior significância. O comitê nacional da Austrália do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS Austrália) adotou em 1979 a *Burra Charter* – ou Carta de Burra –, que prevê orientações para a conservação e gerenciamento para lugares com significância cultural. Ela passou por várias revisões e a última revisão, realizada em 2013, traz como conceito de

significância cultural os valores estéticos, históricos, científicos, sociais ou espirituais das gerações do passado e do presente (CONSELHO INTERNACIONAL DE MONUMENTOS E SÍTIOS, 2013).

Desse modo, o presente trabalho entende o Lagoa do Nado como um lugar de maior significância cultural. Os valores que são aplicados naquele espaço se apresentam especialmente na forma de apropriação do parque, onde o uso do parque é somado às iniciativas de preservação ambiental e de disseminação da cultura e da memória local. A significância proposta na carta coloca luz sobre como o mesmo lugar pode representar diferentes valores para diferentes grupos sociais. Ela é incorporada no próprio lugar, em seu tecido, nas suas definições, usos e funções. Levantar e analisar a maior significância de um lugar exige um estudo que leve em consideração todos os aspectos do espaço, natural ou cultural, sem deixar de lado os valores que ele representa para a sociedade (CONSELHO INTERNACIONAL DE MONUMENTOS E SÍTIOS, 2013).

Sendo assim, a constituição de laços afetivos com o espaço foi e ainda é a melhor forma de incentivar a apropriação. É a partir das afetividades em comum que se constroem tanto as relações sociais quanto as relações entre o homem e o objeto. A eleição do Lagoa do Nado como um símbolo local pela coletividade acontece devido a constituição dos laços afetivos que possibilitam que essa mesma coletividade aplique suas identidades e seus valores na sua materialidade.

As cidades são constituídas pelos mais diversos objetos, onde os símbolos e/ou os lugares de maior significância despontam no imaginário social pelos mais diversos motivos. Tudo isso interfere no modo que o espaço é produzido e reproduzido e no modo que ele chega até os dias atuais. A trajetória histórica do Lagoa do Nado em se tornar um parque municipal fez dele parte significativa do imaginário social local. Desse modo, os próximos itens demonstram as atividades culturais e naturais do Parque Municipal Fazenda Lagoa do Nado nos dias atuais e o que ele representa para os usuários a partir da relação com o entorno e o meio urbano.

4.2. Os elementos da paisagem local: análise urbanística do Parque Municipal Fazenda Lagoa do Nado e entorno

O espaço é produzido em função do processo produtivo geral da sociedade, e é um processo de produção e reprodução fundamentado na acumulação técnico-

cultural e na dialética entre o velho e o novo que implicam na ideia de continuidade (CARLOS, 1994). Cada espaço representa um momento do imenso movimento do mundo e, por isso, está sempre mudando de significação devido ao movimento social (SANTOS, 1985).

Ao estudar os elementos que compõem o espaço, devemos considera-lo em sua totalidade, assim como a coletividade que lhe dá vida. Assim, ele constitui uma realidade objetiva, um produto social em permanente transformação.

O espaço impõe sua própria realidade; por isso a sociedade não pode operar fora dele. Consequentemente, para estudar o espaço, cumpre apreender sua relação com a sociedade, pois esta que dita a compreensão dos efeitos dos processos (tempo e mudança) e especifica as noções de forma, função e estrutura, elementos fundamentais para a nossa compreensão da produção de espaço (SANTOS, 1985 p. 49).

São os processos sociais quem conferem significados e valores aos diversos elementos da cidade. De acordo com Santos (1985 p. 50), a sociedade só pode ser definida através do espaço, visto que é produto “da história dos processos produtivos impostos ao espaço pela sociedade”. Ele ainda diz que para apreender a paisagem é necessário interpretar os processos dialéticos entre formas, estruturas e funções através do tempo.

Forma é o aspecto visível da coisa. Refere-se, ademais, ao arranjo ordenado de objetos, a um padrão. Tomada isoladamente, tempos uma mera descrição de fenômenos ou de um de seus aspectos num dado instante do tempo. Função, de acordo com o Dicionário Webster, sugere uma tarefa ou atividade esperada de uma forma, pessoas, instituição ou coisa. Estrutura implica a inter-relação de todas as partes de um todo; o modo de organização ou construção. Processo pode ser definido como uma ação contínua, desenvolvendo-se em direção a um resultado qualquer, implicando conceitos de tempo (continuidade) e mudança (SANTOS, 1985 p. 50).

O espaço geográfico é fruto do processo das relações que o homem cria na sociedade num processo que, em sua relação com o material, produz o processo de desenvolvimento da humanidade (CARLOS, 1994). Através das relações sociais, o homem molda o espaço ao seu redor e é moldado por eles, num jogo dialógico complexo que deixam marcas na paisagem que nos cerca e no imaginário social local. A materialidade do espaço e seu simbolismo despontam na paisagem local pelos valores que lhes são aplicados por meio de sua significância.

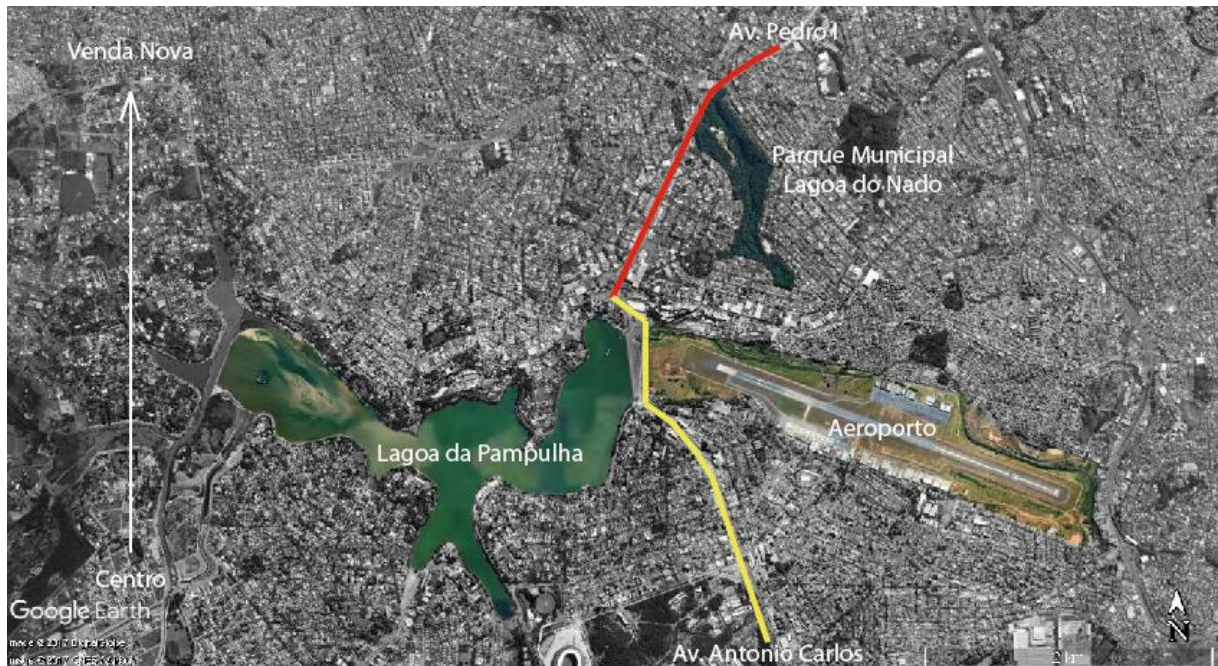
Neste sentido, apresentamos o Parque Municipal Fazenda Lagoa do Nado no seu contexto urbano, de modo a analisar seu espaço em sua totalidade. O Lagoa do Nado se localiza na regional Pampulha, próximo à Lagoa da Pampulha, no bairro Itapoã (figura 17). Ele se mostra como um equipamento de lazer importante para a comunidade local e com acesso facilitado, devido a presença da Av. Pedro I (figura 18).

Figura 17: Mapa das Regionais de Belo Horizonte.



Fonte: Prefeitura Municipal de Belo Horizonte/Google Earth – Manipulado pela autora, 2019.

Figura 18: Mapa de Localização do Parque Municipal Lagoa do Nado.

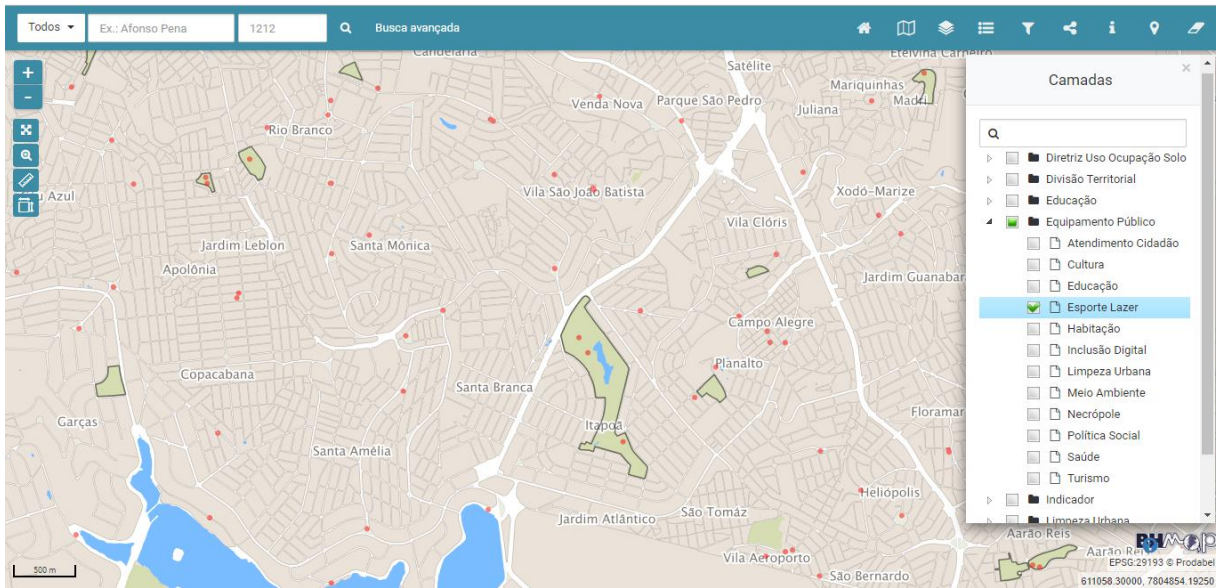


Fonte: Google Earth – manipulado pela autora, 2019.

O Lagoa do Nado marca a paisagem local pela expressividade da área verde, que, em contraste com os elementos da cidade, chamam a atenção por sua imponência, e também pela polarização que o equipamento público faz na área. O parque e a Lagoa da Pampulha são os dois grandes equipamentos públicos de lazer e cultura da região e atraem pessoas das mais diferentes regiões. O mapa abaixo (figura 19), elaborado a partir de bases da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte¹⁹, possui pontos vermelhos marcam os principais equipamentos de lazer da região, como parques, praças e campos de futebol.

¹⁹ Mapa elaborado a partir da ferramenta BHMap, que disponibiliza bases georreferenciada da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte para consultas. Acesso pelo site <http://bhmap.pbh.gov.br/>

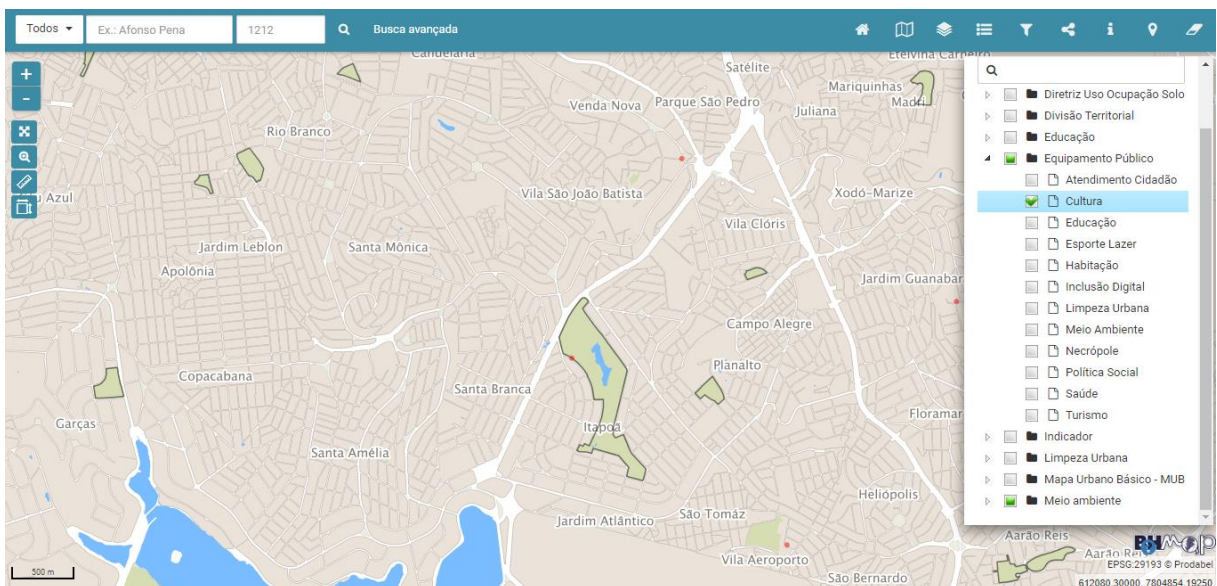
Figura 19: Mapa dos principais equipamentos de lazer da região.



Fonte: Prefeitura Municipal de Belo Horizonte / BHMap

A região possui um número considerável de equipamentos públicos voltados para a prática de esportes e para o lazer. As praças e campos de futebol oferecem oportunidades de lazer para os moradores locais. Entretanto, o número cai drasticamente quando mudamos o filtro do mapa para equipamentos públicos culturais, marcando, basicamente, só o Parque Municipal Fazenda Lagoa do Nado (figura 20). A ausência de equipamentos culturais de grande porte na região torna o Lagoa do Nado um polarizador das ações culturais no local.

Figura 20: Mapa dos principais equipamentos culturais da região.



Fonte: Prefeitura Municipal de Belo Horizonte / BHMap.

O parque é bem localizado no tecido urbano (figura 21). Vários eixos viários importantes para a região passam próximo ao Lagoa do Nado, além de ter uma boa acessibilidade via transporte público. Na Av. Pedro I há a presença de pistas exclusivas para o transporte público e todas as avenidas do entorno há trânsito de linhas de ônibus. A facilidade de acesso pelo transporte público torna o parque acessível aos diferentes grupos sociais que compõem o tecido urbano belo-horizontino.

Figura 21: Principais acessos viários.



Fonte: Google Earth – Manipulado pela autora, 2019.

No que diz respeito ao tecido urbano, o entorno do Parque Lagoa do Nado é composto, principalmente, pelos bairros Itapoã, onde o parque está localizado, Santa Branca, Santa Amélia, São João Batista e Planalto (figura 22). O entorno do parque Lagoa do Nado se caracteriza por possuírem diferentes tipologias construtivas. Os bairros Santa Branca, São João Batista e Itapoã possuem, em sua grande maioria, residências unifamiliares e com ruas arborizadas. A proximidade com o complexo Lagoa da Pampulha auxiliou no crescimento do bairro, porém foi só na década de 70 que o crescimento demográfico viabilizou a instalação de bancos, supermercados e comércios diversificados.

Figura 22: Mapa dos bairros de Belo Horizonte.



Fonte: Prefeitura Municipal de Belo Horizonte/Google Earth – Manipulado pela autora, 2019.

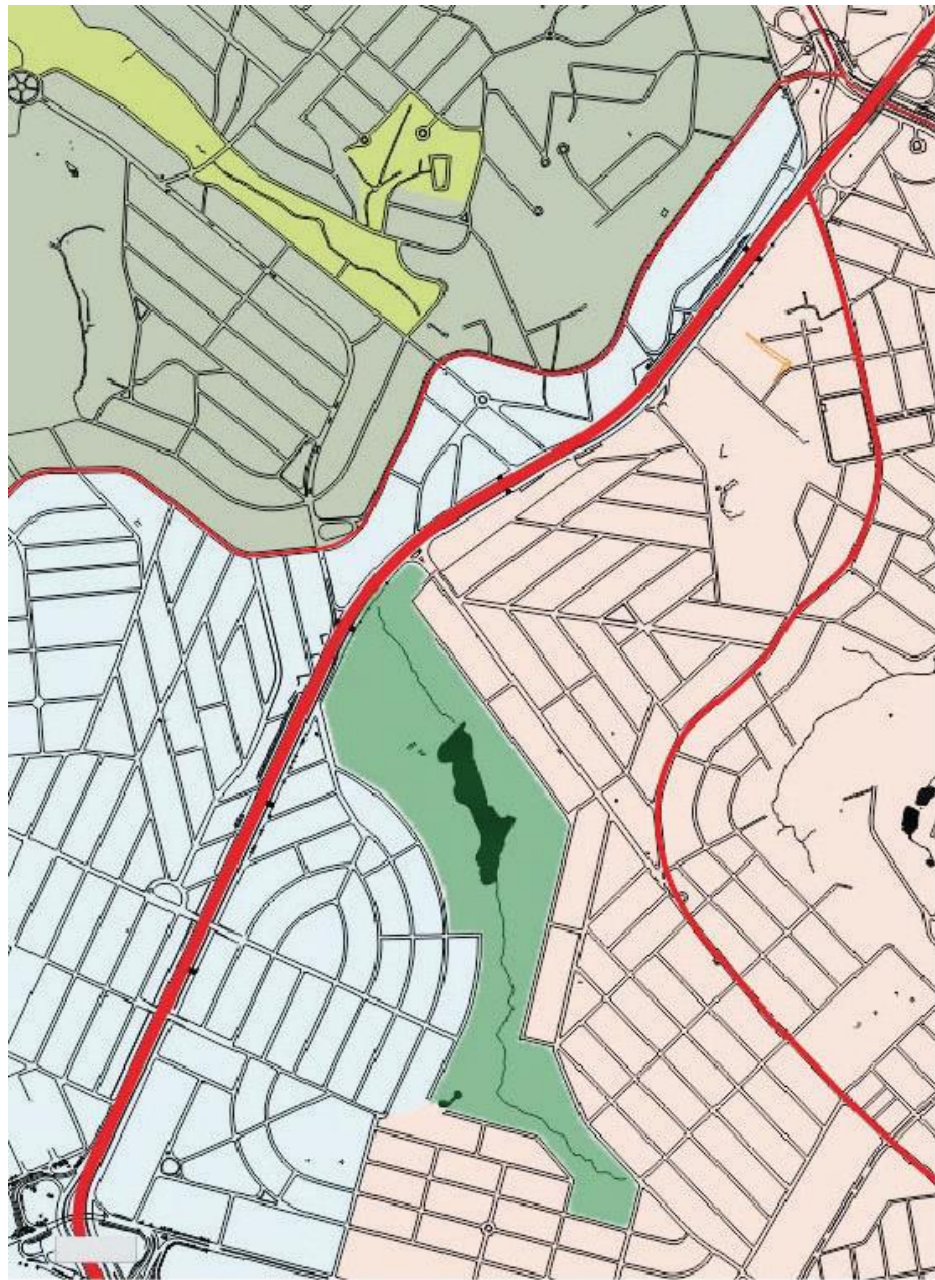
Atualmente, os bairros apresentam um início de verticalização principalmente no bairro Itapoã, próximo a Av. Pedro I (figura 23 e 24). Já o bairro Planalto, é marcado por uma ampla estrutura de comércios e serviços, podendo destacar a Av. Cristiano Guimarães como uma centralidade linear do bairro que oferece uma gama de comércios e serviços para os moradores do bairro e de bairros vizinhos.

Figura 23: Início da verticalização que vem ocorrendo no bairro, vista de dentro do parque.



Fonte: Pesquisa da autora, 2019.

Figura 24: Diagrama com as principais tipologias arquitetônicas encontradas na região.



- Residências uni e multifamiliares, lote definido, presença de comércios e serviços, traçado orgânico com quadras regulares.
- Ocupação irregular com residências unifamiliares, sem lote definido e traçado irregular
- Residências uni e multifamiliares, lote definido, presença de comércios e serviços, traçado ortogonal com quadras regulares.
- Residências predominantemente plurifamiliares, lote definido, presença de comércios e serviços, traçado ortogonal com quadras regulares.

Fonte: Prodabel, manipulado pela autora, 2016.

O espaço é uma estrutura subordinada à expressão da estrutura social. (CASTELLS, 1983). Ele reflete a sociedade global e sua distribuição sobre o território e é tanto reflexo da sociedade atual quanto das sociedades passadas, condicionando a evolução das estruturas sociais (SANTOS, 1985).

O espaço (social) não é uma coisa entre as coisas, um produto qualquer entre os produtos; ele envolve as coisas produzidas e compreende suas relações em sua coexistência e simultaneidade: ordem (relativa) ou desordem (relativa). Ele é o resultado de uma série de conjuntos de operações e não pode ser reduzido a um simples objeto. Assim, ele não tem nada de ficção, de irrealidade ou de “idealidade” comparável à de um signo, de uma representação, de uma ideia, de um sonho. Efeito de ações passadas, ele permite ações, as sugere ou as proíbe (LEFEBVRE, 1974, p. 88 – 89).

A relação entre o espaço e o ser humano é o que condiciona as paisagens urbanas. O espaço vivido no presente é fruto dessa relação passada e, assim como no passado, coordena e condiciona os processos sociais. Dessa maneira, seus elementos variam o seu papel e função a cada momento da história, e, a cada momento, o valor de cada qual deve ser tomado em relação aos demais elementos que compõem o tecido urbano (SANTOS, 1985).

A ocupação inicial da regional Pampulha e do seu entorno se deu de modo que a área fosse uma opção viável para as classes médias e média-alta que buscavam opções para sair da região central. Isso é refletido no padrão de ocupação vigente na região, principalmente no entorno do parque Lagoa do Nado. A construção de uma ocupação que atenderia classes relativamente abastadas resulta em áreas com o parcelamento regular e lotes definidos, ou seja, em bairros que seriam adequados para essa classe social. A região do entorno do parque Lagoa do Nado se encontra consolidada no tecido urbano. Ela é bem servida de comércios e serviços e é de fácil acesso. Os bairros mais próximos ao Lagoa do Nado são caracterizados por residências unifamiliares, predominantemente de classe média. Entretanto, observou-se durante a pesquisa que o uso e apropriação do parque até o presente momento não se dá de forma elitizada.

O ambiente construído, bem como sua significância, é produzido a partir do jogo de interesses entre os diferentes atores sociais e seus valores sociais antagônicos (CASTELLS, 1999). Segundo Carlos (1994 p.41), a “produção espacial traz em si a luta antagônica entre os interesses de capital e da sociedade emergem, a partir de situações históricas específicas, em função da diversidade de interesses”.

Desse modo, as cidades aparecem como uma forma única e particular do fenômeno geral, onde o lugar é produto das determinações gerais e se reproduz das especificidades históricas.

A paisagem, portanto, é uma forma de manifestação urbana, a expressão de uma relação social real. Ela guarda os momentos do processo de produção espacial que remete aos modos pelo qual a paisagem foi produzida (CARLOS, 1994). Tratando em específico do parque Lagoa do Nado, sua paisagem expressa suas camadas de história e a ressignificação que ela sofreu ao longo do tempo. Sua forma, função e estrutura se alteraram conforme os novos significados que foram aplicados a ele. Antes de se tornar parque, o Lagoa do Nado foi alvo de grupos sociais distintos e seus respectivos interesses. Por um lado, tinha-se o interesse na preservação ambiental e cultural da área e, por outro lado, o interesse imobiliário. O conflito de interesses entre o capital e a sociedade é o responsável pelos significados aplicados no parque, ressignificando o espaço social do Lagoa do Nado e chamando-o a ocupar uma nova função social.

Quando o Lagoa do Nado ainda era fazenda, sua infraestrutura contava com o casarão de dois andares, um galpão-garagem aos fundos e dois sobrados para os funcionários que realizavam a manutenção da fazenda (figura 25). No processo de transformação da fazenda em parque, o casarão se torna o Centro Cultural, a garagem-galpão vira a biblioteca, e uma lanchonete e os sobrados passam a ser a sede da administração do parque (figura 26 e 27).

Figura 25: Foto do antigo Casarão e do galpão-garagem.



Fonte: Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte.

Figura 26: Foto do Centro Cultural e da biblioteca e lanchonete.



Fonte: Pesquisa da autora, 2019.

Figura 27: Foto do sobrado dos funcionários, atual sede da administração.



Fonte: Pesquisa da autora, 2019.

Atualmente, a infraestrutura do parque conta com diversos equipamentos culturais e de lazer (figura 28). Assim, foram criadas quadras de futebol, tênis e peteca, um espaço apropriado para os skatistas, uma área com brinquedos infantis e academia da cidade, um teatro-arena, além do centro cultural e da biblioteca, já mencionados anteriormente.

Figura 28: Mapa dos equipamentos culturais e de lazer do Parque Lagoa do Nado.



Fonte: Google Earth – manipulado pela autora, 2019.

O parque é ocupado pelos mais diversos grupos sociais. Seu espaço é apropriado pela população para a prática de esportes, como a peteca e o skate (figura 29), além dos outros usos como o centro cultural e a biblioteca.

Figura 29: Vista da quadra de peteca e da pista de skate.



Fonte: Pesquisa da autora, 2019.

Além da prática de esportes, o parque também é visitado por crianças, juntamente com os seus responsáveis, para se divertirem ao ar livre (figura 30). O parque oferece uma opção de lazer que os incentivam a estar em contato com a natureza ao mesmo tempo em que se divertem nos brinquedos e no espaço como um todo. Já o teatro-arena é utilizado para apresentações de teatros e performances e também como um lugar para descansar (figura 31).

Figura 30: Vista do espaço com brinquedos infantis e academia da cidade.



Fonte: Pesquisa da autora, 2019.

Figura 31: Vista do Teatro-arena.



Fonte: Pesquisa da autora, 2019.

O parque também possui um acesso fácil devido às cinco portarias que o integram. Com isso, o Lagoa do Nado se torna mais aberto e convidativo para a comunidade que o utiliza. Para interligar os diferentes acessos que o parque possui, foram implantadas vias de pedestres por todo o parque, permitindo ao usuário diversos trajetos para conhecer o parque e as nascentes. O esquema a seguir representa os diversos caminhos que podem ser feitos pelos usuários nas vias e trilhas existentes (figura 32).

Figura 32: Mapa esquemático dos trajetos possíveis dentro do Parque Lagoa do Nado.



Fonte: Google Earth – manipulado pela autora, 2019.

Santos (1985) dirá que a paisagem é formada pelos fatos do presente e do passado e sua compreensão se dá por meio das formas, estruturas e funções através do tempo. Estudar essas categorias em conjunto permite o entendimento da paisagem e das relações sociais que acontecem. As categorias não são estáticas e variam de acordo com os significados que sociedade lhes conferem. “Cada forma sobre a paisagem é criada como resposta a certas necessidades ou funções do presente. O tempo vai passando, mas a forma continua a existir”. (SANTOS, 1985 p. 54). Desse

modo, mesmo que a forma permaneça ao longo dos anos, sua função e estruturas se alteram conforme o movimento da sociedade.

As formas costumam permanecer no tecido urbano após terem cumprido a função às quais foram destinadas, esperando que o movimento da sociedade a convide a ter uma nova função. Conforme pode ser observado no Lagoa do Nado, sua forma possui a função inicial de ser uma fazenda – a fazenda dos Gianetti – e, após um movimento social, ela é chamada a ocupar a função de parque. A paisagem urbana, portanto, não é somente um produto da história. Ela está em constante alteração, ao mesmo tempo em que reproduz essa história e as concepções que o homem tem de morar, trabalhar, se divertir, do viver. Aparentemente estática, ela esconde e revela todo o dinamismo da sua existência, baseada em nas diferentes relações sociais que a compõe. (CARLOS, 1994).

A paisagem existente no Lagoa do Nado apresenta o dinamismo da sociedade e é palco das relações sociais que existem ali. Afinal, “a paisagem é a vida cotidiana que é percebida através dela”. (CARLOS, 1994). A partir de tais apropriações e do uso desse espaço verifica-se a influência do Parque do Nado na paisagem urbana em um processo contínuo.

4.3. A permanência e continuidade do Parque Municipal Fazenda Lagoa do Nado

As identidades e as memórias coletivas constituem fontes de significados para os atores sociais, visto que as mesmas são originadas e construídas com base no processo de individualização. (CASTELLS, 1999). O processo de construção das memórias e identidades se dá a partir das experiências individuais que marcam uma coletividade. E, do mesmo modo que as sociedades se alteram ao longo dos anos, assim acontece com as identidades e a memória, ou seja, os valores e significados que são aplicados no espaço variam de acordo com o movimento da sociedade.

As funções e a forma do espaço também variam conforme a dinâmica social, pois dependem das significações que são aplicadas a ele para serem produzidos e reproduzidos. (CASTELLS, 1983; SANTOS, 1986). A mobilização que acontece em torno do Lagoa do Nado para a implantação do parque se estende por mais de uma década – entre 1978 e 1994 –, e sua amplitude envolve inúmeras manifestações da ACELN, sempre envolvendo a comunidade e a imprensa em suas passeatas, festas

e abraços na lagoa. No entanto, quando os objetivos iniciais do movimento social são alcançados e o risco de perda da área é praticamente inexistente, o parque ganha um novo sentido para os moradores e usuários (LIMA, 2000).

Após os objetivos iniciais serem alcançados, o Lagoa do Nado passa por uma nova ressignificação, já que o parque se tornou o primeiro Centro Cultural Inter-Regional de Belo Horizonte. Nos dias atuais, é um parque público, gerido pela Prefeitura de Belo Horizonte, com equipamentos de lazer apropriados, além de uma biblioteca pública e com um centro cultural que promove ações polarizadoras para a disseminação da cultura.

Dentre os objetivos específicos descritos no Projeto de Implantação do Centro Cultural Inter-Regional Lagoa do Nado, define que o centro cultural será um equipamento polivalente e funcional que possibilita a democratização cultural, se tornando um polo irradiador de cultura (BELO HORIZONTE, 1991).

O Centro Cultural Regional Lagoa do Nado assume um papel significativo na busca da formação de uma consciência cultural e ecológica junto à população e, dentro dessa perspectiva, sua tendência será a de se constituir num espaço de consumo alternativo, se adequando às demandas da região, conquistando assim, um intercambio efetivo no âmbito sócio-cultural da população. (BELO HORIZONTE, 1991 s/p).

A experiência proporcionada pelas etapas vivenciadas até a fundação do parque foi importante para a implantação de uma gestão mais democrática, participativa e que não descartasse tudo o que a ACELN e a comunidade construíram. A ação do poder público procurou respaldar as demandas e projetos que foram concebidos e legitimados pela coletividade em conjunto com a ACELN (LIMA, 2000). Nesse aspecto, o Lagoa do Nado conta com o apoio tanto da Secretaria Municipal de Cultura quanto da Secretaria Municipal do Meio Ambiente e também possuía um Conselho Consultivo que auxiliou na transição da gestão para o poder público. (PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE, 1994²⁰)

Além das ações de disseminação da cultura, também foi inaugurado uma biblioteca pública junto com a implantação do centro cultural (figura 33). A biblioteca

²⁰ Dados encontrados no documento Parque Lagoa do Nado: aberto para balanço consultado no Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, registrado na Guia de Recolhimento 1281 – Controle de Arranjo: AC.12.00.00 Papel – Título: Parque Lagoa do Nado: aberto para balanço – Data: 1994 – Depósito: TX Móvel: AD.01/MO.11/EP nº 78 Posição: PR.02 Caixa: 17

foi aberta ao público em novembro de 1992 e atua em conjunto com o centro cultural para a promoção de cursos e oficinas com o objetivo de dinamizar o acervo. Logo nos seus primeiros meses, a biblioteca teve aprovação da comunidade local²¹. (PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE, 1993). Assim como todo o parque, a biblioteca é utilizada pela comunidade local desde sua inauguração, tal como relatou um dos usuários durante a pesquisa:

O pessoal usa bastante [a biblioteca], tem usuário que usa aqui desde quando ela foi fundada. Ela é bem frequentada e quando eu vim pra cá, há 22 anos atrás, ela era mais frequentada ainda porque não tinha tanto acesso à internet como tem hoje, né? (ENTREVISTADO 17, 2019).

Figura 33: Biblioteca do Centro de Referência da Cultura Popular e Tradicional Lagoa do Nado.



Fonte: Pesquisa da autora, 2019.

Os equipamentos culturais e de lazer existentes no Lagoa do Nado possibilitam que os usuários se ocupem do espaço para diversas funções. Segundo Meneses (1996), a cultura deve ser encontrada na totalidade da vida social e não devemos toma-la como um segmento compartimentado. Portanto, as políticas culturais devem priorizar à totalidade da experiência social. A implantação do centro cultural e da biblioteca e a construção dos equipamentos de lazer – quadras de futebol, peteca e tênis, pista de skate, academia da cidade, brinquedos infantis e teatro arena – são políticas culturais que priorizam a experiência social no espaço. Antes da reforma, o

²¹ Projeto apresentado à Secretaria Municipal de Cultura para Reestruturação da Biblioteca do Centro Cultural Inter-Regional Lagoa do Nado. Dados encontrados no documento Parque Lagoa do Nado: aberto para balanço consultado no Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, registrado na Guia de Recolhimento 1580 – Controle de Arranjo: AP.17.00.00 Papel – Título: Documentos relativos à Secretaria Municipal de Cultura - CCILN – Data: 1993 – Depósito: TX Móvel: AD.01/MO.13/EP nº 96 Posição: PR.07 Caixa: 15

Lagoa do Nado já contava com uma infraestrutura inicial que facilitou a sua implantação, sendo necessário poucas alterações para a o funcionamento do parque.

A formalização do Lagoa do Nado como um espaço público de uso coletivo, apropriado pela comunidade local e regional e gerido pelo poder público conforma um novo sentido na sua utilização. Sua gestão e apropriação se dão, no entender dessa pesquisa, de maneira diferenciada haja vista a relação entre os sujeitos e o espaço em questão:

No sábado e domingo tem muita essa questão do piquenique - aniversário. Piquenique era coisa de farofeiro e hoje tem muita gente fazendo aniversário, deixa de fazer em salão e faz aqui a coisa. Acho muito legal esse tipo de ocupação. É um fenômeno que só está crescendo. A demanda de pessoal ligando para saber sobre piquenique no parque é impressionante. Esse uso é muito interessante, é uma coisa que você vê que não tinha e agora tem. Tem também a coisa da fotografia, o cenário aqui dentro de Belo Horizonte e você ter um cenário desse aqui é um privilégio. Tem o Tai Chi Chuan bem cedo, às 6 da manhã. Tem muita gente do bairro que está envolvido aqui. São muitas culturas aqui. (ENTREVISTADO 4, 2019).

A cultura não é um nível específico da coletividade e sim uma dimensão que se refere a diversos níveis, espaços e campos. A vida cultural só tem condições de aprofundar-se no quadro da habitualidade. (MENESES, 1996). As pessoas tendem a se juntarem em grupos sociais que, após algum tempo, geram um sentimento de pertença, uma identidade. Segundo Castells (1999), a defesa de um interesse em comum nesses grupos resulta numa estabilidade social e em cidadãos mais ativos e conscientes do seu papel na cidade. As mobilizações sociais, independente de conquistar ou não os seus objetivos, por si só já produzem significados na sociedade.

A relação entre espaço e sociedade evolui no tempo, na medida em que o modo produção e reprodução da existência “imprimirá características históricas específicas a esta sociedade e conseqüentemente influenciará e direcionará o processo de produção espacial”. (CARLOS, 1994). Todo o processo social pelo qual o Lagoa do Nado passa influi diretamente em como o espaço é produzido e transformado no parque. Isso também influi em como ele é apropriado pela população local.

Em 2014, o Centro Cultural Inter-Regional Lagoa do Nado foi transformado em Centro de Referência da Cultura Popular e Tradicional Lagoa do Nado, passando a abrigar acervos importantes que representam as mais variadas expressões da cultural belo-horizontina. O Lagoa do Nado foi escolhido para abrigar o centro de referência,

pois se consolidou como um “importante local de formação sociocultural, grandemente apropriado pela comunidade local”, mantendo sua vocação de acolhida da cultura e de promoção da cidadania. (TRADIÇÃO, 2015²² p. 5).

O Parque Municipal Fazenda Lagoa do Nado ainda é muito utilizado pela população belo-horizontina, apesar das diversas reclamações sobre a segurança pública do lugar. São realizadas ações da PBH para melhorar o parque nesse aspecto, mas nem sempre elas são eficientes. Seu espaço abarca diversas atividades que são atrativas tanto para os usuários regulares quanto para os novos usuários. Durante as entrevistas, foi notável perceber como o Lagoa do Nado influencia na qualidade de vida dessas pessoas.

Esse parque aqui representa tudo de bom. Aqui é o lugar que a gente diverte, é o lugar que a gente tem para divertir com os colegas. É tudo de bom. (ENTREVISTADO 16, 2019).

[O parque] é um tempo de lazer com os meus filhos, então é o tempo de eu ficar com os meus filhos e brincar. O parque aqui é muito bom, inclusive eu acho até que Belo Horizonte deveria ter mais parques como esse, pois a convivência é boa e a gente vê que tem segurança, pois os guardas municipais estão sempre aqui e eu me sinto segura de estar num ambiente público. (ENTREVISTADO 15, 2019).

Eu acho que é um momento para a população ter lazer mesmo, ele incentiva isso. É um bom espaço para as pessoas interagirem. (ENTREVISTADO 11, 2019).

Muitos grupos sociais têm o parque como um ponto de encontro. Há o grupo que joga peteca todos os finais de semana (figura 34), o grupo que vem para andar de skate, os pais que trazem as crianças para se divertirem ao ar livre (figura 35), os usuários da biblioteca que sempre passam para buscar livros e dos esportistas, que sempre marcam presença nos campos. Além dos usos tradicionais, sempre é possível se esbarrar nas festividades de alguma escola que utiliza o espaço para promover seus encontros; em pessoas fazendo fotos para alguma ocasião especial; ou em pais fazendo piquenique com seus filhos (figura 36).

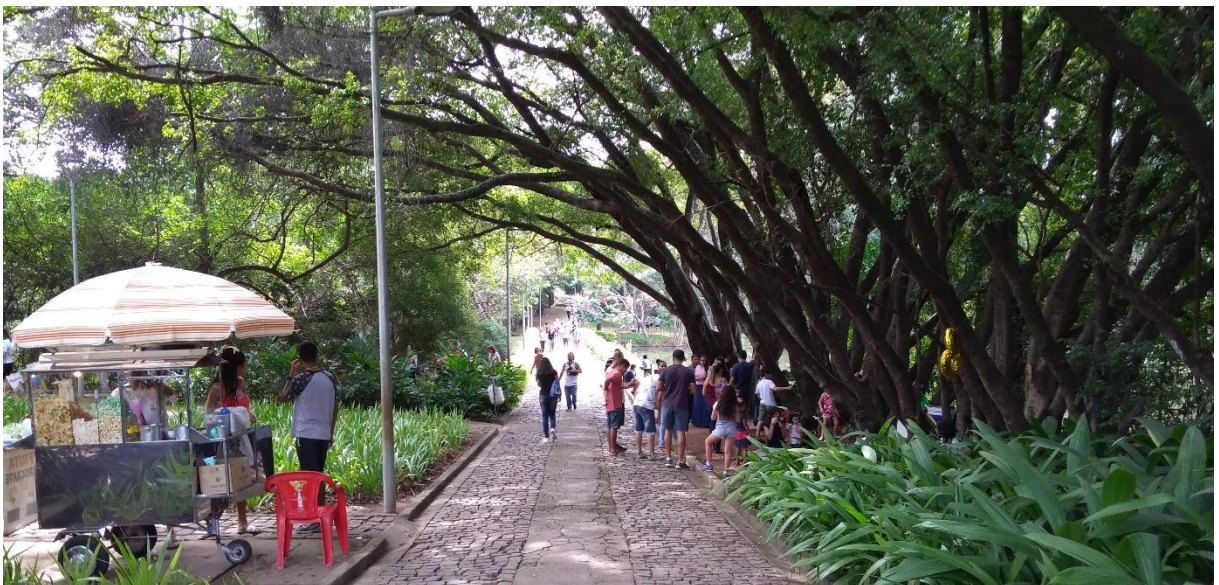
²² Catálogo da exposição de longa duração, inaugurado no Centro de Referência da Cultura Popular e Tradicional Lagoa do Nado, em dezembro de 2014. Livro consultado na Biblioteca do Museu Histórico Abílio Barreto.

Figura 34: Usuários jogando peteca num sábado de manhã.



Fonte: Pesquisa da autora, 2019.

Figura 35: Pais trazendo seus filhos para visitarem o Parque Municipal Fazenda Lagoa do Nado durante o final de semana.



Fonte: Pesquisa da autora, 2019

Figura 36: Pais fazendo piquinique com seus filhos durante a festa da escola.



Fonte: Pesquisa da autora, 2019.

A diversidade de pessoas que frequentam o parque pelos mais diversos motivos corroboram o Lagoa do Nado como um símbolo que integra a sua paisagem ao imaginário social, tal como muitos outros bens vinculado ao patrimônio. Na entrada principal do parque há um totem que conta toda a trajetória do Lagoa do Nado, reforçando a luta que foi para ter o parque do jeito que é hoje (figura 37).

Figura 37: Totem com a história do parque, colocado na entrada principal.



Fonte: Pesquisa da autora, 2019.

Atualmente, o Parque Municipal Fazenda Lagoa do Nado está consolidado no tecido urbano e, ao que tudo indica nesse trabalho, não há riscos iminentes da perda deste espaço do espaço físico para outros interesses que regem a cidade de Belo Horizonte. Entretanto, é necessário cuidar do espaço para que não perca sua apropriação e uso, pois são eles que dão sentido a ele. Para tal, é necessário que as ações do centro de referência e da biblioteca continuem e que elas sejam mais divulgadas para a sociedade, inclusive por meio das mídias sociais.

O valor social, portanto, depende dos mecanismos de apropriação e na maneira em que os grupos sociais investem sentido no objeto (FREIRE, 1997). Sendo assim, a força que o Lagoa do Nado possui atualmente está vinculado à essa apropriação que vem sendo construída desde antes do início do movimento na década de 1980. Afinal, é a partir da apropriação que as relações sociais são estabelecidas fazendo os processos sociais produzirem e reproduzirem o espaço dentre o meio natural e cultural.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os acontecimentos que permeiam a história de fundação do Parque Municipal Fazenda Lagoa do Nado se destacam no cenário belo-horizontino. O engajamento de um grupo de jovens com a preservação ambiental e cultural da área verde criou marcas e significações naquele espaço. Durante o desenvolvimento urbano das regiões Norte e Pampulha, ao longo da expansão urbana de Belo Horizonte, o Lagoa do Nado foi uma das únicas áreas não parceladas. Isso se deu, inicialmente, pelo fato de a propriedade pertencer à uma família que possuía um alto nível de influência em BH, os Gianetti.

A imponência da propriedade e seu simbolismo se iniciam, principalmente, devido a esse fato. A presença dos Gianetti na propriedade, somado à expressividade da área verde existente, imprimiu marcas no espaço, marcando-o como um lugar especial para os moradores da época. Os moradores da região podiam visitar a fazenda em dias específicos, mas ela também era utilizada de forma clandestina estabelecendo laços afetivos destes usuários com o espaço. Desse modo, o elo da propriedade privada se misturava com um uso público naquele período, ainda que de forma limitada.

Em seguida, após o abandono da propriedade pelos Gianetti, os moradores e usuários se viram diante de uma área expressiva que ia se degradando aos poucos, apesar de servir como lugar de encontro. O uso do espaço por esta parcela da comunidade foi o suficiente para que a fazenda fosse declarada como área de utilidade pública, em 1973, mas não o suficiente para evitar sua desapropriação para os avanços imobiliários em 1981.

Após a notícia da desapropriação e com a possibilidade concreta de perderem esse equipamento de lazer que já se tornara importante para a região, o grupo de jovens que utilizavam a área com frequência se mobilizou para mostrar ao poder público que aquele espaço deveria ser um parque, e não um conjunto habitacional. A ação do grupo se pautou nas diversas formas de apropriação que o espaço proporcionava, e em como esse espaço possibilitava a construção das relações sociais, das afetividades e da cidadania.

Os inúmeros grupos sociais que compõem a sociedade possuem identidades que permitem aos seus membros se situarem no contexto social e urbano. As diversas

identidades que se constroem no espaço urbano são, por vezes, conflitantes e estão sujeitas à ação de outros grupos sociais que dificultem sua presença no espaço. Enquanto o Lagoa do Nado era uma fazenda, estabelece-se uma determinada identidade para esses grupos. Assim, eles se identificam a partir da presença de uma família imponente e poderosa no bairro recém-criado. Após o abandono da área, há a construção de uma nova forma de identificação. Para alguns, era uma área de vulnerabilidade, para outros grupos, era uma oportunidade de lazer e de criar laços afetivos.

Durante o movimento, mais uma vez temos uma nova relação de identidade e identificação sendo construída. A construção de uma afetividade dos grupos existentes com o espaço, por intermédio das festas, o legitima como um lugar de lazer, no qual as relações sociais são construídas e corroboradas ao longo do tempo. Portanto, a apropriação e a afetividade criada no espaço o ressignificam para um espaço de lazer agradável, que oferece a chance de estar em contato com a natureza dentro de uma cidade.

Desse modo, a singularidade dos acontecimentos em torno do Lagoa do Nado demonstra como as relações sociais e afetivas permitem ao homem adaptar o espaço conforme sua necessidade ao mesmo tempo que estabelece identificações que se fixam na memória coletiva e instrumentalizam o imaginário social para sua própria construção identitária.

Afinal, a memória coletiva não é simplesmente a reconstituição do passado e tampouco o passado é compreendido no presente tal como ele ocorreu em sua totalidade. A representação da memória e sua aura simbólica nos situa em um dado espaço e possibilita e nos sentimos parte de algo em um processo de identidade.

A pluralidade de identidades constituídas no espaço do Lagoa do Nado permitiu aos indivíduos e a sociedade do entorno um certo número de processos de identificação a partir da apropriação do espaço. Se os bens patrimoniais devem ser postulados pela sociedade a partir de cada contexto social e cultural, entendemos que o Lagoa do Nado é um patrimônio cultural de Belo Horizonte.

A partir deste estudo, foi possível refletir que os processos de construção das memórias e das identidades são importantes para a inserção social no patrimônio. A Memória e a identidade permitem o estabelecimento de uma relação temporal entre o

passado e presente que, por sua vez, cria um sistema simbólico de representações e reproduções que nos guiam no convívio social e na apropriação do espaço urbano.

São nos espaços que os seres humanos criam laços uns com os outros, essencialmente, no seu uso público, em que as trocas podem ser estabelecidas de forma mais aberta. No estudo em questão, as relações existentes moldaram o espaço e a forma de apropriação do espaço pelas crianças e adolescentes que cresceram no entorno da antiga Fazenda definiram a significação do espaço para a população local.

A apropriação está intrinsecamente relacionada com os vínculos afetivos que os usuários têm com o lugar diante da sensação de pertencimento social dentre suas atividades culturais e ambientais. No caso em questão, a apropriação deste espaço urbano acarretou várias práticas de desenvolvimento que vão desde a participação social do grupo envolvido à preservação de um espaço cultural público para as próximas gerações.

Tanto a construção das identidades quanto a produção do espaço social acontecem no interior do tecido social. As formas urbanas definem e são definidas pelo cotidiano da sociedade. As formas do passado são constantemente ressignificadas no jogo dialético da produção do espaço e dos processos sociais que alteram a paisagem urbana existente.

As formas antigas são chamadas a ocuparem novos postos no cotidiano da sociedade a partir da colocação de novos significados e novos valores no ambiente construído. O movimento social pela criação do parque fez uma fazenda privada se transformar em um parque público.

É na cidade que os imaginários, projeções inconscientes e lembranças se projetam e refletem os sistemas simbólicos de cada grupo presente nela. A experiência de mobilização criou no espaço do Lagoa do Nado um aporte físico e imaterial da memória. A prática social foi responsável pelas transformações nos sistemas, elementos estruturais e dos símbolos deste lugar. Desse modo, o exercício de lidar com o espaço urbano deve levar em consideração a teoria social e os contextos que regem as mudanças do espaço.

Este estudo não pretende esgotar os assuntos abordados, associamos a fundação do Parque Lagoa do Nado às questões do patrimônio cultural e da produção do espaço cultural, principalmente pela via da memória e da identidade. O Lagoa do

Nado é um espaço complexo com significados que o torna um espaço singular no contexto belo-horizontino. Nessa dissertação exploramos o simbolismo e significado que abrange o processo de criação do Lagoa do Nado, que reverbera até os dias atuais.

Nessa visão, esse lugar serve de exemplo para a concepção de apropriação do espaço público para a construção de um processo identitário que penetrou na memória social da população do entorno e transformou seus sistemas simbólicos no que tange as suas representações e ações na cidade. Estudos futuros podem redimensionar esse olhar ou podem exportar essa experiência para outros casos possíveis de apropriação coletiva de um bem cultural e natural no contexto urbano brasileiro.

Portanto, os acontecimentos presentes na história de fundação do Parque Municipal Fazenda Lagoa do Nado estabeleceram aquele espaço como um lugar de memória para aquela comunidade. Este lugar é fruto da ação de uma parcela da comunidade local que estava diretamente engajada na sua preservação e seu significado simbólico. A partir deste estudo, verificou-se como a participação popular é pertinente para a apropriação do espaço urbano dentre suas perspectivas culturais e ambientais, inclusive na sociedade brasileira marcada por diversas formas de exploração do poder público e privado.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Mauricio de Almeida. Sobre a memória das cidades. in: FRIDMAN, Fania; HAESBAERT, Rogério (Orgs.). **Escritos sobre espaço e história**. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

ARQUIVO PÚBLICO DA CIDADE DE BELO HORIZONTE. **Histórias de bairros [de] Belo Horizonte**: Regional Pampulha. Belo Horizonte: Arquivo Público da Cidade, 2011.

_____. **Histórias de bairros [de] Belo Horizonte**: Regional Centro-Sul. Belo Horizonte: APCBH; ACAP-BH, 2008a.

_____. **Histórias de bairros [de] Belo Horizonte**: Regional Venda Nova. Belo Horizonte: APCBH; ACAP-BH, 2008b.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL ECOLÓGICA LAGOA DO NADO. **7º Festa da Lagoa do Nado**, 1989. Relatório e Solicitação de apoio.

_____. **Pesquisa Parque Fazenda Lagoa do Nado**, 1984. Formulário e Relatório.

BACZKO, Bronislaw. **Imaginação Social**. Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1985, Volume 5.

BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Cultura. **Projeto de Implantação do Centro Cultural Inter-Regional Lagoa do Nado**. Mar. 1991.

_____. Lei 6.292, de 23 de dez. de 1992. **Altera a estrutura organizacional da administração direta da prefeitura municipal de belo horizonte, prevista na lei nº 5.562, de 31 de maio de 1989, e em suas alterações posteriores, e dá outras providências**. Belo Horizonte, MG, dez. 1992.

_____. Lei Orgânica do Município de Belo Horizonte, de 22 de mar. de 1990. **Lei Orgânica do Município de Belo Horizonte**. Belo Horizonte, MG, mar. 1990.

_____. Decreto n. 2.408, de 05 de set. de 1973. **Declara de utilidade pública, para fins da desapropriação, terrenos que menciona**. Belo Horizonte, MG, set. 1973.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica**. Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BRUSADIN, Leandro Benedini. **História, turismo e patrimônio cultural**: o poder simbólico do Museu da Inconfidência no imaginário social. Curitiba: Editora Prismas, 2015.

CANCLINI, Nestor G. **Imaginários Urbanos**. 1ª ed. Buenos Aires: Editorial Universitária de Buenos Aires, 1997.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A (re)produção do espaço urbano**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____, Manuel. **O Poder da Identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CONCEIÇÃO, Ariane F.; ALVES, Nara. B. C. Cooperar ou associar: simetrias e diferenças entre organizações sociais. In: **Anais XV Jornadas Nacionales de Extension Rural y VII Del Mercosul**, 2010, San Luiz/Ar.

CONSELHO INTERNACIONAL DE MONUMENTOS E SÍTIOS. **The Burra Charter**: The Australia ICOMOS Charter for Places of Cultural Significance. Austrália: ICOMOS, 2013.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

DODEBEI, Vera. **O que é memória social**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2005.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. 6ª ed. Portugal: Edições 70, 1993.

ENTREVISTADO 4. Entrevista concedida a Danielle Barroso Caldeira. Belo Horizonte, 16 jan. 2019.

ENTREVISTADO 11. Entrevista concedida a Danielle Barroso Caldeira. Belo Horizonte, 15 fev. 2019.

ENTREVISTADO 15. Entrevista concedida a Danielle Barroso Caldeira. Belo Horizonte, 11 mai. 2019.

ENTREVISTADO 16. Entrevista concedida a Danielle Barroso Caldeira. Belo Horizonte, 11 mai. 2019.

ENTREVISTADO 17. Entrevista concedida a Danielle Barroso Caldeira. Belo Horizonte, 11 mai. 2019.

FREIRE, Cristina. **Além dos mapas:** os monumentos no imaginário urbano contemporâneo. São Paulo: Sesc – Annablume, 1997.

GANDIN, Danilo. **A prática do planejamento participativo.** 10ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

GARCIA, Luiz Henrique Assis; GOZAGA, Clarita Ribeiro. **Lagoa do Nado:** um lugar e suas histórias – Sítio, Parque, Centro de Cultura. Belo Horizonte: Museu Histórico Abílio Barreto, 2009.

GONDAR, Jô.: Quatro Proposições sobre Memória Social, in: GONDAR, Jô;

HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva.** São Paulo: Centauro, 2003.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IZQUIERDO, Iván. **Memória.** Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

JEUDY, Henri-Pierre. **Memórias do Social.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas: Editora Unicamp, 2003. 5ª. Edição.

LEFEBVRE, Henri. **La production de l'espace.** Paris: Ed anthropos, 1974.

LEMOS, Celina Borges; PENIDO, André Reis. **Relatório Técnico de Avaliação e Apropriação Espacial e Arquitetônica da Lagoa do Nado.** (Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte). Belo Horizonte, 1991.

LIMA, Sheila Ferreira. **A construção da experiência urbana no lugar** [manuscrito] : as relações comunicativas e a produção de sentidos no Parque Fazenda Lagoa do Nado. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, 2000. (Dissertação de Mestrado).

LUTTERBACH, Angela A. **Associação Cultural Ecológica Lagoa do Nado**: um estudo exploratório. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 1993. (Dissertação de Mestrado).

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MARTINS, Clerton (Org.). **Patrimônio cultural**: da memória ao sentido do lugar. São Paulo: Roca, 2006.

MENESES, José Newton Coelho. **História e turismo cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Os “usos culturais” da Cultura**. Contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais. In: YAZIGI, Eduardo e outros. Turismo, espaço, paisagem e cultura. São Paulo: HUCITEC, 1996.

MUNHOZ, Deborah E. A. **Parques urbanos**: Para que(m) construir? Para que(m) conservar? Estudo do processo de implantação do Parque Fazenda Lagoa do Nado. Belo Horizonte: Escola de Engenharia da UFMG, 1996. (Dissertação de Mestrado).

OFÍCIO... **SMC/GAB/OF nº 74/92**. Secretaria Municipal de Cultura (Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte). 09 de mar. 1992.

OLIVEIRA, Andréa Cristina de Jesus. Movimentos Sociais Urbanos: um breve histórico. **Cadernos de Campo**. São Paulo, nº 6. 1999.

OLIVEIRA Jr, Vicente de Paulo Augusto de; CUNHA FILHO, Francisco Humberto. Participação da comunidade na proteção ao Patrimônio Cultural: uma análise do Decreto-Lei Nº 25/1937 à luz da Constituição Federal de 1988. **Veredas do Direito**, Belo Horizonte, v 11, nº 21, jan/jun. 2014. p. 215 – 253.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. **Parque Lagoa do Nado: gestão de área verde urbana**, 19-?. Relatório.

_____. **Parque Lagoa do Nado: aberto para balanço**, 1994. Relatório.

_____. **Reestruturação da Biblioteca do Centro Cultural Interregional Lagoa do Nado**, 1993. Relatório.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. 3ª edição. São Paulo: HUCITEC, 1986.

_____, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE. Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. **Histórico Parque Municipal Lagoa do Nado**, 1979. Relatório.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Mudar a Cidade**: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

TEIXEIRA, Clotildes Avellar. **Memória em movimento**: história do movimento de luta para a criação do Parque Fazenda Lagoa do Nado. Belo Horizonte: Associação Cultural Ecológica Lagoa do Nado, 2004.

TOFANI, F. P. **Erejakasó piáng?** As Culturas Sambaqueira, Aratu, Tupiguarani e Portuguesa e a Produção do Espaço do Extremo Sul da Bahia, Brasil. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2008, 494p. (Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Geografia).

Tradição e Resistencia: sujeitos, práticas e memórias da cultura popular em Belo Horizonte. Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura, Centro de Referencia da Cultura Popular e Tradicional Lagoa do Nado, 2015.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**. São Paulo: Difel, 1983.

VALLA, Victor Vicent. Sobre participação popular: uma questão de perspectiva. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 14, Suplemento 2, 1998, p. 7 – 18.

7. APÊNDICE A

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DEPOIMENTOS E ENTREVISTAS

Eu, _____, portador do RG/CPF _____, após conhecer e entender os objetivos e procedimentos metodológicos da pesquisa realizada para a elaboração da dissertação de mestrado intitulada PATRIMÔNIO CULTURAL E ENTIDADES ASSOCIATIVAS: A CRIAÇÃO E PERMANÊNCIA DO PARQUE MUNICIPAL LAGOA DO NADO, EM BELO HORIZONTE (MG), de autoria de Danielle Barroso Caldeira, orientada pelo Prof. Dr. Leandro Benedini Brusadin, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável da Universidade Federal de Minas Gerais, onde a mesma está registrada sob o número de matrícula 2017713982, declaro estar ciente e de acordo com a minha participação neste estudo. Tenho ciência da necessidade de uso do meu depoimento e autorizo, através deste termo, a utilização e publicação total ou parcial do mesmo na supracitada dissertação por meio da referência de “ENTREVISTADO _____”.

Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será gravada e posteriormente transcrita. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica e que os dados obtidos não serão divulgados externamente, a não ser com prévia autorização e que, neste caso, será preservado o anonimato dos participantes.

Belo Horizonte, ____/____/____

Nome Completo:

RG/CPF:

8. ANEXO I

UC-3.2

LAGOANADO

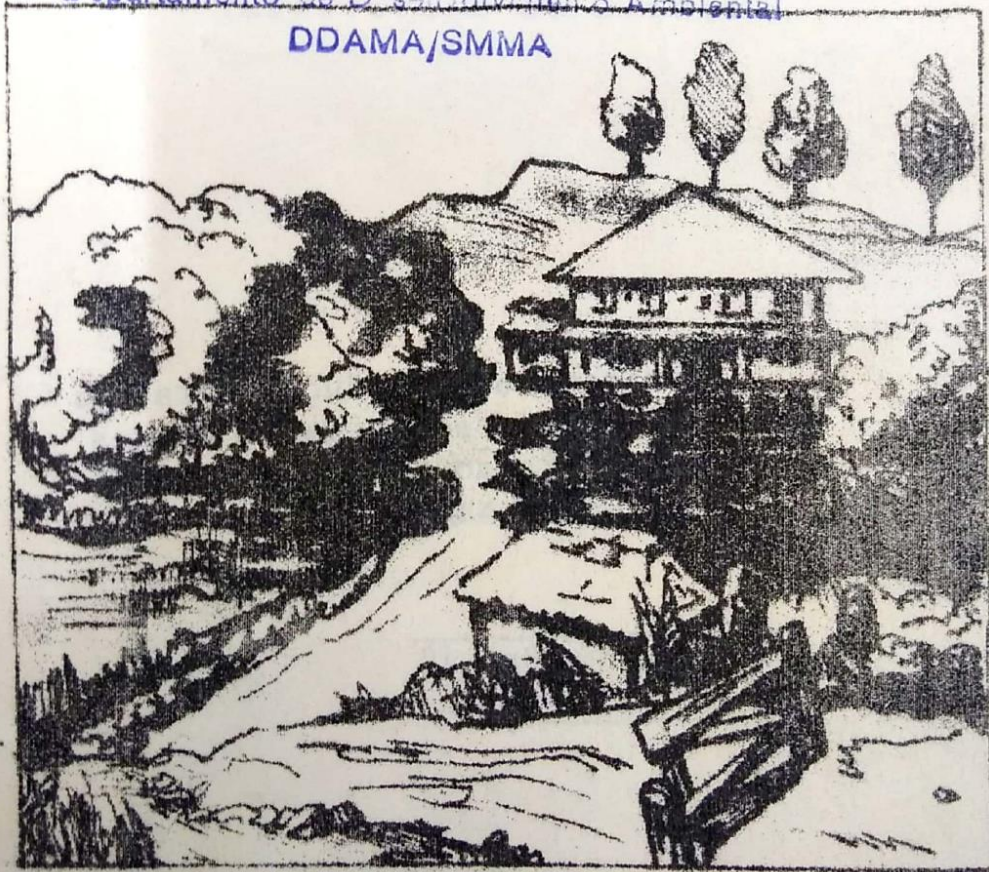
UMA LUTA PELA

NATUREZA

Rogério Salgado

Departamento de Desenvolvimento Ambiental

DDAMA/SMMA



LITERATURA DE CORDEL

(c) by Rogério Salgado - Tel: 4411389
 Capa: Paulo Ricardo (Phormiga)
 Impressão: Associação Lagoa do Nado

Rogério Salgado

L A G O A D O N A D O

- Uma luta pela natureza -

(Literatura de Cordel)

Proibida a reprodução total ou parcial, sem a autorização expressa da Associação Cultural e Ecológica Lagoa do Nado.

Impresso no Brasil
 Printed in Brazil

1984

A BUSCA DA LIBERDADE

O sonho existe. Para que se torne realidade, basta lutar e porque não dizer, brigar. A evolução acarreta prejuízos. Sim, o sistema capitalista vigente, corroi a vida, o ser. É uma corrida louca e desumana.

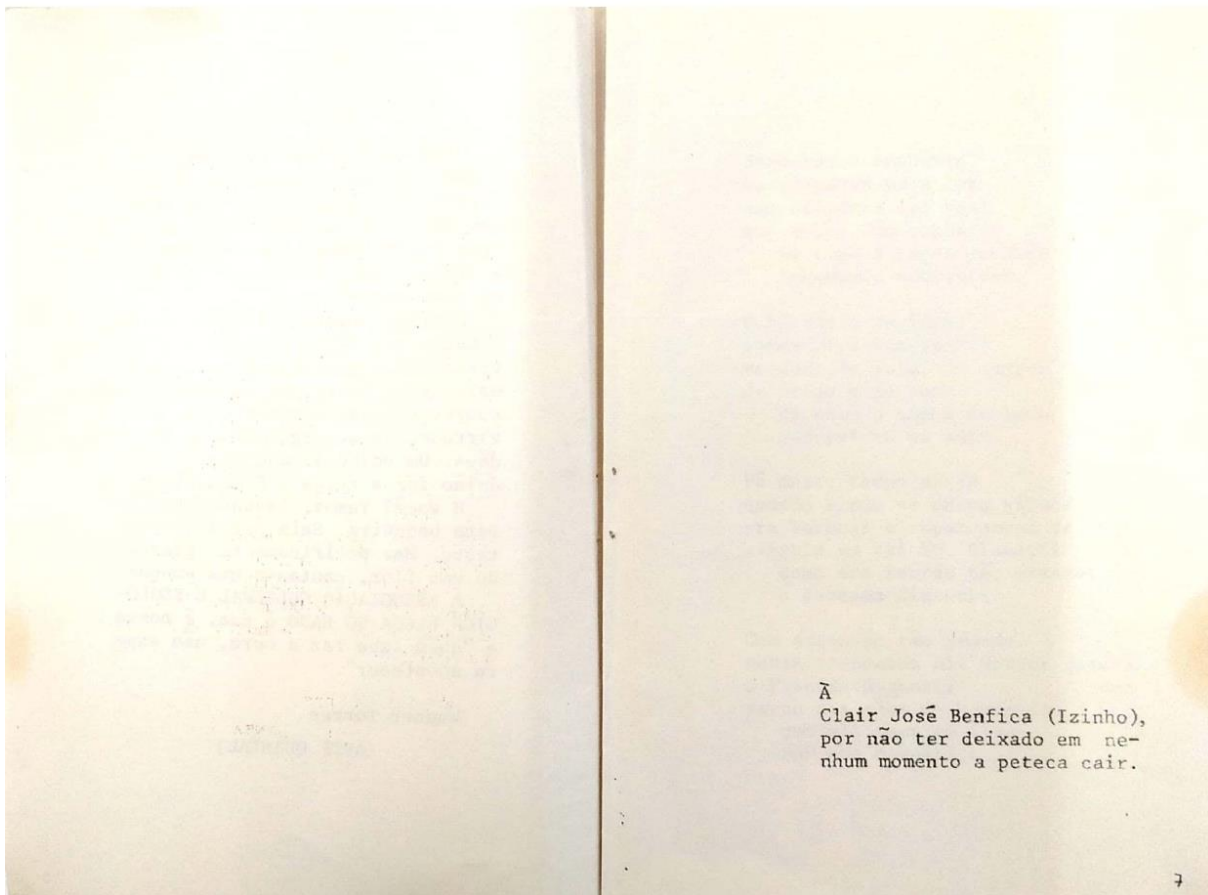
Ecologicamente falando, matas e matas são devastadas pelo progresso. E é preciso, antes de mais nada, protestar em prol da sobrevivência. Nunca abolir essa virtude, de se organizar em multidões. Um velho ditado diz: "A união faz a força". E como!!!

E você? Vamos, levante também esta bandeira. Saia por aí e proteste. Mas pacificamente, plantando uma flor, cantando uma emoção.

A ASSOCIAÇÃO CULTURAL E ECOLÓGICA LAGOA DO NADO é sua, é nossa e "quem sabe faz a hora, não espera acontecer".

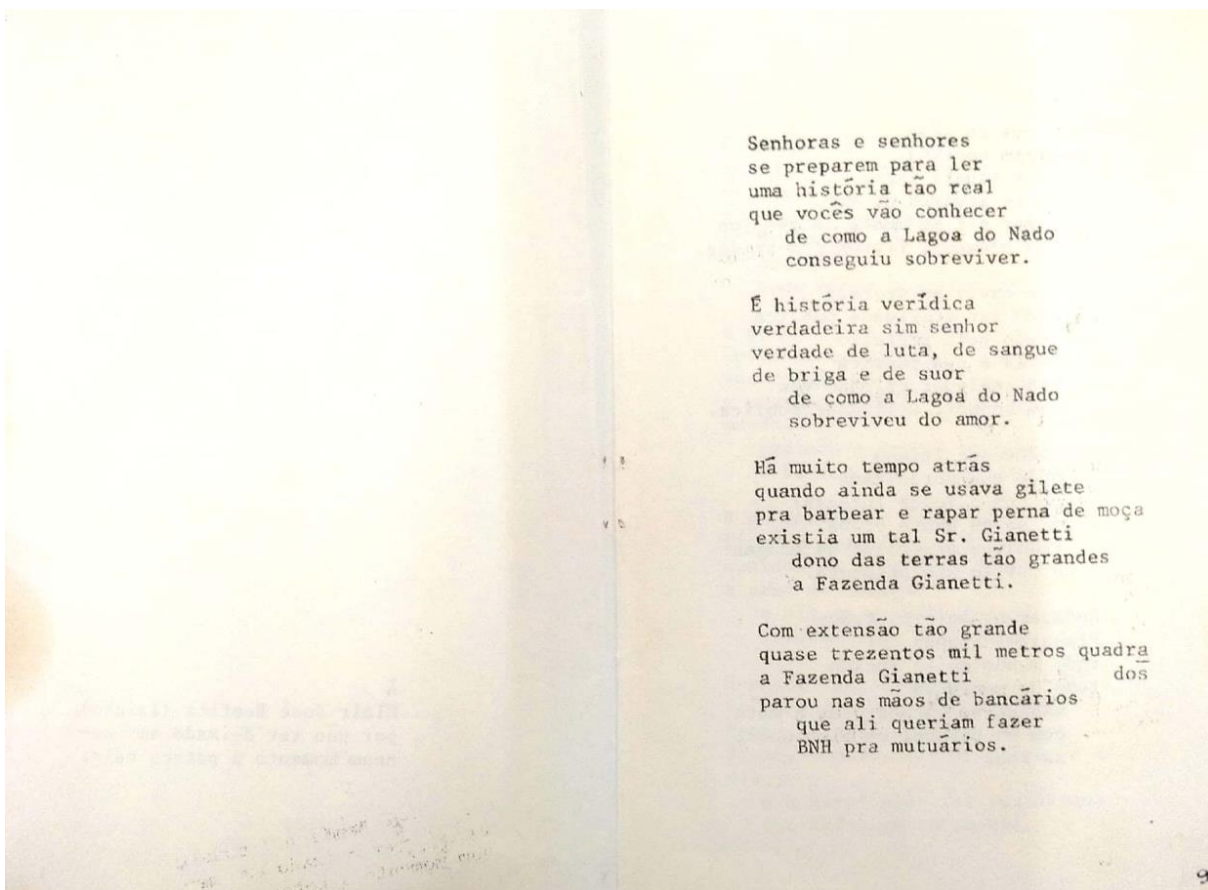
Wagner Torres

(ARTE QUINTAL)



À
Clair José Benfica (Izinho),
por não ter deixado em ne-
nhum momento a peteca cair.

7



Senhoras e senhores
se preparem para ler
uma história tão real
que vocês vão conhecer
de como a Lagoa do Nado
conseguiu sobreviver.

É história verdadeira
verdadeira sim senhor
verdade de luta, de sangue
de briga e de suor
de como a Lagoa do Nado
sobreviveu do amor.

Há muito tempo atrás
quando ainda se usava gilete
pra barbear e rapar perna de moça
existia um tal Sr. Gianetti
dono das terras tão grandes
a Fazenda Gianetti.

Com extensão tão grande
quase trezentos mil metros quadra
a Fazenda Gianetti dos
parou nas mãos de bancários
que ali queriam fazer
BNH pra mutuários.

9

Meu Deus do céu
 imaginem vocês
 aterrar aquela lagoa
 tirar as árvores de vez
 Fazer ali um monte de prédios
 sem plantas, frutos, sem aridez.

Só que havia um decreto
 dizendo ser utilidade pública
 assinado pelo prefeito
 tinha lá a sua rúbrica
 pra qualquer cristão ver
 sim senhor, utilidade pública.

Acontece que Izinho
 um moço que acreditava
 junto com o Verde Integral
 e uma pá de gente braba
 resolveu arregaçar as mangas
 e partiu pra passeata.

Andaram os bairros todos
 Planalto, Itapoá
 todo mundo muito lúcido
 tudo de mente sã
 não deixar acabar com a mata
 com os peixes, os bichinhos,
 as rãs.

Passeata tão bonita
 nunca antes teve por lá
 veio até a Rede Globo
 pra querer documentar
 crianças, adultos, mulheres e
 homens
 todo mundo a protestar.

E de políticos contra e a favor
 Governador, Deputado, apoiou
 não deixou as coisas na mesma
 e pra assembleia requerimento
 mandou
 pedindo o Parque pros moradores
 o Parque que o povo sonhou.

E os moradores foram além
 fizeram uma Associação
 munidos da arma mais doce
 a arma do coração
 e ali na própria Fazenda
 fizeram sede no Casarão.

E entre tantos outros
 foi constituída uma diretoria
 tendo Izinho, João Bosco, Lor
 Bruno, Rômulo, ali de noite e de
 dia
 e a Associação foi registrada
 com todos em companhia.

11

Fizeram uma festa bonita
 em outubro de 83, dia dois
 veio cantores, poetas
 até balé teve depois
 um dia que ficou na história
 repetindo: outubro, dia dois.

E durante um dia inteiro
 até o sol se por
 o povo ficou ali
 apoiando com calor
 aquela festa tão precisa
 de consciência e amor.

E assim continuou a luta
 o Grupo Verde Integral
 na esperança de um Parque
 qualquer solução real
 foram parar até na Câmara
 numa briga feia e mal.

E da Câmara à Prefeitura
 depois Palácio do Governador
 ficou sabendo na papelada
 que realmente alguém aprovou
 parece que agora o Parque
 é a realidade que o povo
 sonhou.

A notícia foi saída
 por um amigo da Câmara
 vereador cabra macho
 que não coloca o galho dentro
 agora já não se é sonho
 depois de tantos e tantos anos.

Mas a batalha não findou
 ainda continua
 com a luta e o suor do corpo
 até sangrar em carne crua
 a Fazenda há de ser Parque
 pra ser visto em noite de lua.

Há de ter de tudo um pouco
 como os moradores querem
 balanço, gangorra, campo de volei
 futebol pra todos jogarem
 barzinho pra cervejinha
 pros moradores ali tomarem...

Vai ter lugar farto
 pra casal de namorado passear
 fazer juras de amor eterno
 até o sol raiar
 casais tão lindos
 no Parque hão de namorar.

13

Agora só falta mesmo
 é a gente esperar
 que seja promessa cumprida
 o Parque se transformar
 em realidade tão nossa
 que tanto ficamos a sonhar.

Lã vamos nós continuar
 A luta pelo que queremos
 Grupo Verde Integral
 Outros grupos também de igual
 Apoiados pelos moradores

Dos bairros Planalto e Itapoã
 Onde se situa a Lagoa do Nado

Na conquista desse parque
 Antes tanto sonhado
 Dádiva de Deus Divino
 Onde será realizado
 a Associação, o Parque
 por fim inaugurado.

E assim termina aqui
 esse cordel por mim contado
 a história de tantas lutas e glórias
 da Fazenda Gianetti, Lagoa do Nado...

DO AUTOR

TONTINHO (Conto) - Edição Independente

MEU ÍNTIMO (Poesias) - Editora Arte Quintal.

15



UMA EDIÇÃO DA
 ASSOCIAÇÃO CULTURAL E
 ECOLÓGICA LAGOA DO NADO
 TEL: 443-2344



APOIO CULTURAL
 JORNAL-REVISTA
 ARTE - QUINTAL
 CAIXA POSTAL 836 BH-MG

PATROCÍNIO

FOTON LUMEN
 ELETRÔNICA

441-7569



ESPECIALIZADA
 EM CONSERTOS DE:

TV A CORES PRETO E
 BRANCO - AP. SOM -
 INSTALAÇÕES E VENDAS
 DE SOM PARA AUTOS

Av. Gal. Olímpio Mourão Filho, 361
 Planalto - BH